

MARILI BASSINI

**RELIGIÃO E IDENTIDADE ÉTNICA: A PRIMEIRA IGREJA BATISTA LETA DE
NOVA ODESSA (1906 - 1922 e 1980 - 2002)**

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de História do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação da
Professora Doutora Eliane Moura da
Silva.

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida e
aprovada pela Comissão Julgadora em
26 de 02 de 2003.

BANCA

Profª Drª Eliane Moura da Silva (DH – UNICAMP – orientadora)

Profª Drª Celia Maria Marinho de Azevedo (DH – UNICAMP)

Prof. Dr. José Luiz dos Santos (DA – UNICAMP)

Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari (DH – UNICAMP – suplente)

FEVEREIRO de 2003

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE	80
Nº CHAMADA	11011411P
	B294r
V	EX
TOMBO BC	53110
PROCC.	124103
C <input type="checkbox"/>	D <input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	12.411,00
DATA	15/09/03
Nº CPD	

CM00182173-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

BIB 17 288057

B294r

Bassini, Marili

Religião e identidade étnica : a Primeira Igreja Batista
Leta de Nova Odessa (1906-1922 e 1980-2002) / Marili
Bassini. -- Campinas, SP : [s.n.], 2003.

Orientador : Eliane Moura da Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Identidade étnica. 2. Letonia - Migração. 3. Nova
Odessa (SP). I. Silva, Eliane Moura da. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.

RESUMO

A proposta desta dissertação é discutir o processo de construção das identidades religiosa e étnica de um grupo de imigrantes da Letônia no começo do século XX e de seus descendentes a partir da década de 1980, na cidade paulista de Nova Odessa.

ABSTRACT

The proposal of this dissertation is to discuss about the process of religious and ethnic identities building of a immigrant group from Latvia in the beginning of 20th century, and of their descendents during the last two decades of the last century, in the city of Nova Odessa, São Paulo State.

20220493

AGRADECIMENTOS

Seria impossível agradecer a todas as pessoas que me ajudaram ao longo de todos esses anos. Vou tentar não cometer nenhuma injustiça.

Primeiramente, gostaria de agradecer à Prof^a Dr^a Eliane Moura da Silva, sem a qual jamais teria conseguido realizar este trabalho, pela atenção, profissionalismo, orientação e amizade nesses anos de pesquisa. Eliane, muito obrigada!

Agradeço à Prof^a Dr^a Lilia I. Z. de Medrano pela orientação do projeto de iniciação científica durante a graduação em História na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, que acabou sendo a base do trabalho de mestrado.

À professora Mirza B. Pelliciotta agradeço pelo incentivo em dar seqüência à pesquisa.

Agradeço aos membros da Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa, onde desenvolvi a pesquisa, e a todas as colônias letas espalhadas pelo Brasil e visitadas durante a pesquisa de campo.

Sou grata, em especial, aos amigos Renilson Rosa Ribeiro e Lúcio Menezes, pelas leituras e sugestões brilhantes e por todo apoio durante esses três anos de convivência.

Aos amigos Mairon E. Valério, Janaína Camilo, Karina K. Bellotti, Daniela Viana, Thomaz Barnezi, Karina R. Borges e Luciano C. G. Pinto, Vitória

Azevedo, Gustavo Tuna e Mariana O. Sales, pela amizade e aprimoramento intelectual que me proporcionaram.

Ao Prof. Dr. Paulo Miceli, meu amigo, com quem aprendi muito nesses anos. Obrigada, Paulo.

Aos professores, funcionários, direção e alunos do Curso e Colégio Méson de Sumaré, por todo incentivo e torcida nesse último ano.

À Profª Drª Celia M. Marinho de Azevedo. Professora, seus cursos foram imprescindíveis para minha formação.

Aos membros da banca de qualificação (Prof. Dr. Pedro Paulo Funari e Prof. Dr. José Luiz dos Santos) pelas sugestões que enriqueceram o trabalho.

Com carinho aos amigos Maria Antonieta (D. Nena) e Cícero.

Especialmente ao meu grande amigo Alexsandro César de Paula. Alecone, você sabe que não teria conseguido sem o seu apoio!

À minha família, pelas horas de convivência que lhes roubei.

Finalmente, agradeço a Deus.

“Quanto ao motivo que me impulsionou foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade – em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se poder pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e refletir”.

Michel Foucault, *História da Sexualidade –Vol. II.*

*Aos meus pais,
pelo carinho, dedicação e amor ao longo de todos esses anos.*

ÍNDICE

Introdução	01
Capítulo I – A Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa	19
1.1 Organização da Igreja em Nova Odessa	19
1.1.1 O Estatuto da Igreja	30
1.2 A imigração	37
1.2.1 A criação da cidade de Nova Odessa	41
1.3 A Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa: espaços de sociabilidade ...	45
1.3.1 O Departamento Feminino	51
1.3.2 Os aniversários da igreja	57
1.3.3 A Escola Dominical	60
1.3.4 União de Jovens ou Sociedade de Jovens	61
Capítulo II - Os espaços de construção cultural	67
2.1 Cultura Evangélica: o lar como princípio de evangelização	69
2.1.1 A oração: dos cultos domésticos à escola dominical.....	71
2.1.2 A importância das orações na vida das pessoas	79
2.2 O silêncio: meio pelo qual o crente se comunica com seu Salvador	91
2.3 A harmonia: o lar como representação de pureza e testemunho de fé	106
2.4 A disciplina: o controle pessoal em relação às atividades mundanas	115
Capítulo III – Etnicidade: as representações étnicas e religiosas	125
3.1 A recriação do idioma letão: a aula leta e a invenção da identidade étnica ..	125
3.2 Os Congressos da Associação Batista Leta do Brasil	139
3.2.1 A formação da Associação Batista Leta do Brasil	140
3.2.2 Signos, símbolos e representações religiosas	140
3.2.2.1 O propósito religioso dos Congressos	145
3.2.2.2 A invenção da identidade étnica	155
3.3 A “naturalização” da identidade	162
Conclusão	167
Bibliografia	171

INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar a comunidade leta da cidade de Nova Odessa se deu inteiramente pela curiosidade, propulsora de muitas atividades por nós realizadas, quando entramos em contato com a história da imigração e formação desta cidade. Por volta esta época, 1996, realizávamos um trabalho de Iniciação Científica e a nossa opção por uma linha teórica na História ainda estava em formação. Dessa forma, evoluímos juntamente com o objeto, ou seja, a clareza que tivemos a respeito dos fatos foi parte e consequência do processo de estudo e da dedicação à pesquisa de campo.

Aspectos de alteridade nos motivaram a entrar em contato com a comunidade que se dizia “leta”. Não possuíamos nenhuma afinidade com seus dogmas religiosos, tradição ou mesmo costumes e isso, foi de certa forma, um problema ao final da pesquisa.

Historiador e objeto foram se definindo ao longo da pesquisa e permaneceram em constante mudança, fosse pelo interesse em diversas direções, ou pelas mudanças culturais na produção do mundo pós-moderno.

Nosso trabalho espelha um questionamento enquanto organização cultural que determina o mundo social através de suas práticas e representações¹. O que mostramos nessa dissertação é como isso acontece em uma comunidade religiosa que inventa uma característica étnica para se diferenciar de outros grupos religiosos.

¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1987. p. 14.

As pesquisas realizadas sobre os imigrantes letos e seus descendentes no Brasil trazem, em sua maior parte, investigações de caráter econômico. Dados históricos referendam hipóteses relativas à construção de núcleos coloniais, políticas imigracionistas, organização e estrutura das fazendas de café – local onde os imigrantes de algumas regiões trabalharam – e sobretudo a ocupação do território nacional brasileiro². Estas investigações foram muito significativas para uma construção linear e uniforme da história, e por meio delas podem-se compreender aspectos econômicos, políticos e sociais valiosos sobre a história da imigração leta.

As impressões que tivemos da comunidade leta de Nova Odessa – nosso objeto de estudo –, quando começamos a pesquisá-la em 1996, apresentaram questões que não conseguiram ser respondidas pelos dados das pesquisas até então realizadas.

Explicar o título de nossa dissertação: **Religião e Identidade Étnica: A Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa – 1906-1922 e 1980-2002**, não é algo fácil devido à multiplicidade de significados que os conceitos de religião e identidade étnica podem trazer, ainda mais em períodos que, à primeira vista, não têm nada em comum³.

Começamos pela periodização. Escolhemos trabalhar com os primeiros anos de imigração leta em São Paulo, 1906 a 1922, quando imigrantes vieram da

² Ver a este respeito BOLDRINI, Maria Irani. *A imigração leta: o núcleo oficial de Nova Odessa*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989. Ver também: VASSILIEFF, Irina. *Imigração leta no Brasil: a experiência de Varpa na Alta Paulista (1922-1964)*. São Paulo: USP, 1979. TUPES, Milia. *Contribuição ao estudo da colonização no Estado de São Paulo – ensaio sobre a colônia de Varpa*. São Paulo: Coleção Museu Paulista, 1979.

³ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes – o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. pp. 15-34.

Letônia, para que pudéssemos compreender outro grupo: os descendentes letos dos últimos vinte anos. Como este último se auto-definia letão, procuramos entender de que forma isso acontecia. Para nós, no início da pesquisa, o mais óbvio seria examinar o primeiro período, contrastá-lo e aproximá-lo com o segundo, observando então o que havia “sobrado” da tradição dos primeiros imigrantes. Surgiu aí nossa surpresa.

Ao analisar esses dois períodos e realizar o exercício que propusemos, vimos que os grupos (que consideramos aqui, num primeiro momento, sem divisão: um grupo de imigrantes e outro de descendentes, mas posteriormente percebemos sua pluralidade e heterogeneidade deles), dos dois períodos de análise possuíam mais contrastes que aproximações e que também não havia uma concordância entre eles em suas respectivas épocas. O primeiro grupo, dos imigrantes, chegou ao Brasil em 1890. Sua característica forte era a religiosidade. O segundo grupo, de descendentes, era também religioso, mas se auto-identificava como letos, tentando se aproximar dos primeiros por intermédio de representações culturais que não fizeram parte das atividades do grupo de imigrantes ou que eram, ao menos, diferentes.

O contato com os descendentes e imigrantes letos – de levadas recentes – nos intrigava na medida em que estabelecíamos contato com a comunidade e freqüentávamos os cultos, encontros e festas da Igreja.

Fazia-se necessário, então, compreender conceitos de identidade étnica e definir o papel da religião para começar a analisar o grupo de descendentes.

Quanto à religião, Eliane Moura da Silva e Leandro Karnal, apresentam a definição mais aceita pelos estudiosos hoje, mas alertam para o fato de seu significado depender do contexto cultural observado:

“Religião é um sistema de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos dentro de universos históricos e culturais específicos”⁴.

Trabalhando entre as fronteiras da Antropologia e da História, começamos a fazer entrevistas com os descendentes mais velhos, visitamos suas casas, participamos das festas, e de congressos, entre outras atividades. A princípio, não tínhamos muita clareza a respeito de nossos objetivos, procurávamos apenas ouvir e presenciar as práticas culturais segundo a ótica do entrevistado em uma tentativa de observar e entender o grupo a partir de seu contexto, de seu meio, de suas práticas culturais.

Tornava-se necessária uma definição de identidade étnica. A partir das definições encontradas, começamos a compreender que havia uma diversidade de projetos, objetivos e realizações nas pessoas observadas. Assim, os grupos pesquisados de imigrantes e descendentes eram plurais entre e dentro de si, possuindo identidades complexas e diferentes. Há elementos construídos que se

⁴ SILVA, Eliane Moura da. e KARNAL, Leandro. *O Ensino religioso na escola pública do Estado de São Paulo*. São Paulo: CENP, 2002. p. 19.

tornam constituintes da identidade e geram sentimentos de aproximação com determinadas cultura, língua, raça, religião em geral⁵.

A partir da tentativa de se ouvir o que os descendentes letos falavam, das nossas visitas à comunidade e da leitura das atas da Igreja Batista, as “práticas culturais” ficaram mais claras. O descendente leto não era apenas *leto*, era um “leto batista”. Esta religião, trazida pelos imigrantes da Letônia, representava fator de coesão do grupo, intermediando todas as relações da colônia que passamos a enxergar como representações. Era o *ethos batista* um elemento fundamental. A visão de mundo, o modelo de caráter ideal, a qualidade de vida, as disposições morais e éticas e a ordem foram e são recriadas num espaço de sociabilidade que envolve uma identificação afetiva. Foram e são assumidas emocionalmente pelo grupo acomodam um estilo de vida que seus membros acreditam ser ideal ⁶, mas não sem conflitos. E, mesmo que eles existam, estes são negociados pelo grupo à luz do que foi assumido por todos: a religião.

Passamos vários finais de semana assistindo aos cultos na igreja durante os anos da pesquisa de campo e participando de suas atividades, sem contudo, expressarmos interesses em fazer parte da congregação. Evidentemente, ao longo desses anos, de 1996 a 2002, foram se intensificando os trabalhos dos membros da igreja em prol de nossa conversão.

⁵ HALL, Stuart. *A questão da Identidade Cultural*. Campinas: IFCH/Unicamp, 1998. Textos Didáticos. p. 8.

⁶ BARATA, Alexandre Mansur. *Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência (Brasil, 1790-1822)*. Campinas: Unicamp, 2002. Tese de doutoramento. pp. 13-15.

Diante dessas atividades que observamos e das quais participamos (congressos, festas, almoços), percebemos que muitas das características consideradas letas poderiam ser de qualquer natureza. Como exemplo, a festa do galeto existe em outras tantas comunidades, mas é uma especificidade reivindicada por descendentes letos. O grupo foi mostrando, cada vez mais, características religiosas e apenas em momentos específicos se tornava letos – a não ser no caso dos descendentes mais velhos que sempre fizeram questão de assumir sua identidade étnica/religiosa.

A igreja pesquisada, Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa, possui, nos dias de hoje, cerca de cento e cinqüenta membros quando somadas todas as missões e congregações em organização ou já formadas. A maior parte das pessoas é descendente de imigrantes: filhos, netos e bisnetos. Não temos dados quanto ao número de imigrantes no início da colonização em 1906, quando foi organizada a igreja. Na bibliografia consultada encontramos apenas a planta do Núcleo Colonial, sua concepção e organização, mas nada consta em relação a quantas famílias letas teriam ocupado as terras. As atas do início da igreja também se perderam, restando apenas um folheto de comemoração de um dos seus aniversários contendo referências à existência de cinqüenta membros no momento de sua organização. Provavelmente foram poucas as famílias que entraram em Nova Odessa, uma vez que – como veremos à frente – muitas famílias letas, logo após chegarem ao Brasil, voltaram para a Letônia.

Nos cultos de que participamos aos domingos de manhã na igreja, chegamos a contar cinqüenta pessoas presentes entre velhos, jovens e crianças. Nem todos eram membros: alguns eram visitantes e outros eram amigos e

parentes vindos de outras cidades. Portanto, trata-se de uma igreja pequena. É possível observar atualmente projetos distintos entre os descendentes de imigrantes letos, com interesses divergentes não só entre as diferentes gerações, mas também no interior das mesmas.

Aqui há a necessidade de fazermos algumas distinções. Os descendentes mais velhos é que fazem questão de serem chamados de letos. Conversam em leto nos jardins da igreja, respondem nesse mesmo idioma quando questionados, e nele cantam. Todos têm mais de quarenta e cinco anos e em sua maioria já ultrapassaram os sessenta anos de idade. É essa geração que ainda fala o leto e, mesmo vivendo conflitos interno, concorda quando se apresenta como leta e proclama ser a Letônia um país de cultura superior⁷. Os demais membros, jovens e pessoas com até quarenta anos, não falam o idioma, salvo algumas exceções, jovens que conviveram com os avós e aprenderam um pouco da língua. Em sua maioria, estão preocupados com a realização de suas atividades dentro e fora da igreja e participam de congressos como uma atividade batista e não devido a uma organização da “etnia” leta⁸. Foi dentro desses contrastes que procuramos desenvolver nossos estudos, tentando encontrar algo que fosse especificamente leto e que explicasse todo esse movimento de recriação da identidade étnica nos dias de hoje e a promoção desse interesse.

Pautando nossa análise nas abordagens da História Cultural, procuramos investigar as representações surgidas a partir de um sistema de

⁷ Abordaremos esse aspecto mais à frente, uma vez que seu significado foi entendido no transcorrer da pesquisa e envolve outras categorias de análise.

⁸ Com a aproximação do centenário da igreja, em 2006, está havendo todo um trabalho em cima da reconstrução da etnia, o que tem mudado a configuração e o interesse dos jovens da igreja.

crença, dos comportamentos religiosos, das relações familiares, das atitudes, dos rituais e das formas de sociabilidade⁹. Ou seja, procuramos realizar um trabalho na linha da História Cultural que procure identificar o modo como uma realidade social foi construída a partir das representações criadas pelos grupos, que lhe conferiram e conferem identidades¹⁰ ainda nos dias de hoje. Falamos de *identidade* utilizando o plural porque na medida em que observávamos a igreja, compreendíamos diferentes projetos entre os grupos que a compunham, variados interesses entre os indivíduos que formavam a membresia. Entretanto, isso foi percebido quando passamos a contrastar os interesses dos diferentes grupos de descendentes da igreja, tendo em vista os últimos dez anos, com os primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil, em 1890, e em Nova Odessa, em 1906.

O interesse do grupo de imigrantes da geração de 1906 era se firmar enquanto grupo religioso, ao em passo que o grupo de descendentes letos, atualmente, depois da religião batista já ter sido consolidada na cidade, deseja se afirmar enquanto grupo étnico.

Trabalhamos na perspectiva de aproximar alguns teóricos que, mesmo com posições diferentes, respondiam às nossas indagações. Utilizamos de Roger Chartier porque a idéia de símbolo desenvolvida por ele nos parece perfeitamente adequada ao trabalho de campo que desenvolvemos; como também ocorre com sua perspectiva sob o ponto de vista da documentação como representação cultural de um grupo. Dessa forma, do prisma teórico, acreditamos

Está também sendo esperado, para o evento, um certo número de visitantes da Letônia e de outras regiões do Brasil.

⁹ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1987. p. 14.

¹⁰ *Idem* pp. 16-18.

que é a manifestação cultural de um grupo social que constrói sua teia de significados.

Por outro lado, aproveitamos de Michel Foucault¹¹ a noção de construção do discurso, que em nosso caso deve ser entendido como discurso religioso, como o grupo estudado legitima sua posição e constrói sua identidade religiosa, e posteriormente étnica, através da linguagem? É com esse desafio que começamos nosso estudo.

Para compreender a construção da realidade social é preciso observar como os diferentes esquemas intelectuais foram definidos pelo grupo. Percebemos que estes foram incorporados pelas pessoas a fim de se estabelecerem categorias de organização de seu mundo social. Estas relações conferem sentido ao presente, inteligibilidade ao outro e decodificação do espaço. As representações são construídas dentro dos interesses do grupo, modelando discursos, legitimando seu projeto. As classificações e percepções são funções elaboradas pelos indivíduos, incorporados por categorias mentais e representados coletivamente, demarcando sua organização social e definindo-nos enquanto grupo étnico e religioso. As demais identidades são definidas a partir do referencial que tem de si¹², o que, no caso dos batistas letos em Nova Odessa, passa pela religião.

Estava claro que as práticas culturais e as características mais específicas da “cultura leta” eram construções e recriações dinâmicas, não estáticas. A documentação, à qual tivemos acesso, mostrava momentos distintos

¹¹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. 5ª edição.

¹² CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Op. cit. pp. 17-18.

em períodos diferentes: uma tentativa em se adaptar ao contexto brasileiro nos primeiros anos de residência no Brasil, 1906 a 1922, e outra de afirmação da sua identidade étnica e religiosa nas últimas décadas do século XX, a partir de 1980.

O discurso que conferiria representação e identidade ao grupo passaria a ser construído diferentemente nas diversas situações. O que falar, então, das muitas décadas que separavam os descendentes dos imigrantes? Sem contar que a voz dos primeiros imigrantes chegava até nós através da memória dos descendentes, pontuada pela linguagem, pelos objetivos e interesses recentes e também através das atas da igreja que estavam registradas no idioma letão, carregando consigo discursos e interesses da época.

Esses desafios nos levaram a investigar a construção da cultura em momentos distintos, procurando observar os contrastes desses períodos, suas práticas e representações que lhe conferiram e conferem identidades. Não procuramos decifrar o que é o imigrante ou o que é o descendente, ou até mesmo fazer um questionamento da identidade leta, mas como, a partir de quais esquemas, critérios e mecanismos ela foi construída – já com a clareza do papel relevante que a religião desempenhava. E isso foi quando a pesquisa já estava em andamento¹³.

Passamos, então, a pesquisar os primeiros anos da imigração leta em Nova Odessa e a formação do Núcleo Colonial. Consultamos especialmente as atas de 1911 organizadas pelos imigrantes da Igreja Batista, onde descobrimos que a construção da identidade passava por uma cultura evangélica, por um

¹³ Ver: GINZBURG, Carlo. *História Noturna – decifrando o sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

sentimento de pertencimento ¹⁴– religioso – do grupo, e que este podia ser observado também nas últimas décadas, a partir de 1980. Estes são pontos, portanto, de aproximação dos dois períodos em análise.

“Enquanto as diferenças doutrinárias significam pouco ou nada para a maioria das pessoas, um tipo de mudança que pode ser imediatamente sentido (...) é a diferença na experiência de louvor. (...) Para os espiritualmente sensíveis, a diferença crítica entre uma igreja e outra pode ser uma diferença na qualidade do impacto sob o espírito: a renovação da confiança ou a consolação, o enaltecimento ou o êxtase”¹⁵.

O sentido da expressão “sentimento de pertencimento” esboçada por Fernández-Armesto e Wilson Derek é colocada estritamente para o contexto religioso. Assim, esse sentimento significa pertencer a uma comunidade religiosa, de que o indivíduo faz parte, e com a qual identifica-se. Isso pressupõe que mesmo ocorrendo discordância, transgressões ou mesmo expulsão, o que permanece nas pessoas é a sensação de pertencer a algum lugar. Em nosso caso, pertencer a uma comunidade religiosa, tendo em vista que as experiências de louvor, apesar de acontecerem em momentos coletivos, são experiências individuais.

¹⁴ FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. & WILSON, Derek. *Reforma: o cristianismo e o mundo 1500-2000*. Rio de Janeiro: Record, 1997. pp. 273 - 300.

¹⁵ *Idem, ibidem*. p. 274.

A descrição do cotidiano mostra como essa cultura evangélica manteve a coesão do grupo religioso e permitiu, em um primeiro momento, a adaptação dos imigrantes – nos primeiros anos de residência em Nova Odessa – e hoje, possibilita a reconstrução da identidade étnica. Recentemente, ser leto batista é como um diferencial em relação às outras igrejas evangélicas da cidade e da região. Precisávamos entender o por quê.

Acreditamos que a construção da identidade do grupo de imigrantes letos, que permaneceu professando a mesma fé no Brasil após sua chegada, foi respaldada pela religião batista. Dessa maneira, houve uma construção cultural, levando-se em consideração que o local de sua residência em Nova Odessa era de difícil acesso nos primeiros anos da colônia – uma fazenda distante da zona urbana –. Onde só se falava o idioma natal e o único local de encontro e recreação, permitidos pela religião que traziam na bagagem, era a igreja.

Para que a igreja seja entendida exatamente como o núcleo onde foram recriadas tradições e o idioma, precisamos retomar os motivos que levaram as famílias letas a emigrarem, da Letônia em 1890, para o Brasil, e observar que a motivação não foi religiosa. A causa para a saída da Letônia e a conseqüente vinda para o Brasil foi econômica: os letos queriam terras para desenvolver a agricultura e em seu país de origem isso não era possível devido aos preços altos.

A igreja era o local de sociabilidade comum entre os imigrantes da geração de 1906¹⁶, o único local em que podiam se encontrar, conversar, professar sua religião e buscar meios de adaptação ao novo país, já que se tratava, como mencionamos, de uma área rural, de difícil acesso. Foi por isso que

a igreja se tornou espaço principal de recriação cultural e longe da cidade era o único local em que todos podiam se reunir.

Um elemento de diferenciação fundamental dos imigrantes letos batistas dos demais imigrantes europeus que chegaram à Nova Odessa alguns anos depois da imigração de 1890, foi o idioma. Graças a isso, foram classificados de *comunidade étnica* pelos missionários norte-americanos que passavam pelo Brasil¹⁷. Aos poucos, o idioma parecia ser para nossa pesquisa uma das especificidades que estávamos procurando. O idioma letão é uma particularidade dos primeiros grupos de imigrantes e de uma parte dos descendentes hoje. Com isso, explica-se a tentativa de se resgatar hoje o idioma por parte do grupo, com as aulas oferecidas na Fazenda Velha que englobam não só a língua, mas a cultura leta, bem como relatos de pessoas que viajaram e viajam para a Letônia. Para esse grupo de descendentes, ser leto passa também pelo aprendizado do idioma, o que confere identidade.

Ao longo da dissertação, fazemos uma descrição que evidencia aproximações e contrastes das atividades que conseguimos observar durante a pesquisa de campo, da memória das pessoas, das atas da Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa e durante reuniões, festas e congressos. Lembramos sempre de dois períodos distintos: o início da colonização, 1906 a 1922, e as últimas décadas a partir de 1980; também mostramos os períodos e os aspectos religiosos como suporte do grupo e, posteriormente, a reconstrução da identidade étnica.

¹⁶ Ano em que o grupo de imigrantes letos migrou do sul do Brasil para Nova Odessa.

Pretendemos mostrar quais foram os mecanismos religiosos que permitiram a construção da identidade batista do grupo nos locais de sociabilidade disponíveis. A descrição das atividades realizadas no espaço religioso (a igreja) e também na colônia demonstra o universo construído nos primeiros anos de imigração e nas últimas décadas pelos descendentes letos. Lembramos, entretanto, as especificidades da análise: a diferença da temporalidade entre a história oral e a textual, a construção discursiva da “verdade”, a construção da linguagem e a subjetividade de quem conta e escreve a história¹⁷.

A igreja é, então, o espaço principal de sociabilidade¹⁹. Portanto, nosso primeiro capítulo é destinado à formação da igreja batista leta em Nova Odessa. Fazemos um rápido histórico da emigração e passamos a comparar os dois momentos históricos de nossa pesquisa. Como parte desse capítulo descrevemos as atividades do rol de membros nos dois períodos pesquisados, os compromissos assumidos, a moral e ética e seu código de comportamento, mostrando como tudo isso ajudou na recriação da cultura e tenta diferenciar das demais denominações em Nova Odessa. E, sobretudo, como a identidade étnica se tornou um diferencial considerado positivo pelo grupo de descendente para a evangelização e conversão de novos membros, a partir dos anos 1980.

O segundo capítulo está organizado de modo que seja possível que se compreendam os espaços da construção cultural religiosa em casa e nas atividades durante a semana, dentro e fora da igreja. No lar encontramos

¹⁷ Como é o caso dos Bagby, que passaram por Nova Odessa nas primeiras décadas do século XX, e estiveram presentes, especialmente, na organização da igreja, em 1906.

¹⁸ POSTER, Mark. *Cultural History and Postmodernity: disciplinary readings and challenges*. New York: Columbia University Press, 1997. pp. 97-133.

¹⁹ BARATA, Alexandre Mansur. *Op.cit.*. pp. 14-15.

atividades religiosas do cotidiano das pessoas²⁰ – as orações antes das refeições, a escolha da roupa para ir ao culto, os ensaios para cânticos na igreja, as visitas familiares. Tentamos entender o comportamento do grupo de imigrantes da geração de 1906, sua percepção e sensibilidade e, por conseguinte, a transmissão de suas crenças, as regras de comportamento e os valores éticos assumidos pelos membros da igreja em determinados momentos de sua história, os conflitos gerados por eles, em cujas atividades passam pelo lar e por papéis de gênero. Nossa intenção aqui é mostrar como o discurso é idealizado numa postura religiosa correta e, mostrar também, que todas as atividades que foram e são desenvolvidas pelo grupo são religiosas e não étnicas. Tais atividades fazem parte de uma invenção recente.

No terceiro e último capítulo, procuramos novamente contrastar e aproximar as descrições feitas em capítulos anteriores sobre os primeiros anos de imigração (1906-1922) das atividades realizadas hoje, como prova de uma invenção da identidade étnica do grupo de descendentes levada a cabo na década do 1980, através das festas, congressos, encontros de jovens, entre outras atividades que têm envolvido as idéias de etnia e nacionalidade. Os adereços e roupas utilizados nesses eventos nunca foram relatados ou observados em fotos do período da primeira imigração, o que fornece, portanto, indícios claros de uma invenção das tradições. Os Congressos da Associação Batista Leta do Brasil e as comemorações que envolveram a manifestação da identidade étnica por parte de

²⁰ Sobre isso, ver Ownby, Ted. *Subduing Satan – Religion, Recreation, & Manhood in the Rural South, 1865 – 1920*. United States, The University of North Carolina Press, 1990. pp. 103-164.

descendentes batistas e luteranos foram objeto de atenção especial por serem por nós considerados momentos importantes da construção da identidade leta.

Para alcançar esses objetivos, as fotografias da época (entre os anos de 1918 e 1922) foram utilizadas e assim como outras mais recentes, que mostram um grupo de imigrantes letos que poderia ser, na verdade, norte-americano ou qualquer grupo de origem européia em cujo país as religiões evangélicas tivessem conseguido entrar e converter o maior número de pessoas. O modo como os imigrantes batistas letos se vestiam e se organizavam na horas das fotos, geralmente após os cultos, não apresenta características específicas que nos levassem a considerá-los letos. O contraste das fotos atuais com aquelas do início da imigração mostra a tentativa do grupo de descendentes de se construir uma identidade, baseada na continuidade e aproximação que na verdade nunca existiram com os primeiros imigrantes.

Exploramos os documentos da igreja como: atas e regulamento; entrevistas com alguns dos membros da igreja e, principalmente, nossas observações ao longo dos anos durante os cultos, comemorações e festividades que aconteceram em Nova Odessa e em outras colônias letas espalhadas pelo Brasil tais como: Urubici (SC), Ijuí (RS), Varpa (SP) e a Igreja Batista Leta de São Paulo, entre os anos de 1906 a 1922 consultando registros e a partir de 1980, incluindo o período da pesquisa de campo que começou em 1996, participando das atividades.

As entrevistas feitas no primeiro período da pesquisa revelam a memória dos mais velhos, seu comprometimento com a igreja, sua postura como pessoas de fé, seu relacionamento com o grupo de descendentes e fornecem

cenar do cotidiano, em que percebemos tanto a religiosidade do grupo como a identidade étnica dos descendentes. Entrevistamos especialmente os mais velhos da colônia ou que nela moraram e que ainda participam dos cultos na Fazenda Velha. Trata-se pois, de um discurso idealizado, mostrando como eles gostariam que fosse a vida naquele tempo.

Foram entrevistados homens e mulheres mais velhos da igreja, incluindo também, pessoas casadas com descendentes de letos e que fazem parte do rol de membros. A maior parte das entrevistas foi realizada no ano de 1997, e algumas outras durante os anos de 2000 e 2002. A seguir encontrar-se a lista dos entrevistados, todos membros da Igreja Batista Letá de Nova Odessa, e os anos em que foram realizadas as entrevistas.

Janis, 63 anos, letã, fugiu da guerra em 1944 e veio para o Brasil com os pais. Entrevista realizada em junho de 1997.

Alfredo, 43 anos, doutor em física, filho de imigrantes letos. Entrevista realizada em setembro de 1997.

Roberto K., 68 anos, agricultor, filho de imigrantes letos. Entrevista realizada em outubro de 1997.

Osvaldo, 84 anos, professor universitário e pastor, letão, veio para o Brasil em 1914. Entrevista realizada em novembro de 1997.

Roberto, 78 anos, pastor aposentado, filho de imigrantes letos. Entrevista realizada em 1998.

Claudinei, pastor e missionário, casado com uma descendente de leto. Entrevista realizada em 1999.

Arlindo, 48 anos, advogado, filho de imigrantes letos. Entrevista realizada em janeiro de 2002.

Dayse, professora, casada com descendente de letos. Entrevista realizada em fevereiro de 2002.

Nilton, 52, pastor, filho de descendentes letos. Entrevista realizada em janeiro de 2002.

A resistência das mulheres em conceder entrevista explica, entre outras coisas, uma memória masculina e papéis de gênero muito bem definidos, representados e recriados ao longo desses anos. Conversamos com mais mulheres e homens, informalmente, nos jardins da igreja.

Verificamos ao longo da pesquisa de campo que o que existia era uma identidade religiosa, batista, construída e recriada ao longo dos anos. Mas a identidade étnica preterida por uma parte dos descendentes letos havia sido, de fato, inventada nos últimos anos.

CAPÍTULO I – A PRIMEIRA IGREJA BATISTA LETA DE NOVA ODESSA

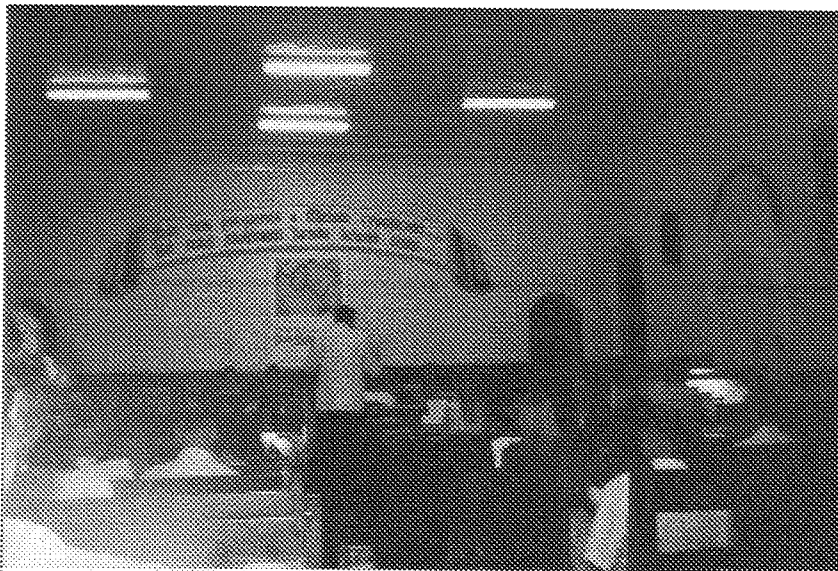


Foto interna da Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa em 2001.
(Fonte: arquivo do pesquisador)

“Bet mēs sludinam Kristu krustā sisto” I Kor. 1:23²¹

1.1 A organização da Igreja em Nova Odessa

“Nós, abaixo assignados, christãos evangélicos Baptistas da colônia Nova Odessa do Estado de São Paulo, Brasil. Tendo nos reunido no dia 26 de dezembro de 1906 resolvemos nos formar (organização) em egreja de culto de nominação Baptista, e aqui declaramos pachtuamos solenemente para

andarmos como irmãos no Senhor e membros da mesma igreja observando fielmente todos os preceitos do Evangelho e prometendo velar nos sobre os outros. Declaramos mais que estamos de acordo com a crença e prática conhecida dos Baptistas Evangélicos no mundo inteiro. Nova Odessa E. de São Paulo. 26 de dezembro de 1906”²².

De acordo com as atas e entrevistas com os membros da igreja, estavam reunidas mais de 50 pessoas no momento de sua organização. A sessão foi dirigida pelo missionário William B. Bagby²³, conhecido por suas visitas mensais à igreja de Americana, cujos membros se reuniam no Cemitério do Campo (dos americanos) em Santa Bárbara D'Oeste. Além do missionário, esteve presente também H. Gartners.

Durante os primeiros quatro meses de residência em Nova Odessa, em 1906, os imigrantes letos se reuniram primeiramente nas margens do rio que cortava a colônia, passando, depois, a ocupar a residência do senhor Roberto Peterlevitz. Esta, entretanto, era pequena para aquele número de pessoas. Passaram, então, a se reunir no paiol, um barracão de madeira, após a aprovação do diretor da Fazenda onde residiam, Oscar Löfgren. Este lugar foi sede dos

²¹ Inscrição ao fundo da igreja cujo significado é um trecho da Bíblia: “Mas nós pregamos a Cristo crucificado”. I Cor. 1:23.

²² Programa de comemoração dos 90 anos da Primeira Igreja Batista leta de Nova Odessa, em 1996.

²³ Vindos do Texas para o Brasil em janeiro de 1881, esses dois missionários norte-americanos tinham como objetivo inicial exercer o ministério em Santa Bárbara, onde havia uma colônia de ex-Confederados. Sobre isso ver: LANCASTER, Daniel B. *The Bagbys of Brazil: the life and work of William Buck and Anne Luther Bagby*. Texas: Eakin Press, 1999. pp. 27-36.

encontros a partir de 26 de dezembro de 1906 até 1909, quando as reuniões passaram a acontecer em uma das salas da residência de João e Anlize Karklis²⁴.



Foto da casa do casal Karklis em 1918.
(Fonte Arquivo da Igreja)

Segundo consta, para que as pessoas ficassem melhor acomodadas, foi derrubada uma das paredes da sala da casa do senhor Karklis, sendo depois reconstruída pelos membros da igreja. A casa sediou os cultos até a inauguração do templo, em 1918.

²⁴ De acordo com as entrevistas realizadas com os membros da Igreja e com o Programa de Comemoração dos 90 anos da Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa.

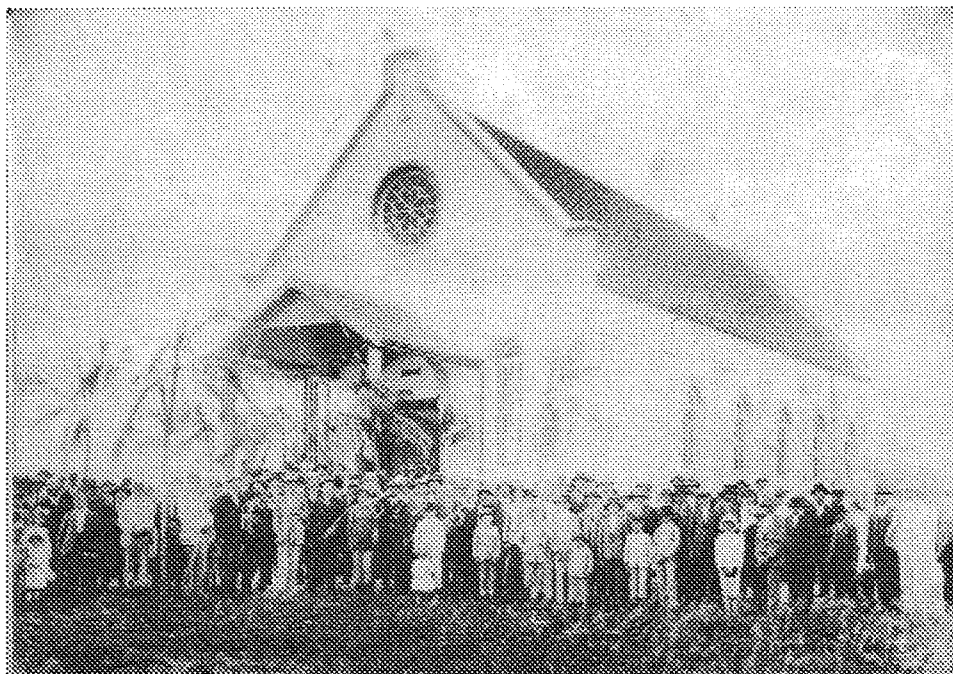
Fazia-se necessário, todavia, a construção de um prédio próprio para a Igreja. As discussões a este respeito eram pauta das reuniões da Assembléia da Igreja.

“A respeito da questão já iniciada quanto a aquisição de um terreno para a igreja, o irmão J. Karklis adverte para não aceitar um terreno muito pequeno, pois futuramente se pretenderá também ter escola, então, sobre uma área muito pequena não haverá espaço; por isso fica ainda para frente olhar um e outro lote oferecidos. E não poderíamos ir alguma vez todos juntos ir olhar? Por enquanto cada um individualmente deve ir olhar os lotes”²⁵.

Após a aquisição do terreno o templo da Igreja foi construído, em 1918. Os cultos passaram a acontecer neste novo espaço, motivo de grande festa e empenho de todos.

A construção do templo em Nova Odessa seguiu princípios diferentes das demais igrejas da mesma denominação. O que normalmente ocorre é, através das missões e da evangelização, a abertura de frentes de trabalho e, dependendo da condição financeira, o custeio da construção do templo de uma outra . No caso da Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa, não houve nenhuma igreja para financiá-la, pois os membros se organizaram de forma independente financiando a compra do terreno e a construção do templo.

²⁵ Segundo Ata da Igreja em 25 de agosto de 1912.



Templo da Igreja em 1922.
(Fonte Arquivo da Igreja)

Atualmente, os encontros e todas as outras atividades da igreja são realizados nesse mesmo templo, construído em 1918 e reformado inúmeras vezes.

O processo de organização da Igreja Batista em Nova Odessa expressa exatamente sua convicção como crença e prática dos Batistas evangélicos do mundo inteiro: as igrejas batistas já nascem autônomas, vinculadas entre si e pela filiação à Convenção Batista Brasileira.

“Essa autonomia (...) é marca distintiva de ser batista, que é justificada por sua auto-compreensão, baseada na hermenêutica que faz da Bíblia”²⁶.

²⁶ COSTA, Ramon. *A Igreja de Cristo denominada Batista, em Nilópolis: sua entrada em um mundo religioso e profano(1939-1949)*. Campinas: Unicamp, 1998. p. 8. Dissertação de Mestrado.

Essa característica nos remete a uma reflexão sobre “representação”.

“(...) Por um lado, a “representação” faz as vezes da realidade representada e, portanto, sugere a presença. (...) no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo, ela acaba remetendo, por contraste, à realidade ausente que pretende representar”²⁷.

Faz-se necessário o entendimento do conceito de “representação”, de acordo com as novas exigências teóricas, para se compreender o significado da religião para os descendentes de letos a partir de 1980 e para os imigrantes das primeiras décadas do século XX, a partir de 1906.

Nos primeiros anos de imigração, considerando-se aqui a data de chegada no Brasil em 1890, o desafio do grupo de imigrantes foi o de se adequar ao novo país. Como adaptação fazia parte pregar a concepção de mundo nas redondezas, o fortalecimento da religião e o aprendizado do idioma português. Passados 112 anos de residência no Brasil e quase 96 anos de colonização em Nova Odessa, o desafio hoje é, ao contrário, recriar o que é ser leto. E toda essa forma de representação passa pela religião – também no espaço da igreja – que foi e é suporte do grupo no transcorrer desses anos. O desafio do grupo de descendentes hoje é reinventar a identidade étnica para sustentar a diferenciação religiosa com a qual se auto-identifica: “leto batista”.

²⁷ GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira – nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 85.

Nessa perspectiva, nossa proposta é uma História dinâmica, que possa compreender as mutações, recriações e representações nos dois momentos históricos pesquisados, apontando que a organização social passa também por outras instâncias, além da economia e da política – que também são construções e representações culturais. Referimo-nos à religião, elegendo-a como aspecto cultural central, como pressuposto de qualquer tipo de organização social²⁸.

A partir deste referencial proposto, novos objetos de pesquisa histórica mostram exatamente por onde passam as representações:

“(...) as atitudes perante a vida e a morte, os rituais e as crenças, as estruturas de parentesco, as formas de sociabilidade, os modos de funcionamento escolares etc. – o que significa constituir novos territórios do historiador pela anexação de territórios alheios (de etnólogos, sociólogos, demógrafos)”²⁹.

O grupo de imigrantes letos, do período de 1906 a 1922, e o grupo de descendentes (a partir de 1980) se encaixam nessa perspectiva de estudo, uma vez que suas práticas culturais são representações em constante mudança, ora em confronto³⁰.

Nas palavras de Chartier,

²⁸ CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos Avançados. nº São Paulo: USP 1991. p. 188.

²⁹ *Idem, ibidem*. p. 174.

³⁰ *Idem, ibidem*. p. 177.

“(...) tentativas de decifrar de outro modo as sociedades, penetrando na meadas das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles”³¹.

Entendemos a disciplina História como uma ciência humana dinâmica, capaz de ser entendida sob a construção de aspectos culturais que definem a organização social dos grupos em sociedade. Portanto, são:

“(...) as novas perspectivas abertas para pensar outros modos de articulação entre as obras ou as práticas e o mundo social, sensíveis ao mesmo tempo à pluralidade das clivagens que atravessam uma sociedade e à diversidade dos empregos de materiais ou códigos partilhados”³².

³¹ *Idem, ibidem.* p. 177.

³² *Idem, ibidem.* p. 177

Os usos simbólicos feitos pelo grupo de descendentes, a partir de 1980, para compor sua identidade étnica e religiosa nos permite observar as significações e representações que constroem sua cultura e a forma como recriam socialmente o que, até então, fazia ou não parte do cotidiano do primeiro grupo de imigrantes, em 1906. Naquele primeiro momento o que estava em jogo era a construção da identidade religiosa. A partir da década de 1980, e com mais intensidade nos últimos dez anos, o que o grupo de descendentes pretende é fundamentar a religião sob um aspecto de identificação étnica.

Dessa maneira, as formas de representação mostram como passa a ser construída a identidade religiosa pelos primeiros imigrantes e, passados quase 96 anos de colonização, com a implantação da religião batista em Nova Odessa e região, como o grupo de descendente recria a identidade étnica vinculando aspectos religiosos à etnia. Nesse caso, as “virtudes cristãs” – pressupostos de um modelo ideal de vida – consideradas pelos evangélicos em geral e não só pelos batistas, são recriadas como pressupostos étnicos, tais como moral, ética, honestidade, entre outros.

Estes elementos são representados e idealizados pelos membros da igreja durante toda a sua existência, uma vez que fazem parte dos princípios protestantes. Entretanto, a ocorrência de conflitos, as punições que vamos relatar em relação ao desvio de conduta e as exclusões feitas pela Assembléia da Igreja, demonstram que nem sempre esses princípios foram seguidos.

As divergências existentes entre os imigrantes do primeiro período de análise foi resultado da criação de diferentes identidades dentro do grupo. Assim

como, existência de projetos diferentes atualmente entre os descendentes letos, permite que esclareçamos melhor nosso objeto de estudo.

Para que o trabalho possa ser entendido nos seus propósitos torna-se importante mencionar que o grupo de imigrantes, e o grupo de descendentes, tendem a uma miscigenação. Entretanto, estamos nos atendo a uma parte do grupo de descendentes interessada na construção de uma identidade étnica e em sua interação com as demais pessoas.

O que vamos observar agora são os mecanismos através dos quais essas representações acontecem no ambiente social da igreja, onde todos os crentes convivem, recriam tradições, discutem e definem aspectos não só religiosos mas também sociais e do cotidiano.

Como estamos trabalhando com o conceito de identidade, passando por identidade religiosa e étnica, torna-se essencial explicitá-lo dentro das abordagens da História Cultural com que trabalhamos.

A noção de identidade parte das representações criadas a partir de um imaginário idealizado, e que servem como elementos para a sua construção. É, portanto, construída e representada pelos grupos.

“As noções de identidade e cultura são tratadas (...) a partir do pressuposto da indissolubilidade entre o material e o simbólico, no qual o discurso e a prática se constróem

*mutuamente e onde a cultura e a política são interpenetrantes e interdependentes(...)*³³.

É importante destacar que, a partir das observações feitas durante a pesquisa de campo, a igreja batista apresentou vários grupos de interesses divididos em seu interior. Os produtores e interlocutores do discurso identitário chamaram nossa atenção em função das estratégias usadas para a disseminação e introjeção das características mitificadas étnicas e pela autenticidade forjada que conferiram às suas representações, uma vez que as opiniões nunca foram homogêneas e que pressupomos, a partir da leitura das atas e da pesquisa de campo, os conflitos e divergências na igreja e a disputa pela aprovação dos projetos de cada grupo, sobretudo, porque existe também uma identidade religiosa subjacente e que dá suporte ao grupo, mantendo sua coesão.

Deixamos claro, portanto, que a elaboração feita em primeiro plano foi a da identidade religiosa nos primeiros anos de imigração no Brasil. A identidade étnica inventada pelo grupo de descendentes nos dias de hoje é um processo contínuo de construção e representação, constituindo a realidade uma vez que esta é representada. Só existe porque é representada³⁴.

Stuat Hall faz uma interessante discussão sobre a identidade cultural, mostrando como ocorreu a mudança nesta concepção, na Alta-Modernidade e como se processam a construção e representação das identidades culturais que constituem a realidade e moldam as relações de poder. O que é importante dizer

³³ CHAGAS, Patrícia de S. P. *Em busca da Mama África – identidade africana, cultura negra e política branca na Bahia*. Campinas, Unicamp, 2001. Tese de Doutorado. p. 7.

neste primeiro momento, parafraseando Hall, é que a produção das nossas identidades advém dos sentimentos gerados e através do vínculo que estabelecemos com culturas étnicas, raciais, lingüísticas, culturas nacionais distintas e religiosas³⁵. Desta última trataremos, como plural, ao longo desse primeiro capítulo.

1.1.1 O estatuto da igreja: a legitimação do ser batista e seu reconhecimento perante a sociedade

Registrado em 12 de junho de 1916, o estatuto da Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa continha seis capítulos que, dividiam-se em artigos, num total de vinte e oito.

O estatuto registrado foi assinado pelos imigrantes em 1916, sendo seu presidente Richard J. Inke; vice-presidente, Guilherme Leeknin; primeiro secretário, Theodoro Eidock; segundo secretário, Frederico Puke; e primeiro tesoureiro, Augusto Peterlevitz.

Além de mostrar uma organização formal, o estatuto da igreja revela também um compromisso assumido publicamente com sua a organização e

³⁴ *Idem, ibidem.* p. 66.

³⁵ HALL, Stuart. *A questão da Identidade Cultural*. Coleção Textos Didáticos, nº 18. Campinas: IFCH/Unicamp, 1998. p. 8.

necessidade de participação efetiva do membro, uma vez que este também é registrado como parte da congregação.

A verificação desse tipo de documentação, além de mostrar a existência da igreja e sua organização formal, comprovando sua existência desde então, indica a maneira pela qual o grupo conseguiu representar-se e se manter unido, enfrentando as vicissitudes dos primeiros anos após a imigração. Percebemos, sobretudo, através da documentação formal, os preceitos assumidos pelo grupo, o compromisso e as transformações nas formas de representação³⁶ que foram surgindo ao longo dos anos. Essas transformações dizem respeito especificamente ao interesse dos grupos que compõem o rol de membros. Por exemplo, especificamente neste último ano, vem acontecendo uma mudança na disposição dos jovens em aceitarem a identidade étnica devido às vantagens que se apresentam (possibilidade de intercâmbio, viagem, cidadania) e ao centenário da igreja que se aproxima. Mas não podemos atribuir isso a todos os jovens, da mesma forma que não são todos os “velhos” que se interessam em “resgatar” esse status – a não ser quando desejam impor suas opiniões³⁷.

A análise das atas e do estatuto da igreja representam uma possibilidade de estudo para a compreensão da maneira como foram diversamente apreendidos pelo grupo de descendentes, como podem ser manipulados e compreendidos de uma maneira diversa do primeiro período, ou

³⁶ CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Op. cit. p. 178.

³⁷ Com referência a esses acontecimentos estarão melhor esclarecidos no terceiro capítulo desta dissertação. Essas conclusões são baseadas no trabalho empírico que fizemos na comunidade.

seja, do grupo de imigrantes, e conferindo sentido para as suas formas de sociabilidade³⁸.

Os estatutos da igreja compõem a forma de organização da Igreja, sendo regidos pelos princípios da religião batista e pelas disposições das leis brasileiras. Entre os fins a que a igreja se destina, ressaltamos alguns que constam deste documento:

“(...) a-) Prestar culto a Deus, de accôrdo (sic) com as Sagradas Escripturas;

b-) Promovera fundação de escolas destinadas á (sic) instrução secular e religiosa e propagar a fé evangélica;

c-) Exercitar a caridade em geral, e em particular entre os seus membros.

d-) Manter a fraternidade entre os institutos religiosos evangelicos existentes no paiz (sic) e no estrangeiro (sic).³⁹”

O Estatuto prossegue apontando um capítulo específico para os membros da igreja, seus direitos e atribuições, inclusive penas de advertência por postura incorreta, ou seja, por atitudes não permitidas pela religião batista.

Artigo III – São membros da Egreja todos os que fôrem crentes na Santissima trindade (Deus: Pae, Filho e Espirito

³⁸ CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Op. cit. p. 181.

³⁹ Estatuto da Igreja pp. 1-2.

Santo), comportarem-se de acordo com as doutrinas das sagradas Escripturas e obtiverem a inclusão dos eu nome no 'Livro dos Membros da Egreja'.⁴⁰

Essa organização institucionalizada e formal de conferiu identidade religiosa ao grupo de imigrantes dos primeiros anos do século XX, como também delimitaram suas fronteiras em relação aos outros grupos religiosos da região. O que sobressai primeiro é, de fato, a identidade religiosa do grupo e sua organização institucionalizada, ou seja, a demarcação de suas fronteiras religiosas. E isso é comum às igreja protestantes, inclusive as de denominação batista⁴¹.

O Estatuto da Igreja trata também da sua administração, dos cargos para os quais os membros podem votar e ser votados. Há uma organização formal, uma diretoria eleita no final de cada ano – como é o caso da Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa – pelo corpo de membros da Igreja.

As reuniões da diretoria da igreja são sempre dirigidas por seu presidente, que também pode convocar Assembléia extraordinária caso algum assunto precise ser decidido com urgência.

⁴⁰ *Idem, ibidem.* p. 2

⁴¹ Ver: COSTA, Ramon Santos da. *Op. cit.* p. 15.



Posse da diretoria da Igreja 1999
(Fonte: Arquivo do pesquisador)

As atas revelam que nos primeiros anos de imigração as reuniões da diretoria decidiam também assuntos relativos ao Núcleo Colonial: implantação de rede de energia elétrica na Fazenda Velha e eventual ajuda aos *irmãos* da igreja em tarefas nos sítios, a construção e aquisição de terreno para a construção do templo da igreja, entre outros assuntos de ordem prática. Observemos, por exemplo,

“O irmão E. Araiuns lembra que faz bastante tempo havia sido decidido que em forma de mutirão seria aterrado um buraco na propriedade do irmão J. Karklis e ainda não foi feito. Decide-se na próxima semana 5ª e 6ª feiras ir, em mutirão, e aterrar”⁴².

⁴² Atas da Igreja em 5 de julho de 1912.

Dois dias depois, em 7 de julho de 1912, foi realizada outra reunião para discutir o assunto do aterro da propriedade do senhor J. Karklis:

“O irmão J. Karklis se expressa, que o aterramento, pelo mutirão, ele de boa vontade dispensaria, pois talvez seria muito penoso para a igreja. A igreja não aceita a sua recusa, mas quer ir e fazer o aterramento. E convida a todos que querem ir, com amor, nos dias combinados”⁴³.

Todas as atividades passavam pelo espaço social da igreja e eram nesses momentos, nos primeiros anos após sua chegada ao Brasil, que os letos batistas construía sua identidade religiosa. Passados os anos da imigração, a partir de 1980, a religião já estava consolidada na região, mas precisava de um diferencial frente às demais religiões para conquistar e converter novas almas⁴⁴. Os descendentes aproveitaram, então, o ressurgimento da Letônia enquanto país independente para *inventar* essa diferenciação que é, na verdade, religiosa. Associam à etnia dos organizadores da igreja características que são fundamentalmente religiosas⁴⁵, como honestidade, virtudes espirituais, seriedade, entre outras.

⁴³ Atas da Igreja em 7 de julho de 1912.

⁴⁴ Pressuposto da Igreja Batista.

⁴⁵ Sobre os mecanismos que foram utilizados para a recriação da identidade étnica, há uma discussão no terceiro capítulo, que é destinado à análise da temática da etnicidade.

Mais um exemplo de atividades que foram decididas no espaço da igreja, é o caso do letos imigrantes Lagsdbertmans, cuja terra improdutiva deixou-os muito angustiados e os levou a pedir ajuda aos membros, em 1912:

“O irmão Augusts Lagsdbertmans pede que a igreja lhe ajude adquirir um animal para trabalhos. A opinião é de que não vale a pena, pois naquela colonia os Lagsdbertmans não vão permanecer. Mas para comprovar ao governo que a terra é improdutiva e também acalmar (conformar) o irmão Lagsdbertmans, então se propõe ir uma pessoa a cada dia e completar a aração de um alqueire de terra, que o irmão Lagsdbertmans deve apenas deixar limpo.”⁴⁶

Pelas datas que constam nas atas da igreja é possível perceber que a reunião da igreja em Assembléia era constante. Sobre isso temos algumas considerações a fazer: primeiramente, podemos atribuir a isso o fato de que os imigrantes do primeiro período analisado enfrentaram. Outro fator, refere-se ao fato da igreja ser o único local perto dos sítios onde os imigrantes poderiam se encontrar para conversar, discutir problemas e ter momentos de lazer permitidos pela fé batista.

O espaço da igreja foi palco, então, de sociabilidade e construção religiosa. Atualmente, os descendentes procuram reconstruir suas tradições,

⁴⁶ Ata da igreja em 31 de julho de 1912.

idioma e o próprio *ethos batista* neste local, fazem-no através de festas folclóricas e religiosas, entre outras atividades.

As deliberações existentes no Estatuto da Igreja permitem que atividades de cunho não religioso sejam discutidas ali, por isso há outros assuntos abordados nas Assembléias. Nesse caso inserem-se a instalação de energia elétrica, água encanada e asfalto, todos eles vinculados à propriedade dos sítios.

São relacionadas ainda no Estatuto as atribuições da diretoria, da Assembléia da Igreja e as disposições quanto ao patrimônio no caso específico de deserções, e ao patrimônio em geral.

1.2 A imigração

Para entender a colônia leta nos dias de hoje em Nova Odessa e nas demais cidades onde encontramos outras colônias é necessário, primeiramente, que se entendam as razões que favoreceram a vinda dos imigrantes letos para o Brasil⁴⁷.

Muitas foram as histórias ouvidas ao longo da pesquisa de campo. Histórias fantásticas, mostrando sempre a fé do crente e o serviço ao Senhor, seu Salvador. Mesmo a literatura a que tivemos acesso enfocava este aspecto, que se tornou parte da construção religiosa do grupo de descendentes de letos e que nos dias de hoje é utilizada para forjar a etnia.

²⁵ Não emigraram para o Brasil apenas letos batistas, mas chegaram também, em Nova Odessa, letos luteranos.

Entre estas histórias, os relatos das agruras sofridas pelos primeiros convertidos ainda na Letônia apresentam-nos um importante elemento para nossa análise: eles vieram para o Brasil convertidos, ou seja, já eram batistas quando emigraram para o nosso país.

É sobre esse foco que vamos nos dirigir, uma vez que apresenta o importante elemento de coesão do grupo que foi e que continua sendo nos dias de hoje – a religião.

As condições históricas que motivaram a transferência de um grupo de letos para uma terra que, até então, conheciam apenas por propagandas feitas na Europa, indicavam a impossibilidade de aquisição de terra na Letônia, a falta de liberdade religiosa, a dominação russa sobre seu território, fazendo menção também à guerra Sino-Japonesa, à impossibilidade de usar o próprio idioma e também à obrigatoriedade do serviço militar por sete anos⁴⁸.

De acordo com a historiadora e também descendente de letos Milia Tupes, a Rússia ocupava o território da Letônia, considerando-a como sua província, enquanto que, politicamente, as terras estavam nas mãos dos alemães. A aquisição de terras na Letônia era muito difícil e quando isto se fazia possível, o valor da gleba impedia o leto de comprar uma pequena propriedade.

Impedidos de obter um pedaço de terra, muitos letos tentaram possuí-la no interior da Rússia. Nesse momento, esta nação realizava um movimento de “russificação” dos países Bálticos e oferecia terras a baixo custo no interior do país. Isto significava uma possibilidade para que o leto se tornasse pequeno

proprietário. Muitos letos foram para o interior da Rússia antes de emigrarem para o Brasil⁴⁹.

A impossibilidade de professarem livremente sua fé é outro dos muitos motivos apontados pelos descendentes como fator de descontentamento e motivação para a saída da Letônia. Segundo as entrevistas realizadas e o pastor e escritor leto Osvaldo Ronis, os letos eram impedidos não só de realizarem seus cultos, mas também de utilizarem seu idioma⁵⁰. O discurso elaborado sobre essas dificuldades mostra a intenção dos descendentes do último período analisado em se firmarem enquanto povo religioso e escolhido pelo seu Senhor. A dimensão dessa representação chega às tentativas de gerar comoções na igreja a partir dos relatos de sua história durante os congressos realizados pela Associação Batista Letã do Brasil. Isso reforça a identidade religiosa ao mesmo tempo em que proporciona elementos a serem trabalhados para a criação da identidade étnica, buscando mitificar o local de onde partiram e a força “inerente” às pessoas dessa etnia.

Os proprietários de terra de origem alemã, cuja religião era luterana, impediam que outros tipos de mensagens, senão a da obediência, chegassem aos letos. A conversão à religião batista significava, nesse momento, uma desobediência aos senhores alemães.

A guerra Sino-Japonesa – que aconteceu entre Rússia e o Japão entre 1904 e 1905 por questões territoriais – colocava o Báltico no “front” da guerra e

⁴⁸ RONIS, Osvaldo. *Uma epopéia de fé: a história dos batistas letos no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1974. pp. 84-87. Sobre os motivos da imigração e as dificuldades no território leto ver: BOLDRINI, *Op. cit.* 1989; VASSILIEFF, *Op. cit.* 1979; TUPES, *Op. cit.* 1979.

⁴⁹ TUPES, Milia. *Op. cit.* pp. 11-15.

⁵⁰ RONIS, Osvaldo. *Op. cit.* pp. 157-159. Também foi realizada uma entrevista com o autor.

obrigava os letos a sete anos de serviço militar⁵¹. A desobediência causava deportação para as gélidas regiões da Sibéria, assim como castigos físicos⁵².

Diante dessa situação, propagandas veiculadas na Europa, que mostravam a possibilidade de ascensão enquanto pequeno proprietário em uma terra promissora, onde havia tolerância religiosa com liberdade de culto⁵³, aguçavam o interesse de alguns letos. Esses eram os benefícios oferecidos ao menos teoricamente pelo Brasil.

Com a possibilidade de se tornar pequeno proprietário e professar livremente sua religião, dois letos, Karlis Balodis e Peteris Sahlites, visitaram o Brasil e retornaram à Letônia com o intuito de promover uma empresa destinada à imigração, o que aconteceu em 1890⁵⁴.

Esses dois letos ficaram impressionados com o clima e observaram que as condições oferecidas pelo Brasil eram compensadoras. Terras baratas e com longo prazo para pagamento, empréstimos para a obtenção de gêneros alimentícios no primeiro ano de residência no país e, também, passagem gratuita de Lisboa até aqui⁵⁵, faziam parte das vantagens encontradas.

Montada a empresa, foi empreendida a imigração. O primeiro grupo de imigrantes letos que chegou no Brasil em 1890, na cidade de Rio Novo, Estado de Santa Catarina. Foram vinte e cinco famílias que deixaram a Letônia⁵⁶. As notícias transmitidas por Balodis e Sahlits alcançaram seus objetivos.

⁵¹ Dado levantado em entrevista com o descendente leto Alfredo. E também TUPES, Milia. *Op. cit.* p.14.

⁵² Ver BOLDRINI, *Op. cit.* 1989; VASSILIEFF, *Op. cit.* 1979; TUPES, *Op. cit.* 1979.

⁵³ *Idem, ibidem.*

⁵⁴ RONIS, Osvaldo. *Op. cit.* p. 106.

⁵⁵ *Latviešu kalendārs*, 1952. p. 126. In: TUPES, Milia. *Op. cit.* p. 15.

⁵⁶ *Idem, ibidem.* p. 16.

A situação que os letos encontraram em Rio Novo não foi aquela descrita nos artigos e propagandas relativos ao Brasil. A mata virgem dificultava a preparação das roças, o preço alcançado pelos produtos era baixo, havia dificuldade para o escoamento da produção, além da insalubridade do clima⁵⁷. A dificuldade de adaptação na nova terra obrigou os letos de Rio Novo a se espalharem pela região, fundando outras colônias letas⁵⁸. Algumas famílias voltaram para Riga, capital da Letônia⁵⁹.

A família de J. Arums preferiu permanecer em Rio Novo, tentando atrair outros letos para lá. Outras famílias pleitearam sua transferência para a cidade de Nova Odessa, em um Núcleo Oficial criado pelo estado paulista e que recentemente havia sido abandonado por imigrantes de origem judaica⁶⁰.

1.2.1 A criação da cidade de Nova Odessa

Para compreendermos a inserção do grupo leto em Nova Odessa e a sua implantação no Núcleo Oficial, precisamos recuar na história e entender a própria criação da cidade e seu planejamento.

⁵⁷ Ver: RONIS, *Op. cit.* 1974; VASSILIEFF, *Op. cit.* 1979; TUPES, *Op. cit.* 1979; e BOLDRINI, *Op. cit.* 1989.

⁵⁸ Entre as colônias fundadas destacam-se: Rio Oratório, 1892; Mãe Luiza, Jacu-Açú (Blumenau), Massaranduba e Ijuí (esta no Rio Grande do Sul), 1893; Ponta Comprida, 1899; Terra de Zimmerman, Schrvederstrasse e Linha telegráfica, entre 1900 e 1901. Nos primeiros anos do século XX destacam-se: Nova Odessa, 1906; Jorge Tibiriçá ou Corumbataí, 1906; Nova Europa, 1910; Pariquera-Açú, 1910; São José dos Campos, 1914; e Varpa (Tupã – SP), 1922. In: VASSILIEFF, Irina. *Op. cit.* pp. 39-44.

⁵⁹ RONIS, Osvaldo. *Op. cit.* pp. 110.

⁶⁰ BOLDRINI, Maria Irani. *Op. cit.* p. 17.

A origem da futura Nova Odessa tem início a partir das sesmarias do final do século XVIII, concedidas a várias pessoas e, entre elas, José Teixeira Nogueira, em 1798. Este indivíduo ficou com a parte do território em que, hoje, situa-se a cidade em questão⁶¹.

O território compreendia as fazendas Pombal (1905), Engenho Velho, São Francisco, Pinheiros, Paraíso (sic) e Sertãozinho, compradas pelo governo para o estabelecimento do Núcleo Colonial na gestão do secretário da agricultura, Carlos Botelho⁶².

Como parte da política de ocupação do governo do Estado de São Paulo e com a necessidade de se encontrarem imigrantes para a ocupação dos núcleos, Augusto Ramos – funcionário da Secretaria de Agricultura do Estado –, em visita à Inglaterra para tratar de assuntos relativos à comercialização do café⁶³, ficou impressionado com o trabalho de colonos russos em Londres e imaginou ter encontrado uma solução para o problema da falta de moradores para os núcleos coloniais.

A seqüência dos fatos mostra a tentativa de trazer imigrantes russos para o Brasil, uma vez que a idéia predominante era a facilidade de sua transferência diante da situação na qual se encontrava a Rússia. Entretanto, devido às restrições feitas pelo governo russo, incluindo-se aqui a permissão de saída somente para pessoas de origem israelita e com serviço militar cumprido, emigraram para o Brasil judeus russos⁶⁴. Assim sendo, Nova Odessa nunca

⁶¹ AZENHA, Pedro Rodrigues (e família). *Nova Odessa – Edição Histórica*. Edições Comemorativas Ltda. São Paulo: Escalibur, 1977.

⁶² *Idem, ibidem*. p. 20

⁶³ BOLDRINI, Maria Irani. *Op. cit.* p. 19.

⁶⁴ *Idem, ibidem*. p. 22.

recebeu imigrantes vindos da região de Odessa, na Ucrânia, como era a intenção do governo paulista.

O que explica o nome Nova Odessa atribuído à cidade, é uma visita feita por Carlos Botelho ao Império Russo, especificamente à cidade de Odessa. A simetria desta cidade causou-lhe boa impressão e foi a inspiração para a construção da cidade brasileira nos mesmos moldes da cidade russa, em 1905⁶⁵.

Nesta ocasião, Júlio Malves – imigrante leto que estava em Rio Novo – dirigiu-se à Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo a fim de pleitear a transferência dos letos que estavam em Santa Catarina para Nova Odessa.

Conversando com Carlos Botelho, Malves expôs a situação precária dos letos em Rio Novo. Foi organizada uma comissão de imigrantes para a visita ao Núcleo Oficial e, após os últimos acertos, ficou definida sua transferência para Nova Odessa⁶⁶.

Júlio Malves conseguiu. Os letos do sul do Brasil finalmente foram transferidos para Nova Odessa em 24 de junho de 1906⁶⁷.

Simultaneamente à conversa com Júlio Malves buscando a organização de uma comissão de letos para a visita em Nova Odessa, Carlos Botelho enviou Janis Gutmann, também leto, à Europa, para promover a imigração de mais conterrâneos para a cidade⁶⁸.

⁶⁵ Não encontramos provas significativas a respeito dessa viagem a não ser em relatos dos descendentes dos imigrantes. Ver também: BOLDRINI, Maria Irani. *Op. cit.* p. 22. Esta autora menciona uma edição histórica "*Nova Odessa – 50 anos*" na qual teria sido citada esta viagem. Entretanto, não nos foi possível a consulta. Como também não aprofundamos o estudo sobre a planta da cidade, consideramos um discurso que elabora a história da cidade.

⁶⁶ Sobre isso ver: BOLDRINI, *Op. cit.* 1989; e RONIS, *Op. cit.* 1974.

⁶⁷ BOLDRINI, Maria Irani. *Op. cit.* p. 29.

⁶⁸ *Idem, ibidem.*

Isto teria feito com que coincidissem as datas de chegada dos letos do sul e dos letos vindos diretamente da Letônia à cidade de Nova Odessa⁶⁹. Esta afirmação dita tanto por letos batistas quanto luteranos, revela, na verdade, uma maneira de minimizar os conflitos que existiram entre os grupos emigrados para o Brasil. Não sabemos ao certo se todos chegaram ao mesmo tempo, mas esta foi uma forma encontrada pelos letos para diminuir os conflitos. A bibliografia existente a respeito dos dois grupos insiste na confirmação dessa data, mas não apresenta provas documentais para isso.

O grupo de letos procedentes do sul do Brasil, batista, fixou-se na Fazenda Velha⁷⁰, enquanto que o grupo de letos luteranos vindo diretamente da Letônia, comprou seus lotes nos atuais locais conhecidos como Vila Azenha, Jardim Fadel e Recanto.

A bibliografia consultada reproduz o discurso do grupo de descendentes ao mencionar que os letos que vieram do sul do país tiveram relativa vantagem em comparação aos letos vindos da Europa. A justificativa é de que o primeiro grupo estava acostumado com o clima e tinha certa experiência com a agricultura no Brasil. Os letos vindos da Letônia não possuíam qualquer conhecimento sobre o Brasil, e dessa forma, encontraram mais dificuldades que os demais⁷¹. Algumas famílias de luteranos se espalharam pelas cidades vizinhas e hoje é possível

⁶⁹ Ver especialmente RONIS, Osvaldo. *Op. cit.* p. 33.

⁷⁰ Nome do bairro onde localizava-se o Núcleo Colonial. Ainda hoje recebe essa denominação, sendo conhecido na cidade de Nova Odessa como o “bairro leto”.

⁷¹ BOLDRINI, Maria Irani. *Op. cit.* p. 23.

encontrar descendentes de letos luteranos em Americana, mas que freqüentam a Igreja Luterana de Nova Odessa⁷².

1.3. A Igreja Batista Leta de Nova Odessa: espaços de sociabilidade

O espaço da igreja é representado como sagrado no mundo protestante. É o local onde acontecem as atividades de recreação e edificação. Os protestantes comungam com Deus diariamente, através do entendimento da Bíblia feito por eles próprios e através da experiência com o Espírito Santo⁷³.

Assim consideram que *“a maior e melhor testemunha de caráter é ser membro da igreja”*⁷⁴. Isso revela um compromisso com o código moral da igreja que deve ser seguido e cobrado por seus membros .

A entrada para à Igreja está condicionada à aprovação da Assembléia – soberana nas suas decisões. O corpo de membros pode rejeitar qualquer pessoa que não tenha um comportamento adequado – uma vez aceito o código de comportamento moral – dentro e fora da Igreja⁷⁵.

A condição para a entrada no rol de membros da Igreja é o batismo. Para que o indivíduo seja batizado é necessário o testemunho público de

⁷² Observação feita a partir das aulas do idioma leto assistidas nas tardes de sábado na Fazenda Velha, onde tivemos contato com o grupo luterano que também freqüenta as aulas.

⁷³ OWNBY, Ted. *Op. cit.* p. 122. Ver também FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. & WILSON, Derek. *Op. cit.* p. 273.

⁷⁴ OWNBY, Ted. *Op. cit.* p. 123.

arrependimento de sua vida passada e o início de uma nova vida, aceitando Jesus como seu Salvador.

“(...)O batismo é uma experiência individual e única na vida do devoto, momento em que define seu ritual de passagem de um renegado passado de ‘pecado’ para uma nova condição de ‘salvo com Jesus Cristo’. O simbolismo do batismo assinala que o participante ‘morreu’ com Cristo e com (o) Ele, ‘ressuscitou’ para uma nova vida”⁷⁶.

Esse ritual do batismo ao qual todos os convertidos têm que passar é o que constrói a sua identidade enquanto batista, o que significa que pertencer a Igreja é “a forma correta de conduzir o mandamento bíblico”⁷⁷ e a garantia de estar no caminho certo da salvação.

Fazer parte da Igreja significa poder participar de todas as suas atividades e, principalmente, o compromisso de ir regularmente aos cultos. Assistir à pregação nos cultos aos domingos significa um momento de suporte, fortalecimento da fé – pela qual os membros da igreja oram a todo momento – e aquisição de conselhos para usar na vida diária⁷⁸.

Nos primeiros anos de imigração, entre 1906 e 1922, freqüentar a Igreja possibilitava inclusive o acesso ao único local de recreação e distração dos

⁷⁵ Ver: COSTA, Ramon Santos da. *Op. cit.* pp. 15-19.

⁷⁶ *Idem, ibidem.* p. 80.

⁷⁷ *Idem, ibidem.* p. 81

⁷⁸ OWNBY, Ted. *Op. cit.* p. 124.

imigrantes, além da participação nas decisões coletivas referentes ao Núcleo Colonial que eram tomadas. Durante toda a década de 1980 (e, em especial, ainda nos dias de hoje) a freqüência ao culto, principalmente aos domingos, significava a preocupação com a conduta pessoal, além da expressão dos sentimentos religiosos do crente. Mas só isto não basta, é necessário participar das obras da igreja, salvando almas para Cristo⁷⁹.

Em um dos Congressos da Associação Batista Leta do Brasil de que tivemos a oportunidade de participar, observamos durante a pregação do pastor um apelo à conversão. Os sermões são emocionalmente ativos, estimulando a entrega dos evangélicos a um comportamento próprio⁸⁰. As narrativas sobre o início da colonização em Nova Odessa, especialmente na descrição dos missionários, mostram sermões apaixonados, inflamados – característica que não é única dos batistas, mas dos protestantes em geral.

Durante os cultos, o silêncio é preservado como forma de comunicação direta com o Salvador. Não foi observado ovação durante os cultos. Os movimentos são todos medidos, não há nenhum exagero ao se cumprimentar alguém, sendo mais comum o aperto de mãos. Em um dos cultos a que assistíamos, um jovem saiu rápido do banco para receber uma amiga que estava chegando e seu pai o fez voltar e sentar-se ao seu lado, punindo a atitude do rapaz. A igreja é um local de absoluto silêncio e adoração.

⁷⁹ *Idem, ibidem.* p. 125.

⁸⁰ p.125.

Na memória dos descendentes de imigrantes está registrada a diferença do tempo ocupado pela pregação dos sermões em relação ao dos primeiros anos de imigração.

“Os cultos dos imigrantes eram bem maiores, duravam muito mais tempo, diferente dos de hoje. Hoje se o pastor fala muito o povo já reclama que tá demorando muito, que tá com fome, os jovens são primeiros, não têm paciência. Antigamente não. Era difícil o caminho pra igreja, então as pessoas ficavam o maior tempo possível aqui. Agora tá tudo diferente”. (Arlindo)

A dificuldade dos primeiros anos de imigração, o acesso às estradas da região, bem como a localização do Núcleo Colonial, eram fatores que dificultavam a ida à Igreja. Por isso os imigrantes, aos domingos, tentavam passar o máximo de tempo possível no templo da igreja ou no salão social. Eram comuns almoços coletivos, festas, etc. Nos dias de hoje, são freqüentes os almoços na Igreja, como também comemorações de aniversários e casamentos, mas o fato da estrada vicinal Rodolfo Kivitz estar asfaltada e a maioria dos membros possuir automóveis, facilita o transporte.

Mesmo levando em consideração as dificuldades dos primeiros anos de imigração, encontramos nas atas relatos de organização dos cultos durante as semanas no período da noite. O comprometimento com a igreja, com as aulas de

português, com os afazeres dos sítios sempre aparece nas atas e nas lembranças dos descendentes de letos.

Além disso, ainda é no espaço da igreja que muitos casais se conhecem, namoram e casam. Em Congressos, em especial, o ensaio do coral é exemplo típico deste costume. Os jovens são inclusive incentivados a participarem para que encontrem uma pessoa da mesma fé. No caso dos imigrantes e descendentes, os casamentos foram muitas vezes endogâmicos, passando a se diversificar recentemente.

Com isso, entendemos inclusive a disposição física das pessoas quando chegam à igreja: o local onde se sentam, com quem conversam, quais pessoas são mais próximas, o que evidencia isso inclusive, as tensões existentes em seu interior. As pessoas procuram seus pares para se sentirem apoiadas nas horas das decisões. Muitas decisões são longuíssimas: há debates, discussões e, principalmente, a oração para que a Igreja tome a atitude certa⁸¹.

É comum que os jovens se sentarem juntos nos bancos mais ao fundo da igreja enquanto que as jovens, também próximas umas das outras ou com suas famílias, sentam-se mais à frente na igreja, prática observada durante o período de pesquisa de campo.

Ao observarmos o grupo de descendentes letos de Nova Odessa, o que percebemos em relação aos espaços ocupados dentro da igreja foi a definição dos bancos a serem ocupados pelas famílias, sem que isso seja falado ou marcado.

⁸¹ Essas afirmações foram feitas a partir da observação e participação nos cultos aos domingos. Foi um exercício empírico. Afinal, o exercício da leitura e da escrita é também uma experiência do olhar.

Faz parte do costume do local. Todos têm lugar certo ao chegar à Igreja e dificilmente mudam-se para outro banco. Durante as Assembléias, isso demonstrou uma certa conformidade com as idéias que foram discutidas ao longo dos anos em que estivemos presentes na igreja.

Tudo isso prova o que temos afirmado desde o início: não há uma homogeneidade no rol de membros da igreja e estas distribuições mostram exatamente como os grupos se dividem e seus pares colocam-se próximos para as disputas de poder em seu interior para que, depois de definidos os projetos, possam ser representados.

O que pode explicar melhor a existência de conflitos dentro da igreja e sua coesão enquanto grupo religioso é a existência de uma disciplina que deve ser obedecida e seguida como princípio de fé.

A atenção do poder em suas formas locais, já esboçadas por Michel Foucault, alerta para a existência de um poder disciplinar que exerce um controle detalhado sobre o corpo⁸². O controle dos gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos é absorvido pelos protestantes, como foi observado na descrição das atividades no momento da composição e distribuição dos lugares na igreja.

⁸² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. XIV.

1.3.1. O Departamento feminino

Há mais mulheres que homens trabalhando nas atividades práticas da igreja: geralmente estes ocupam cargos da diretoria. Havia, contudo, há vinte anos, mulheres secretariando as reuniões ou envolvidas com a tesouraria.

As atas da igreja e mesmo os Estatutos são sempre assinados por homens em postos como presidente, tesoureiro, secretário, entre outros. Embora a participação das mulheres seja intensa na igreja, os homens ocupam sempre as posições de comando.

Às mulheres são conferidos papéis de guardiãs da virtude, devendo ter comportamento exemplar e estar em constante oração. Tanto os imigrantes como os descendentes consideram o sexo masculino como mais difícil de ser moldado segundo os dogmas religiosos. Por isso, os pais estão sempre atentos para que o filho, desde cedo, comece a freqüentar a escola bíblica dominical, para aprender e ser preparado para aceitar Jesus. Para isso, os crentes oram a todo momento, pedindo a Deus pela firmeza da fé de seus filhos e irmãos da igreja.

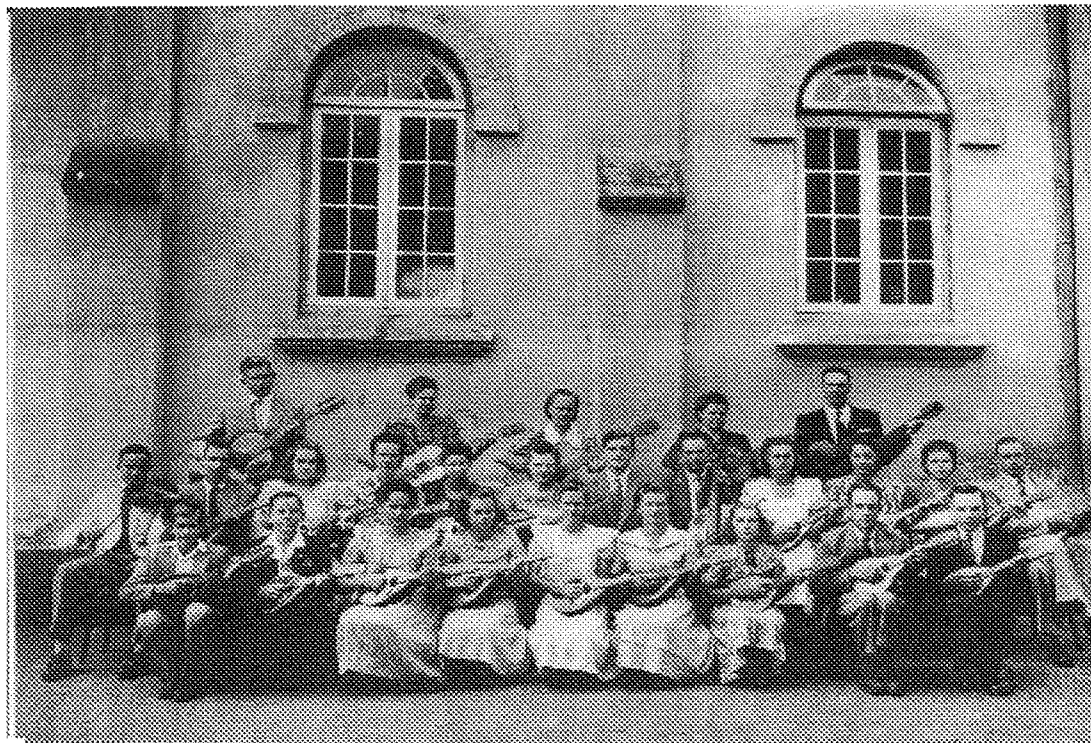
Isso comprova o papel fundamental da mãe. É ela a responsável por ensinar aos filhos a oração, levá-los aos cultos, à escola dominical e, também por fazê-los permanecer em silêncio durante a pregação do pastor.

Essas formas de representação foram recriadas ao longo dos anos, mas o papel da mulher permaneceu o mesmo, no sentido de pertencer a elas a responsabilidade pela educação dos filhos e pela preparação das atividades da igreja, principalmente aquelas que envolvem o oferecimento de chá com bolo após

as reuniões ou culto. A organização das atividades de recreação e recepção da igreja estão a cargo das *irmãs*.

Na estrutura da Igreja Batista, aceita pela Convenção Batista do Estado de São Paulo, a ordenação das mulheres não é reconhecida oficialmente e há uma orientação contrária a essa prática. Às mulheres batistas que se sentem vocacionadas são reservados papéis de auxílio aos seus maridos ou até mesmo permitida a freqüência de um curso teológico superior⁸³.

Dessa forma, as mulheres realizam trabalhos de outras naturezas na igreja. Um exemplo disso, foi a organização de um departamento feminino na Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa, cujas atividades passam desde pela formulação dos programas da escola dominical até a organização de festas, obras de caridade, visitas a doentes, visitas às casas dos membros da igreja, limpeza do templo, decoração e, muitas vezes, ensaio do coral. É grande o número das jovens que tocam algum instrumento no coral da igreja e mesmo possuem habilidade para regê-lo. À época dos imigrantes, as fotos revelam muitas mulheres compondo a orquestra e coral da igreja. Na foto, um parte das pessoas que compunham a orquestra.



Orquestra da Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa em 1922
(Fonte Arquivo da Igreja)

A participação das mulheres em várias atividades mostra exatamente sua importância no trabalho voltado para a organização da igreja. Seja na parte devocional ou nas atividades de limpeza e organização do espaço físico, a mulher esteve sempre presente, sem, todavia, exercer papéis de pastorado. Esse fato constatamos nos dias de hoje: muitas são as mulheres que fazem cursos na Faculdade Teológica de Campinas, mas a nenhuma delas é conferido o poder de atuar como pastoras da Igreja Batista.

No período que compreendeu nossa pesquisa de campo, 1996 a 2002, observamos muitas jovens se inscrevendo nos cursos de teologia da Faculdade

⁸³ DUDUCH, Wagner. *A educação Superior na formação de pastores batistas. Um estudo sobre a Faculdade teológica Batista de Campinas*. Campinas: Faculdade de Educação/Unicamp, 2001.

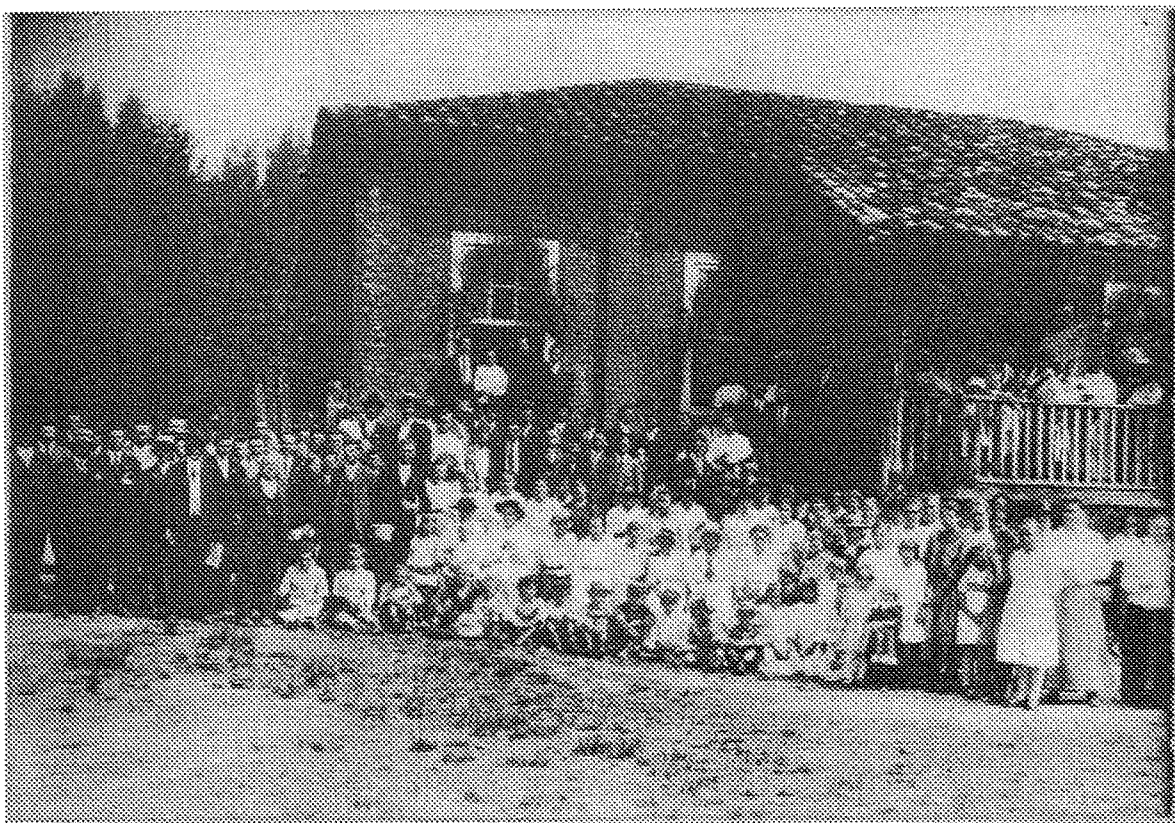
Teológica Batista de Campinas. Algumas delas acompanhavam seus futuros maridos que estavam se preparando para serem pastores; outras, freqüentavam o curso por se sentirem vocacionadas. O que nos chamou a atenção foi o fato de as mulheres, nesse caso tanto jovens quanto senhoras, dedicarem-se em tempo quase integral à arrumação do templo, festas, congressos e encontros, e isso fazer parte, nesse caso, de um trabalho feminino.

Como às mulheres não é permitida a ordenação como pastoras, elas dedicam-se a outras atividades que, na maioria das vezes, sobrecarregam-nas de trabalho muito mais que no caso dos homens. Não é raro observar nas religiões evangélicas em geral, a esposa do pastor realizando um trabalho de aceitação entre as famílias da igreja, fazendo visitas ou acompanhando seu marido⁸⁴.

A resistência das mulheres em nos fornecer entrevistas, bem como material do departamento feminino (como atas, panfletos, informações adicionais) dificultou a investigação das atividades por ele realizadas. O registro que fazemos aqui de sua história deve-se ao pouco material encontrado e às reuniões de que conseguimos participar.

Dissertação de Mestrado. p. 185.

⁸⁴ Observação feita durante a pesquisa de campo.



Aniversário da União da Mocidade – 10/08/1918
(Fonte Arquivo da Igreja)



Aniversário da Igreja em 26/12/1996
(Fonte Arquivo da Igreja)

Durante os Congressos da Associação Batista Leta do Brasil, o Departamento Feminino se reúne para discutir as atividades realizadas durante o

ano e traçar objetivos e cronogramas para período seguinte, bem como definir datas que não sejam coincidentes com outras atividades da Igreja Batista.

Os detalhes, os requintes são sempre considerados atribuições “de mulher” pelos membros masculinos da igreja. As mulheres introjetam esses papéis, uma vez que crescem sendo treinadas para isso, e procuram se inserir nos trabalhos de evangelização e organização da igreja.

Nos primeiros anos de imigração letã, eram destinados às mulheres papéis de mães e esposas. Nas décadas de 1970 e 1980, as jovens saíram dos sítios para estudar e hoje são professoras, dentistas, advogadas, mas permanecem fazendo trabalho missionário na igreja ou mesmo realizando atividades de evangelização na região de Nova Odessa⁸⁵.

O departamento feminino surge também como meio de organização formal das mulheres, legitimando seu trabalho perante a igreja mas nunca ultrapassando os limites permitidos de atuação. Entretanto, nenhuma das descendentes conversou conosco em uma entrevista gravada, sempre transferindo a responsabilidade da expressão, nesse caso. Conseguimos apenas depoimentos informais, avaliações sobre seu trabalho na Igreja, os progressos, os sucessos, as conversões, etc.

As mulheres foram, sobretudo, capazes de se organizar e formalizar um trabalho sob a forma de Departamento Feminino em uma igreja nitidamente de domínio masculino, onde os cargos que possuem certa importância na hierarquia

⁸⁵ Obtivemos estas informações nas conversas informais com as mulheres da igreja e também com as descendentes letãs luteranas.

pertencem aos homens. As mulheres são responsáveis por muitos projetos que, ao longo dos anos, foram desenvolvidos na igreja.



Reunião do departamento feminino durante Congresso em Urubici – SC
Julho de 2000
(Fonte Arquivo do pesquisador)

Pelo que observamos nesses anos de pesquisa de campo, a Igreja Batista de origem leta se mostrou mais conservadora que as outras igrejas da mesma denominação por nós visitadas. As formalidades são sempre muito bem cumpridas.

1.3.2. Os aniversários da igreja

No *folder* de comemoração dos 90 anos encontramos um breve histórico da igreja batista de Nova Odessa, em particular uma exaltação às mesmas denominações organizadas a partir da igreja da Fazenda Velha. Em todos os aniversários sempre há comemoração. As atividades começam geralmente na sexta-feira e terminam com o culto da noite do domingo.

Independente da temática abordada na pregação do pastor, a sede relembra as igrejas organizadas a partir do seu trabalho missionário, de sua expansão. Aliás, um dos preceitos assumidos por ela é a evangelização, ou seja, a realização de visitas em bairros que ainda não tenham igreja batista, a pregação na casa de algum membro residente por perto, ou mesmo reuniões nas casas de algumas pessoas que fazem parte da estratégia de evangelização.

As comemorações dos aniversários seguem acompanhadas por almoços, chás ao final dos cultos, apresentações da orquestra, números especiais dos membros, visitas de outras denominações com mensagens bíblicas, entre outras atividades.

Ainda hoje, nos aniversários da Igreja, é comum a visita de letos. Visitam-na e também à colônia leta no mesmo bairro, além de percorrerem o Brasil conhecendo as demais colônias letas.

Nos primeiros anos de imigração também era comum essa festividade da igreja, comemorando o seu aniversário.

“Tratando a respeito do aniversário da igreja surge a idéia de que também na festa oferecer (sic) refeição, isso é aceito unanimemente. Daí, decide-se que a despesa seja coberta pela oferta anterior.

A oferta para o fundo da aniversário da igreja será na festa, especial voluntária”⁸⁶.

⁸⁶ Ata da Igreja em 1º de dezembro de 1912.

Portanto, essas comemorações já faziam parte dos primeiros anos de imigração dos letos e continuam sendo feitas até hoje, sempre com o intuito de se festejar o aniversário da Igreja, celebrar a data, agradecer a Deus e unir os irmãos de outras igrejas que sempre lhes visitam nessas ocasiões festivas.

Após os cultos, especialmente aquele que acontece durante as manhãs do domingo, as pessoas se confraternizam nos amplos jardins da igreja, relembram os primeiros anos da vinda dos imigrantes, a organização da igreja e exaltam a coragem, bravura e heroísmo dos primeiros letos batistas por ocasião de sua chegada ao Brasil e em Nova Odessa.

A literatura consultada sobre a vinda dos primeiros imigrantes para o Brasil faz referência às agruras vividas por aquelas pessoas que se converteram, ainda na Letônia, e enfrentaram as proibições do governo da época. É uma narrativa emocionada, marcada pela dificuldade e sofrimento dos primeiros tempos e reproduzida pelo grupo de descendentes nos dias de hoje.

Ocorre um processo de construção de identidades que, nesse caso, é religiosa e étnica, o que é afirmado a todo momento pelo discurso e sua repetição. As identidades nacionais são apreendidas ao longo do tempo, são formadas e transformadas num processo amplo de representação, portanto não nascemos com elas⁸⁷.

Dessa forma, a idéia de nação é composta por um *sistema de representação cultural*, além de ser característica de uma entidade política. As pessoas participam da idéia de nação e representam-na. São símbolos

introjetados e representados que conseguem gerar um senso de identidade e fidelidade⁸⁸.

Nesse caso, há um esforço dos membros da Igreja de, ao mesmo tempo, firmarem-se enquanto comunidade religiosa, tendo em vista o tempo de sua existência, e associá-la a uma característica étnica que confere, segundo sua concepção, um *status* superior em relação às outras igrejas evangélicas.

1.3.3. A escola dominical

É na escola dominical que o trabalho da mulher fica ainda mais evidenciado. É ela quem leva os filhos para a escola, ministra as aulas, cuida da limpeza e organização do espaço. Portanto, é o exemplo do cuidado com as atividades, o compromisso assumido de evangelização a começar pela própria casa, durante a educação dos filhos.

A escola dominical da Fazenda Velha teve papel duplo no início da colonização. Além de ser uma escola de ensino religioso, era também uma instituição de ensino secular, sobretudo do idioma português. Nos dias de hoje, funciona apenas como escola dominical da igreja.

Geralmente, as reuniões acontecem no domingo de manhã, antecedendo o culto das 10:30h. Os horários e local da Escola Dominical

⁸⁷ HALL, Stuart. *Op. cit.* p. 38.

continuam os mesmos desde a inauguração do templo em 1918, nas dependências da Igreja.

O prédio⁸⁹ onde funciona a escola dominical serviu também, nos primeiros anos de imigração, como uma escola secular. Era nesse prédio que as aulas aconteciam, em sua maior parte no idioma leto, devido à falta de professores que ensinassem em língua portuguesa. Ademais, as crianças falavam o idioma leto, uma vez que era única língua na qual se comunicavam com os pais. A maior parte dos descendentes conta que aprendeu a falar a língua portuguesa somente com 8 ou 9 anos e, ainda assim, alguns aprenderam-na mais tarde devido à ausência de professores. Nesses casos eram os próprios imigrantes quem davam as aulas, aqueles que possuíam maiores habilidades mas nem sempre instrução formal.

1.3.4 A União de Jovens ou Sociedade de Jovens

Organizada em 12 de agosto de 1907, a União de Jovens ou como foi literalmente traduzido do leto, “Sociedade de Jovens”, contava com dezoito membros, número esse que foi crescendo com o passar dos anos. De acordo com a documentação da época, a organização se deu a partir de uma visita de Richards J. Inķis à nova colônia de Nova Odessa e de seu incentivo a um grupo

⁸⁹ *Idem, ibidem.*

específico de jovens. Estando entre eles, Inķis esclareceu o valor de uma União de Jovens e assim deu-se andamento às organizações.

Faziam parte desse grupo os jovens letos vindos da Letônia e os que já tinham nascido no Brasil. Atualmente fazem parte da União de Jovens não somente os jovens batistas descendentes de letos, mas também aqueles que são membros da Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa.

As sessões eram realizadas a cada duas semanas, nas noites de segunda-feira. Depois de um período, não sendo definido nada em ata, passaram a fazer reuniões também nas tardes de domingo.

Nos dias de hoje, os jovens se encontram durante nas tardes de domingo, mas todo o seu final de semana é voltado para a igreja. Quando não estão realizando trabalhos de evangelização em suas missões, estão ensaiando com o coral, preparando as atividades da semana, discutindo textos bíblicos ou mesmo jogando bola nas dependências da igreja.

A União de Jovens, em seus primeiros anos de existência, organizou atas das reuniões realizadas. Existem doze anos de registros de seus trabalhos. Depois desse momento a União continuou existindo, mas não existe mais registro de suas atividades. Nem mesmo hoje tivemos acesso às atas das reuniões.

Entre as atividades descritas pela Sociedade de Jovens em suas atas do início da organização, consta a promoção de festas, leia-se almoços, para angariar fundos para a juventude. Além da organização da biblioteca que promovia o empréstimo de livros mediante associação e pagamento de uma taxa simbólica de contribuição.

⁸⁹ Local onde freqüentamos também as aulas do idioma leto nos últimos dois anos.

Os jovens ainda organizavam apresentações nos cultos e, em outras ocasiões, preparavam-nos, sempre dependendo primeiro da aprovação da Assembléia.

“A união de Jovens tem solicitado autorização para realizar uma noite de apresentações, por ocasião do guardo do ano novo. A igreja de boa vontade autoriza”⁹⁰.

Nesse momento, a organização de uma União de Jovens representava uma oportunidade de diversão para os jovens. A Fazenda Velha era distante do centro da cidade e os meios de transporte disponíveis naquela época eram o trole e o cavalo. Difícilmente um jovem sairia da fazenda para ir a algum lugar.

Somente nas fotos de 1930 encontramos um carro atendendo às necessidades da igreja, como viagens de evangelização nas redondezas da cidade.

As reuniões organizadas hoje pela mocidade da igreja revelam outras estratégias de representação da identidade religiosa e mantêm os jovens na igreja sob os olhares dos mais velhos.

O jovem batista descendente de leto e membro da Primeira Igreja fica o final de semana todo realizando trabalhos na igreja.

Não encontramos relatos de práticas esportivas realizadas pelo grupo de jovens da geração de 1906. Hoje, a mocidade – como é chamada pela igreja –

⁹⁰ Ata da Igreja em 1º de dezembro de 1912.

passa todo o sábado e domingo na igreja, seja preparando os encontros e cultos, seja praticando esportes nas horas vagas. Várias vezes fomos convidados a participar dessas atividades.

Nos momentos de preparo das atividades religiosas, especialmente quando se trata de aniversários ou festas cívicas comemorativas, os jovens são compelidos a prepararem alguma coisa que represente a etnia leta. Frequentemente, nesses momentos de comemoração, alguns deles usam vestimentas características de grupos folclóricos da Letônia. Há uma tentativa de aproximação da etnia leta utilizando símbolos letos. Não encontramos nenhum relato ou descrição em atas da igreja sobre esse tipo de prática da geração de 1906. Trata-se de uma construção atual, de criação e recriação de símbolos por parte dos descendentes.

Logo, são os espaços de sociabilidade criados pela igreja ao longo dos anos que serviram e ainda servem para a construção da identidade étnica que passa pela identidade religiosa. Na verdade, a identidade étnica dos atuais descendentes de letos é uma construção religiosa pois, como vimos, foi a identidade religiosa a primeira a ser criada pelos imigrantes nos espaços da igreja e nas redondezas da Fazenda Velha e que se apropriou de símbolos atuais para afirmá-la.

O que poderia diferenciar os letos dos primeiros anos de imigração e os demais imigrantes seria, na realidade, o idioma falado por eles. Nos dias de hoje são inventadas danças folclóricas, hinos, comemoração do dia da independência da Letônia, pessoas vestidas a caráter, símbolos que não existiam antigamente na

colônia. É possível que, se um imigrante daquela época visse as “didas” representações de sua memória nos dias de hoje, certamente não as entendesse.

No próximo capítulo vamos analisar especificamente as representações e idealizações do lar dos letos batistas, observando os esquemas responsáveis pela criação de uma identidade religiosa e que introjetaram valores específicos da religião. A identidade religiosa do grupo está em constante elaboração e transformação. Notaremos que a identidade étnica é uma invenção recente, pois todos os valores que se costumam atribuir a elas, são de fundo religioso. Quando os indivíduos se auto-define como letos e portadores de uma cultura superior posto que europeia, torna-se importante a observação de outro enfoque da discussão, definidas por fronteiras de caráter “racial”.

CAPÍTULO II – OS ESPAÇOS DE CONSTRUÇÃO CULTURAL

Neste capítulo vamos mostrar como a identidade religiosa batista foi construída e representada pelos imigrantes, bem como, o foi nos dias de hoje, pelos grupos existentes na igreja. Como nosso foco de análise recai sobre a questão da identidade cultural, deixamos claro que, em nosso entendimento, tais identidades são plurais e estão em constante transformação. Portanto não temos uma única identidade, mas sim *identidades*, tendo em vista a mudança que este conceito sofreu a partir dos estudos mais recentes e da produção do sujeito pós-moderno⁹¹.

Para Hall,

“A identidade tornou-se uma “festa móvel”: formada e transformada continuamente em relação às maneiras pelas quais somos representados e tratados nos sistemas culturais que nos circundam. Ela é histórica, não biologicamente definida. O sujeito assume identidades diferentes em momentos diversos, identidades que não estão unificadas em torno de um “self” coerente. Dentro de nós coexistem identidades contraditórias, pressionando em direções diversas, de modo que nossas identificações estão sendo continuamente mudadas. (...) A identidade totalmente

*segura, completa, unificada e coerente é uma fantasia. Ao contrário, à medida que os sistemas de significado e de representação cultural multiplicam-se, confrontamo-nos com uma multiplicidade difusa, confusa e fluida de identidades possíveis, podendo nos identificar com cada uma delas – ao menos temporariamente*⁹².

Inseridas neste contexto de constante transformação e construção, não só a identidade religiosa, mas também a identidade étnica fazem parte das características da igreja pesquisada. O que discutimos nesta tese é a construção de ambas e quais são as leituras que podemos fazer nos dois períodos de pesquisa; pretendemos, sobretudo, mostrar como a identidade étnica foi inventada nesses últimos anos.

Assim, a idéia deste capítulo é mostrar como se processou a construção da identidade religiosa em diferentes espaços no primeiro período de análise (ou seja, à época dos imigrantes), como foi reelaborada ao longo dos anos e como é representada hoje. O objetivo é provar que, em um primeiro momento, existia a identidade religiosa e, nos dias de hoje, ela é reconstruída pautando-se em elementos que consideram-se como sendo de natureza étnica.

⁹¹ pp. 7-11.

⁹² HALL, Stuart. *Op. cit.* pp. 11-12.

2.1 – Cultura evangélica: o lar como princípio de evangelização e representação dos valores religiosos

Há uma tentativa dos pais, em geral, de encaminhar seus filhos para sua religião. Isso não significa que não poderão em algum momento se desviar dos princípios religiosos colocados pela igreja. Isso acontece muitas vezes e ela sempre trabalha para evitar deserções⁹³.

A família estreita os laços entre filhos e a religião dos pais através de valores, normas, regras e disciplina aceitos como padrão de conduta. O discurso e a prática enfatizam que tais valores são tirados da Bíblia, que é Guia de Fé, Revelação da Palavra de Deus. Todo discurso do crente batista é pautado no Evangelho, e os letos batistas utilizam-no em todos os momentos de sua vida. É a experiência de louvor vivida pela pessoa que a aproximará ou não de determinada opção doutrinária⁹⁴.

A construção da simbologia evangélica e sua representação tratam o lar, para a maioria dos evangélicos, como um local sagrado, onde não deve acontecer nenhum tipo de divertimento que vá contra os princípios evangélicos⁹⁵ – a não ser atividades de lazer permitidas pelos pais e que não desrespeitem as leis

⁹³ Como exemplo, na Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa uma pessoa acabou se desviando e depois retornou arrependida para a igreja, em seguida desapareceu com o livro de Ata da Igreja onde estavam registradas suas atitudes e a posição da Assembléia. Isso mostra a preocupação dos membros com suas atitudes e o controle exercido sobre seus membros.

⁹⁴ FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. & WILSON, Derek. *Op. cit.* p. 273.

de Deus. Tais atividades que observamos na casa dos descendentes de letos batistas, entre os mais jovens, normalmente, foi o aprendizado de música, representado pela prática de um instrumento ou pelo canto. Um dos entrevistados relatou que, nas noites de sábado, reunia a sua família em volta do piano e ensinava suas filhas a tocar e cantar, evitando assim que saíssem de suas casas antes do tempo e sem sua companhia.

A representação que fazem do lar é de que este deve ser imaculado, sem pecados, um local de atitudes exemplares e oração, em contraaste com o mundo externo, reino do pecado⁹⁵.

De acordo com Ted Ownby, o lar representa um local de contraponto, de rejeição de tudo aquilo que não é considerado sagrado, e onde deve ser preservada a pureza – feminina –, contida a curiosidade masculina e a agressividade. Quatro grandes atitudes fazem parte do lar: oração, silêncio, harmonia e controle pessoal⁹⁷. Essas práticas, juntamente com a experiência individual de proximidade com Deus, aproximam as pessoas umas das outras e, assim, do grupo⁹⁸.

O lar é, por excelência, o lugar onde começa a aproximação com a religiosidade. Desde criança as pessoas são apresentadas à Assembléia da igreja e crescem cercadas de atitudes próprias do mundo evangélico e batista. Portanto crescem repetindo hábitos, costumes e atitudes dos pais e *irmãos* da igreja. E isso

⁹⁵ Os evangélicos idealizam seus lares como locais ausentes de recreação; em suas palavras é a piedade a responsável por todas as suas atividades culturais, impedindo que prazeres suspeitos possam interferir na harmonia do lar. Sobre isso, ver Ownby, Ted. *Op. cit.* p. 103.

⁹⁶ OWNBY, Ted. *Op. cit.* p. 103. Isso é comum a todos os evangélicos, incluindo aqui os batistas.

⁹⁷ Idem, p. 104.

⁹⁸ FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. & WILSON, Derek. *Op. cit.* p.274.

não acontece somente no meio batista, mas é comum na maior parte das comunidades evangélicas.

A igreja, as amizades, os parentes, a música, os ritos e as atividades sociais fazem parte da vida do crente. Romper com isso significaria, em alguns casos, perder todo referencial que uma pessoa tem da vida. A experiência de louvor é tão forte que o crente luta, a todo momento, contra o desvio de sua fé, fonte mediadora de suas atitudes.

Vamos relatar, agora, como essa experiência de louvor e sentimento de pertencimento permitiu o desenvolvimento, em uma comunidade no interior do estado de São Paulo, de uma identidade religiosa que vem sendo recriada desde 1906 no espaço da Igreja Batista e que acabou se diferenciando no contexto da imigração no Brasil por inventar uma identidade étnica a partir dos anos de 1980.

2.1.1 – A oração: dos cultos domésticos à escola dominical – o papel da mulher como mãe e educadora

Apresentamos a seguir o discurso idealizado dos evangélicos, em especial dos batistas; como concebem sua casa, igreja, compromissos, atitudes diárias. É esse discurso introjetado que será representado pelos crentes no dia-a-dia de suas vidas e é ele mesmo— modelo ao qual devem seguir em suas vidas —,

que vai gerar conflitos (de consciência inclusive) quando houver qualquer transgressão.

As orações devem fazer parte do dia-a-dia e são características marcantes da adoração a Deus. O batista leto ora, ou deveria orar, a todo instante. Ora em pensamento quando está trabalhando, quando faz serviços domésticos, quando vai almoçar, no final da tarde, à noite com a família e na igreja – expressando seus agradecimentos e pedidos a Deus. Ora nos cultos e nos congressos, também agradecendo e fazendo seus pedidos. Mas é junto da família que essa oração aproxima os sentimentos das pessoas e desperta a fé, principalmente nos mais jovens, tornando esse momento muito importante para a aproximação do batista com sua doutrina.

A pessoa é formada subjetivamente a partir da associação dos processos grupais e normas coletivas. A identidade se constrói também enquanto um sentimento⁹⁹. Portanto os laços de aproximação das pessoas, especialmente quando jovens, pressupõem sua identificação com o espaço da igreja.

Na memória dos descendentes de imigrantes letos que entrevistamos, percebemos sua tentativa em transformar os cultos domésticos, característica dos primeiros anos de imigração, em uma representação de laços ideais entre os filhos e pais com a família.

Em 1997, ao entrevistarmos em Nova Odessa um dos descendentes letos, filho de imigrantes do contingente vindo da Letônia para o Brasil em 1922, os cultos domésticos foram-nos relatados como uma das atividades religiosas

⁹⁹ CHAGAS, Patrícia de S. P. *Op. cit.* pp. 66-68.

principais. Nos anos que antecederam 1922 essas práticas também foram freqüentes, perdendo a força num período posterior e ganhando ênfase nesses últimos anos, sendo incentivadas inclusive nos Congresso da Associação Batista Leta do Brasil. A memória de um dos descendentes, interessado na reconstrução da identidade étnica, reproduz o que eles gostariam que estes cultos fossem:

“São os cultos domésticos que hoje em dia quase desapareceram. Quando os meus pais tinham saúde, fazíamos antes das refeições, em geral, antes da refeição da manhã e no final da tarde. Cantava-se hinos, lia-se um trechinho da Bíblia, fazia-se um comentário sobre aquilo, como a gente aplicaria isto na vida prática, o que isto significava para nós. Fazia-se uma oração, nesta oração agradecíamos a Deus pelo alimento pedindo que nunca venha a faltar e também pedindo ajuda, benção e sabedoria para os trabalhos seculares”. (Alfredo)

Naturalmente, os cultos eram realizados nas casas junto com a família no idioma leto, bem como as demais reuniões organizadas nas casas de outras famílias de imigrantes. Isso permitiu não só a aproximação dos filhos com a religião, mas também o aprendizado do idioma pela geração que estava crescendo ou que havia nascido no Brasil. Os anos passaram e esse tipo de culto e reunião continuaram acontecendo no idioma letão, e nem a necessidade de se aprender a língua portuguesa impediu que ele continuasse a ser falado na colônia.

Os grupos de orações que aconteciam a cada semana em uma casa ou os cultos domésticos, primeiramente realizados com as mães e seus filhos, ganharam com o tempo a direção masculina. Mas é justamente no trabalho materno que encontramos o fulcro central de conversão das crianças. Excelentes mediadoras, as mulheres sempre desempenharam papel fundamental na aceitação da fé por novos membros para as igrejas e, conseqüentemente, para a organização de novas igrejas batistas nas cidades vizinhas a Nova Odessa.

Em muitos relatos, durante as entrevistas, os descendentes batistas lembraram das mães durante a oração. Foram elas principais responsáveis pelo ensino da oração aos filhos e por sua condução para a Escola Dominical. O ensino é, na verdade, uma tentativa de aproximação da criança com a oração, explicando como expor os sentimentos a Deus, como reconhecer os atos falhos e pedir perdão. A Escola Dominical é responsável, entre outros fins, pelo despertar da consciência de experiência individual de competência do crente.

Na fala de um dos entrevistados, ficam claros a importância e o exemplo da figura materna em sua infância:

“ Minha mãe também fez muito, ensinava na escola Bíblica Dominical. É uma escola, uma escola bíblica, fiz lá, na fazenda. Quando eu era menino, ia junto com minha mãe. Simplesmente se estudava a Bíblia. Estuda a Bíblia. As pessoas também são convidadas a participar da igreja, se elas quiserem vir, elas vêm, se não quiserem, não vêm. Mas a questão é divulgar o

conhecimento da Bíblia. Ensinar, contar histórias da Bíblia, ensinar corinhos ...” (Alfredo)

O que nos chamou a atenção na leitura da ata da igreja e na descrição da atividades feitas pelos descendentes foi a utilização do idioma. O letão era utilizado tanto para o registro dos encontros nas atas da igreja, quanto nas reuniões e na Escola Dominical. Os imigrantes, dada a dificuldade do idioma português (sua aprendizagem era complicada pelo fato de não haver quem o ensinasse), falavam e ensinavam as demais gerações no idioma leto, fazendo com que os filhos fossem aprender a língua portuguesa somente aos 7 ou 8 anos, quando entravam na escola¹⁰⁰.

Nossos entrevistados estudaram na escola da Fazenda Velha, uma escola secular na Igreja Batista que, na ausência de professores brasileiros, ensinava em leto¹⁰¹. Alguns recordam com saudades essa época e, ao falarem, trocam alguns substantivos masculinos por femininos e vice-versa¹⁰².

Outro fator permitiu que o idioma original se mantivesse por anos no núcleo colonial dos batistas letos: a distância da cidade e a ausência de influências culturais brasileiras. O difícil acesso ao núcleo foi realmente um fator preponderante neste sentido. No entanto, após alguns anos, discussões começaram a surgir dentro da igreja sobre a necessidade de se pregar o

¹⁰⁰ A escola secular ficava na própria Fazenda Velha, e na falta de professores brasileiros eram os próprios imigrantes que ensinavam, também no idioma leto. Informação contida nas Atas da Igreja de 1911.

¹⁰¹ De acordo com os relatos dos descendentes. Muitos letos luteranos também estudaram nessas escolas.

Evangelho em português para a conversão de outras pessoas que pudessem juntar-se a ela. O próprio aprendizado da língua portuguesa se tornou necessário. De acordo com o que foi relatado era necessário aprender o português para a evangelização toda a região; mas também é evidente que só poderiam negociar e comprar, desde mantimentos a produtos específicos, se soubessem falar o português. Muitos imigrantes foram enganados por não entenderem muito bem o idioma local e acabaram perdendo seus negócios ou propriedades por causa disso¹⁰³. Em outras palavras, saber português era fundamental para a sobrevivência e depois para a evangelização. Assim, em 1911, três dias na semana eram reservados ao aprendizado da língua portuguesa nas dependências da igreja:

“Item 15 – Sobre as atividades do irmão Carlos Leiman, decidiram o seguinte: domingo durante o dia e à noite, quartas à noite, culto para todos. Na 2ª feira à noite, culto para os jovens. Nas noites de 3ª, 5ª e 6ª, aulas para o ensino da língua portuguesa. E no Sábado aula aos componentes do conjunto

¹⁰² Fazemos essa menção porque estamos estudando o idioma leto há dois anos e muitos dos substantivos que na língua portuguesa são femininos ou masculinos são invertidos na língua leta. Isso provoca muitos risos quando os mais velhos e mais novos estão conversando.

¹⁰³ Um dos casos é o dos senhores Pruss e Kudrin. Eles acreditavam que suas terras eram fracas para o cultivo mas perceberam que possuíam um excelente barro para a cerâmica. Montaram uma olaria que começou a prosperar por ser a única nas proximidades. Após um ano do negócio, um senhor de nome Herman, conhecedor do português, conseguiu fazer os proprietários da olaria assinarem um papel sem entender muito bem seu conteúdo. A olaria acabou sendo vendida à família Azenha por um preço abaixo do que realmente valia. Ver: BOLDRINI, Maria Irani. *Op.cit.* p. 38.

*de sopro. Sessão é encerrada com oração. Ata assinada por E. Araiium*¹⁰⁴.

A experiência de louvor é essencial para essa aproximação das pessoas com sua religião:

*“Em cada cenário – e, portanto, provavelmente, para a maioria das pessoas – a mudança de uma tradição cristã para a outra é sentida como uma diferença na experiência social do louvor: nas relações dos devotos com seus irmãos, no sentimento de lugar e de pertencimento conferido pela participação em uma congregação; (...)”*¹⁰⁵.

O princípio também é válido para aqueles que não conhecem ou não tiveram nenhuma experiência em outra igreja. Mas para aqueles que a tiveram, o contato com o culto familiar e atmosfera comunitária atraía e atraem as pessoas devido à sensação de companheirismo que a igreja passa.

Em certa medida, a prática da oração é uma atividade de pessoas que se dizem devotas, e/ou que se esforçavam para viver conforme os ensinamentos bíblicos¹⁰⁶. Desta forma, esse tipo de prática desde cedo juntava as famílias – que, como já foi relatado, oravam muitas vezes uma na casa da outra – com o

¹⁰⁴ Ata da sessão da igreja de 1º de janeiro de 1911.

¹⁰⁵ FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. & WILSON, Derek. *Op. cit.* p. 274.

¹⁰⁶ É necessário lembrar sempre que para os evangélicos e os batistas, por conseguinte, a Bíblia é um livro de inspiração sagrada, portanto seus ensinamentos existem, via de regra, para serem seguidos e nunca questionados.

intuito de reunir os jovens para mantê-los ocupados, longe de divertimentos e pecados, mas, sobretudo, tentando conscientizá-los desse preceito bíblico¹⁰⁷. Se no início isso não chegou a ser proposital, devido ao fato de a única possibilidade de diversão e passeio residir na visita a outras famílias no domingo, atualmente é forte a tentativa de manter os jovens conscientes do que vem a ser o pecado, evitando atitudes que reflitam um comportamento incorreto de acordo com o julgamento de seus dogmas.

Isso é possível perceber pelas punições que são aplicadas aos jovens quando cometem algum ato falho aos olhos das pessoas mais velhas da igreja. Um exemplo disso foi a reunião da Assembléia da Igreja, em março de 2002, em que um jovem – um dos mais ativos da igreja e que cursa Teologia na Faculdade Teológica de Campinas – comprou livros de cânticos evangélicos diferentes daqueles que a igreja usava para o trabalho missionário no jardim Capuava, um bairro de Nova Odessa. Por se tratar de um bairro pobre e carente, com índice baixo de pessoas alfabetizadas, a intenção do rapaz foi de facilitar o entendimento do que as pessoas estavam cantando. Sua atitude foi totalmente reprovada pela Assembléia porque sua decisão não havia sido aprovada pelo corpo de membros da Igreja. Foi uma reunião tensa, mas ao final o jovem pediu perdão pelo erro diante da congregação e todos oraram.

Uma das justificativas dadas para o “julgamento”, especialmente pelas mulheres, foi que se tinham aprendido o significado das palavras do hinário Cantor Cristão, as demais pessoas deveriam fazer o mesmo e também ser

¹⁰⁷ Ownby, Ted. *Op. cit.* pp. 105-106.

ensinadas para isso; mas jamais dever tomar uma atitude antes de consultar a Assembléia da Igreja.

2.1.2 – A importância das orações na vida das pessoas

A lembrança de um imigrante na Letônia para o Brasil durante a Segunda Guerra Mundial mostra a funcionalidade dessa estratégia de oração: a ocupação dos jovens com a oração – levando em consideração que se trata de uma igreja de zona rural onde, normalmente, os “vícios” da cidade demoram um pouco mais para chegar e os jovens, devido às condições da época, demoravam um pouco mais para entrar em contato com as atividades urbanas em função do trabalho na lavoura:

“Novamente entre os batistas, sempre tem aquele ... a oração. Antes de qualquer refeição é a oração. Se agradece pela carne ... normalmente era feito durante a semana, nem tanto junto, mas pelo menos no Domingo, então era a família inteira. O velho [referindo-se ao pai] lia alguma parte da Bíblia ou então tinha um livro de sermões. Antigamente, agora não, mas antigamente tinha isso aí. Eram sermões para o ano inteiro, todo Domingo tinha um sermão, fazia a oração depois ia comer. Praticamente era assim como a turma chama: o altar da

família, o altar da família. Se ensinar o menino desde de pequeno, ele aprende". (Janis)¹⁰⁸

Nos últimos anos, além dos cultos domésticos de oração que estão sendo retomados pelas famílias e incentivados pela igreja, a Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa realiza o culto de oração durante as quartas-feiras, no período da noite. Neste dia os batistas letos se reúnem juntamente com os outros membros da igreja que não têm ascendência leta para a realização das orações presididas pelo pastor. Quando há alguma visita estrangeira, o culto é realizado também em português e traduzido simultaneamente por algum membro¹⁰⁹.

Nesses cultos, lê-se a Bíblia, ora-se individualmente e louva-se a Deus. Depois da primeira parte, as pessoas se dividem em duplas e passam a orar umas pelas outras. Durante a pregação do pastor é lembrada a necessidade de orar sempre, seja em casa ou na igreja e que não fazê-lo é uma negligência da família que pode ter repercussão nas atividades dos filhos. Daí a insistência na experiência de louvor e na relação direta com Deus.

Tentando esclarecer esse tipo de atitude, observamos que os protestantes vivem perseguidos pela consciência que os acusa quando estão cometendo alguma falta. Para o protestante a idéia é de perdão dos pecados através do arrependimento genuíno.

¹⁰⁸ Conservamos a linguagem coloquial para preservar o estilo dos entrevistados e, nesse caso específico, mostrar o grau de domínio da língua pelo imigrante. Nossa intenção é, neste caso, mostrar a dificuldade do aprendizado daquele que chega depois do grande contingente e precisa aprender de qualquer forma o idioma, como foi o caso deste senhor entrevistado.

Outro grande objetivo é a expansão da igreja. A evangelização é realizada porque os batistas acreditam que somente aquele que é batizado ganhará o Reino de Deus, ou seja, será salvo. Quanto mais pessoas crentes em Deus, mais indivíduos serão salvos. Na igreja há os não letos que foram incorporados durante a evangelização, mas são poucas famílias. Atualmente, a igreja realiza um trabalho intenso de organização de denominações batistas nos bairros periféricos de Nova Odessa, como é o caso do Jardim Capuava.

Durante o ano de 2002, antes do Carnaval, a igreja realizou um encontro com as crianças desse bairro. O mal-estar foi visível no templo. As crianças não paravam de falar e o pastor a todo momento pedia silêncio. As atividades voltaram a ser realizadas no bairro onde seria construída a igreja e as outras atividades agendadas no templo com as crianças do jardim Capuava foram transferidas para este bairro.

Sem dúvida é uma situação tensa que reflete, atualmente, um conflito de afirmação de identidade, em que os batistas tentam se firmar enquanto letões e preservar a identidade construída nesses últimos anos. Por isso, a tensão: crescer e preservar a etnia.

Em uma das oportunidades que tivemos de assistir a um culto durante a semana, observamos a pregação do pastor e sua insistência em afirmar que: *“Aquele que ouve a palavra de Deus, conhece a palavra de Deus e não se decide por ela está sendo negligente. Ouve a palavra, entende o que ela significa, mas não se decide por ela”*. Foi uma pregação voltada para a tentativa de novas

¹⁰⁹ Existem discussões em andamento e que estão cada vez mais fortes para se retomarem os cultos em leto.

conversões. O culto é sempre uma busca pelo salvamento de novas almas. Esta não é uma atividade específica dos batistas: outras igrejas evangélicas também trabalham nessa linha, pregando principalmente em áreas pobres e tentando aumentar seus quadros na igreja. É, portanto, um preceito do Cristianismo.

Diante de tantas transformações em nossa sociedade, da mudança de valores éticos e morais e do acesso facilitado ao que quer que seja que esteja fora da igreja, o jovem precisa ser conscientizado e convencido do mal que o pecado pode lhe causar. Nos dias de hoje, essas reuniões reforçam a idéia do mal que está fora de sua casa e insistem para que ele resista a qualquer tentação, seja ela moral, ética e principalmente sexual. Trata-se então de valores religiosos, segundo os quais sexo antes do casamento é contra as Leis de Deus. Este princípio é válido tanto para os primeiros anos de imigração como para as atividades que são hoje realizadas na igreja.

Tais valores não existiriam se uma prática discursiva não os sustentasse. Uma idéia de troca e comunicação, já esboçada por Foucault, deixa claro como eles atuam positivamente, segundo critérios de seleção de cada grupo, em sistemas complexos de restrição, como é o caso do discurso religioso.

“A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que deve possuir os indivíduo que fala (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define

*os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção*¹¹⁰.

Em se tratando de identidades que são construídas e reconstruídas ao longo dos anos, circulando portanto nos dois momentos que estamos analisando, o discurso religioso tem relevante papel na primeira definição dos imigrantes letos no Brasil: eles faziam parte de um grupo religioso e se diferenciavam dos demais grupos emigrados devido à língua que falavam e, em alguns casos, à religião que professavam – em um país majoritariamente católico como o Brasil.

Se, por um lado, a construção de uma identidade entre os imigrantes do nosso primeiro período de análise se deu em um espaço religioso, por outro a identidade acabou sendo circular e construída a partir de uma configuração histórica que identificava o descendente leto do segundo período, como possuidor de valores morais, éticos e religiosos atribuídos especificamente às pessoas que emigraram da Letônia. Percebe-se aí uma circularidade de idéias em que a identidade móvel passa a ser construída no contexto do final dos anos 1980, especialmente quando a Letônia volta a ser independente, baseada num sentimento de pertencimento já elaborado pelo discurso religioso e adaptado nesse momento às características étnicas.

¹¹⁰ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. pp. 38-39.

Nessa perspectiva, uma das possíveis conexões que explicam a existência da comunidade, decorridos quase cem anos da imigração, é a sua experiência religiosa. Como vimos até agora, ela se dá no momento da oração, aproximando os membros da família entre si e do grupo de imigrantes e descendentes letos nos espaços religiosos da igreja e da casa. Além de ter sido recriada ao longo dos anos, a experiência religiosa é recentemente incentivada por pessoas que conseguem viajar para a Letônia, colocando isso como um diferencial importante em relação à maioria dos brasileiros. Segundo eles, letões evangélicos, especialmente os batistas, são mais sérios e trabalham com mais afinco. Essa é uma representação recente, construída, ao que tudo indica, após o final da União Soviética, quando a Letônia ficou livre novamente¹¹¹. Além disso, para a parte mais velha do grupo de descendentes letos, a cultura europeia leta é acrescida de um sentido de superioridade em relação às demais culturas presentes no Brasil. O que torna-se necessário discutir é a afirmação que não existe nenhuma cultura pura, todas estão imbricadas por características umas das outras.

O ideal de uma conduta ética e moral é construído pelo discurso do grupo, ela é apropriada e representada pelas pessoas ao longo dos anos, exposta coletivamente. São, portanto, imagens mentais idealizadas, esquemas interiorizados, categorias incorporadas que reproduzem a estrutura gerada. Isso

¹¹¹ A respeito da invenção das tradições o terceiro e último capítulo dessa dissertação abordará justamente essa temática, procurando observar os momentos e as práticas elaboradas que conferiram e conferem identidade ao grupo de descendentes em Nova Odessa e que são usados como diferencial em relação ao restante das igrejas evangélicas na cidade.

possibilita que estudamos as representações do mundo social das pessoas, como pensam (ou como querem que pensem) que são¹¹².

Essa ação da imaginação, com a incorporação esquemas mentais, permite a representação de valores de ordem ética, moral e religiosa que, sendo modificados, imprimem um sentimento de constrangimento interiorizado, um recurso que faz com que a força física não seja usada e a regra de conduta seja obedecida¹¹³.

Durante os primeiros anos na colônia, o controle estava sob a égide dos pais e a própria dificuldade de locomoção impedia que o jovem fosse procurar experiências fora da igreja. Como hoje a dinâmica da vida mudou, o convencimento é necessário e a cobrança e o constrangimento da punição são os motivos que mais pesam na hora da decisão. Qualquer transgressão constatada pela igreja é igualmente julgada por ela. A vida social do crente batista, ou seja, a vida fora da igreja, permanece comandada pelo seu código de ética e é a consciência individual que vai apurar tudo isso¹¹⁴. São essas as estratégias que determinam as posições e relações do grupo no meio social, construindo sua identidade que, nesse primeiro momento da imigração, é religiosa.

Quanto a estes esquemas simbólicos que se articulam com o social e conferem ao indivíduo uma maneira própria de estar no mundo, o Estatuto da

¹¹² CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Op. cit. pp. 19-22.

¹¹³ *Idem, ibidem*. pp. 19-22.

¹¹⁴ Um detalhe na composição dos membros da Igreja Batista chama a atenção justamente por vincular a pessoa à igreja. O convertido, ao se batizar, perde sua identidade secular e passa a ser registrado juridicamente como membro da igreja. Para efeitos legais ele é membro da Igreja Batista. Há um compromisso assumido não apenas diante de Deus, mas é conferida identidade religiosa frente aos homens.

Igreja aparece como uma forma institucionalizada e é muito claro quanto às suas definições, conforme esboçamos anteriormente.

É a Assembléia, ou seja, o corpo de membros da Igreja, que faz o julgamento em caso de qualquer transgressão. As igrejas protestantes batistas são autônomas, independentes e todos os que fazem parte do seu rol de membros estão ali porque concordam com as regras e normas e consideram a Assembléia da Igreja soberana nas decisões – as quais nem o pastor, nem o presidente podem alterar sem o consentimento geral. Qualquer necessidade de alteração daquilo que já foi decidido tem que passar novamente pela Assembléia.

Nas Atas da igreja de 1911 podemos perceber em que grau a Assembléia tem poder de decisão em relação ao julgamento dos seus membros em caso de transgressão das normas:

“Irmão Leiman apresenta o desejo de Maria Araiium e sua filha Emília a retornar para a igreja e pede-se a igreja se gostaria de recebê-las de volta. A igreja reconhece que se elas reconhecem os seus defeitos, então a igreja as recebe de volta. Primeiramente é chamada Maria e depois de sua profissão (de fé) é recebida de volta unanimemente. Depois é chamada a filha Emília e também pelo seus testemunho é recebida de volta unanimemente”.

Para um jovem que nasceu nessa comunidade religiosa qualquer desvio dos preceitos religiosos, seja na igreja ou na vida social, significaria não

só a cobrança de todos os membros da Congregação, mas também a lembrança disso a todo momento, além, é claro, dos olhares de reprovação constantes – já que o meio onde vive é muitas vezes o mesmo onde estuda e trabalha.

Temos que entender que a sociedade secular é aberta e isso acaba gerando outras tensões na igreja, mas seus princípios permanecem de forma menos rígida ou não.

No período de nossa pesquisa de campo, observamos um caso ocorrido na igreja e considerado, de acordo com o código de ética religioso do grupo, uma forma grave de transgressão: a gravidez antes do casamento. O jovem casal envolvido foi reprovado pelos membros e tornaram-se motivo de vergonha para a família. As pessoas sofriam olhares reprovadores na igreja, ouviam comentários por toda parte e escutavam a lamentação dos pais. Estes não sofreram qualquer tipo de punição, e continuaram freqüentando a Igreja e suas atividades semanais. Entretanto, a lamentação da mãe e a sua convicção de que isto era uma tentação do demônio para seus princípios foi ouvida durante semanas por toda a igreja. A adolescente, seu filho e marido foram vistos algumas vezes na igreja, as pessoas chegavam para ver a criança mas sempre comentavam o acontecido. Esta situação dá uma idéia clara dos esquemas que deveriam ter sido incorporados e que, ao serem deturpados, acabaram gerando um sentimento de constrangimento.

Evidentemente a documentação a que tivemos acesso e que foi traduzida, não mostrou casos considerados graves como esse, mas é de supor

que eles existiram¹¹⁵, bem como outras deturpações do código de ética religioso que o grupo adotou. As atas da igreja trazem casos que em 1911 já se tentava evitar, para que maiores problemas não ocorressem. Uma dessas advertências consta em ata:

*“Item 7- Irmão Araiun expressa que tem que conversar com o jovem A. Liekining sobre seu comportamento enquanto esteve em Nova Odessa que deixou mau testemunho encontrando com as moças e prometendo para Elisa Kreplin casamento com ela. Não é sabido se isto é sério ou apenas promessa. Agora resta saber se o que vamos fazer com A. Liekining, quanto é culpada Elisa Kreplin. Outros acham que Elisa é culpada e que confirma isso levantando suas mãos. O que vamos fazer com a moça. Alguns levantam o parecer que Elisa Kreplin teria que expressar seu reconhecimento. Outros expressam que teria que falar com A. Liekining e ouvir seu depoimento. É decido a igreja escrever para ele e também para o irmão C. Leiman e que ele conversa com o irmão A. Liekining e nos dá a resposta. Finalmente se diz que jovem que pretende estudar na Faculdade Teológica não deveria se envolver com as moças”.*¹¹⁶

¹¹⁵ Apesar de abafados pelos membros da igreja, os casos de transgressão acabam sendo comentados nas conversas informais para exemplificar qual a forma de comportamento ideal que o crente deve ter.

¹¹⁶ Ata da sessão da Igreja de 29 de março de 1911.

O que podemos perceber em todas essas representações, parafraseando Foucault, é uma doutrina que liga os indivíduos à enunciação entre si e à sujeição deles ao discurso e do discurso ao grupo¹¹⁷. O discurso é uma construção histórica, sendo representado, incorporado e reconstruído pelo grupo de acordo com os interesses em determinados momentos históricos, passando pelos conflitos de disputa de poder das pessoas que compõem, em nosso caso, o rol de membros da igreja. Apesar de ser uma igreja pequena, há disputa pelas aprovações dos mais variados projetos – nesse caso, eles vão desde a eleição da diretoria da igreja até viagens para congressos em que a igreja deve ser representada.

Nesse sentido, a oração também passa a ser um discurso e a representar os interesses de determinados grupos na igreja ou a sujeitar os indivíduos a determinadas ações. Transforma-se em uma estrutura de poder e é apropriada pela figura masculina. Durante esses anos de pesquisa de campo, nunca observamos uma mulher fazendo as orações a pedido do pastor durante os cultos. As atas da igreja, às quais tivemos acesso em um determinado período, também não trazem nenhuma indicação de oração feita por mulheres na abertura de reuniões de negócios ou em alguma Assembléia regular da igreja. Mas são elas sem dúvida que representam os ritos de fé e ensinam seus filhos. À mulher é reservado o papel de pianista – ou a função de tocar qualquer outro instrumento da orquestra – ou até mesmo de regente do coral.

¹¹⁷ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 43.

As orações feitas no lar não se restringiram somente ao solo brasileiro e também não foram aprendidas aqui; elas já aconteciam na Letônia antes da imigração e continuaram acontecendo com os batistas letos que não emigraram em 1890 para o Brasil. Os relatos e as leituras feitas revelam que no final do século XIX, na Letônia, com toda a dificuldade relatada quanto à proibição do culto religioso, essas reuniões de oração aconteciam nas casas com um sistema de rotatividade muito bem definido, visando que os crentes não fossem pegos e presos devido à proibição existente¹¹⁸. Essas reuniões tinham como objetivo o despertar da fé em outras pessoas e a adoração a Deus. No entanto, apresentavam-se como movimentos contrários à ordem vigente, que era luterana¹¹⁹. O que podemos observar quanto a proibições de cultos, encontros e outras atividades referindo-nos ao período da Reforma¹²⁰ é reproduzido no discurso dos imigrantes sobre as condições em que viviam antes da saída da Letônia¹²¹.

Durante o período da pesquisa de campo, observamos que as orações feitas durante os cultos na igreja, pelos homens, enfatizam a gratidão que têm por Deus referindo-se a Ele sempre como “Pai”. Deus para os batistas letos é aquele a quem todos podem recorrer desde que estejam puros de coração, ou seja, sem rancor, sem raiva, e não colocando condicionamentos para o amor. Como não se

¹¹⁸ Tervits, Janis. *One Hundred and Twenty Years of Baptist Churches in Latvia*. Riga: [s.n.], 1980. Traduzido por M. Inkenass. pp. 1-8. Ver também Rushbrooke, J. H. *The Baptist movement in the continent of Europe*. London: The Carey Press, 1923. São artigos que mostram a perseguição aos batistas na Letônia, bem como a dificuldade e a proibição do batismo em fins do século XIX e começo do XX.

¹¹⁹ Sobre o início do trabalho batista na Letônia e o domínio luterano alemão ver: Rushbrooke, J. H. *Op. cit.* p. 109.

¹²⁰ Fernández-Armesto, Felipe. & Wilson, Derek. *Op. cit.* p. 275.

¹²¹ Tervits, Janis. *Op. cit.* pp. 1-5.

pode medir tais critérios, é a consciência de cada um que vai determinar o sentimento – outra característica da religião batista e do protestantismo em geral que coloca a salvação no plano pessoal, da mesma forma como coloca um diálogo direto entre o crente e Deus – de arrependimento.

Portanto, a oração passa a ser a ponte direta com o Criador, o contato direto e intenso do crente com Deus. É durante ela que o crente se exime dos pecados, pede intervenção divina em seus problemas, sejam eles de qualquer natureza, e pede sobretudo para que Deus continue abençoando a igreja. Todas as conquistas, todas as vitórias são atribuídas às bênçãos que a Igreja recebeu de Deus e coloca seu trabalho sempre em nome Dele.

A oração mais uma vez liga o crente com o Criador, e quanto mais cedo despertado esse sentimento nos jovens ou em crianças, maior e mais rápido será o laço estabelecido. Que, dessa forma, dificilmente será rompido.

2.2 Os símbolos da fé evangélica: a música, a vestimenta e o silêncio

Os significados originados dos símbolos sagrados definidos pela religião e representados pelos seus membros, além da relação da devoção ao sagrado, organizam a experiência emocional das pessoas e permitem uma aproximação e um sentimento especial com a igreja que é freqüentada pelo crente. Une-se a esse aspecto o fato de que as igrejas evangélicas, dependendo

da sua denominação, sempre são pequenas, o que ajuda a aproximação das pessoas e as mantêm de uma certa forma unidas – ou pelo menos representado isso em nome da união da denominação. A Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa é um claro exemplo de unidade menor das igrejas batistas, e isso facilitou a aproximação das pessoas com o grupo e entre si, resultando disso um conjunto que se fechou ao longo dos anos para as demais etnias. Como mencionamos anteriormente, o período de nossa pesquisa de campo a Igreja contava com 150 membros, quando computadas missões nos bairros e missões letas. No início da colonização o número era maior, especialmente, quando aconteceu a imigração de 1922. Mesmo assim, o número não era tão grande. O que acontece nos dias de hoje é que a maior parte dos membros da igreja já está com idade avançada e a freqüência aos cultos diminuiu.

Outra característica da evangelização¹²² através do lar é o silêncio nas atividades domésticas nos dias reservados ao Senhor ou na dedicação deste dia às atividades da igreja. Apesar de não ser seguida rigidamente a guarda sem trabalhos extras do domingo nos dias de hoje, o silêncio – o momento particular de oração do crente com Deus – se faz refletir nas atitudes do grupo batista.

Para o leito batista o final de semana sempre foi reservado às atividades da igreja. Encontros dos grupos de jovens, de senhoras, de senhores e das crianças caracterizam atividades religiosas e sociais dentro da igreja, e foram práticas constantes durante os primeiros anos de imigração (assim são até hoje). Essa proeminência da família eclesiástica sobre a família nuclear, ocupando

¹²² Ramon Santos da Costa observa a evangelização do crente batista como uma forma de implantar sua visão religiosa no mundo, entendido aqui como a parte externa e laicizada da igreja.

todos os espaços livres, seja durante a semana ou nos finais de semana, faz parte da estratégia de manter o crente sob os signos e símbolos da religião. Atualmente, como as pessoas procuram lugares onde se sentem bem, as igrejas tentam atrair as demais pessoas com promessas de céu para os convertidos e ameaças de inferno para os que estão em dúvida. Tentam diversificar o culto para os jovens dentro de suas pretensões de desenvolver hábitos e costumes, aproximando-os da denominação¹²³. Nesse caso, são incorporadas ao hinário músicas mais recentes e participações dos jovens durante os cultos.

Observamos que as atividades religiosas acontecem tanto aos sábados como aos domingos. Aos sábados, o leito zela pelo templo, promove reuniões de organização das atividades para o culto do dia seguinte, ensaia o coral na parte da noite e durante a tarde promove atividades esportivas dentro do pátio da igreja. Os jovens acabam sendo envolvidos nessas atividades e permanecem dentro do local nesses dias. Durante os sábados também acontece a organização de atividades sociais da igreja. Não é rara a celebração de festas, como o “galeto”¹²⁴ para angariar fundos para retiros da juventude ou para qualquer necessidade que a igreja tenha. Aos domingos acontece o culto matinal, sempre às 10:30h,

¹²³ FERNÁNDEZ-ARRESTO, Felipe. & WILSON, Derek. *Op. cit.* p. 289.

¹²⁴ Esta é uma festa onde toda a igreja, parentes e membros de outras igrejas batistas são reunidos para comer frango, farofa e maionese além de outras guloseimas. Os recursos quase sempre são destinados a retiros da juventude. Sendo assim, todos os jovens trabalham nessas ocasiões preparando a comida, preparando o salão social da igreja e convidando os amigos. É o momento de se levar também os amigos não crentes para que entrem em contato com a igreja e possivelmente acabem gostando. Mas a festa pode também servir para angariar fundos para a própria igreja, seja para reformas, seja para a compra de algum material necessitado.

continuando o costume dos primeiros imigrantes que, devido à dificuldade de locomoção à noite, realizavam o culto somente pela manhã¹²⁵.

A existência de festas como essas em outros lugares, inclusive com os mesmos propósitos, mostra sua característica religiosa.

AS atividades da Igreja ocupavam o imigrante nas tardes do final-de-semana, incluindo-se aí o ensaio do coral que, mesmo após o culto passar a ser em português, continuou cantando músicas no idioma leto. A religião foi marca principal dos imigrantes nos primeiros anos da colonização; entretanto, é inegável a construção da herança cultural étnica do grupo, seja ela representada na música, no idioma, nos costumes, tradições e hábitos alimentares, seja representada ainda nos dias de hoje, depois das visitas feitas a Letônia após o fim da dominação soviética.

Retomando as atividades da igreja no início da imigração, o coral era composto por muitos imigrantes e as atividades de ensaio, tanto de vozes como de instrumentos, ocupavam toda a tarde de domingo. Muitos são os descendentes que contam a respeito das músicas cantadas em leto pelo coral da igreja, seja pela perfeita sintonia de vozes, seja pela excelência no manejo do instrumento. As observações que fizemos da igreja de Nova Odessa e durante os encontros da Associação Batista Leta, revelaram um coral e orquestra perfeitos. Além de participarem na igreja, muitos membros atuam hoje no coral e orquestra da cidade, e seu regente e coordenador é um descendente de leto que também exerce mandato de vereador em Nova Odessa.

¹²⁵ Atualmente, além do culto às 10:30 da manhã era, também um outro culto às 19:30h, aos domingos à noite.

De acordo com os relatos e as fotos que temos disponíveis relativos aos primeiros anos de imigração, o coral dos imigrantes era mais numeroso que dos descendentes é hoje. A diversidade de instrumentos tocados nos primeiros anos em relação aos que são tocados hoje refere-se somente à quantidade de pessoas que se dedicavam a seu aprendizado. Na orquestra da igreja nos dias de hoje temos uma variedade de instrumentos, todavia o número e a dedicação a seu aprendizado parecem diversos:

“Era fantástico. Meu pai contava que o coral dos imigrantes era fantástico. O coral de hoje não fica nem perto do que era o coral dos imigrantes”. (Alfredo)

Isso pode revelar uma memória afetiva. Nos ensaios dos corais ou nas músicas cantadas em casa, o descendente de leito tem uma lembrança sonora daquilo que o aproximava das atividades dentro e fora de casa e que conferem significados e sentidos¹²⁶.

Hoje em dia é grande o número de membros que toca pelo menos um instrumento, principalmente o piano, e também se apresenta com a orquestra uma vez ao mês. Os ensaios continuam acontecendo nos finais de semana. Muitos jovens fazem parte da orquestra tocando instrumentos de sopro, violino e piano. Há ainda instrumentos como bandolim e violão celo – tocado por um dos jovens.

A música é, na verdade, uma forma de oração, onde todas as angústias são relatadas, onde é mostrado todo o trabalho do crente para vencer as forças do mal e novamente para fazer pedidos para que seu não seja desviado pelo grande inimigo de Deus. A maioria das músicas cantadas hoje na igreja faz parte do hinário “Cantor Cristão”, um apanhado de músicas da Europa e de outros países como os Estados Unidos, que procura reforçar a preocupação do crente em vencer as forças do mal, entendidas aqui como as tentações mundanas. A música exterioriza os sentimentos e aproxima os membros nos momentos do ensaio. Trata-se de representações que, além de interiorizar sentimentos – e a música consegue articular isso muito bem –, exterioriza-os da mesma forma. Chegamos a ouvir em um dos momentos que estávamos na igreja a convicção de um dos membros de que só cantavam as músicas do Cantor Cristão os convertidos e batizados.

Atualmente, os descendentes procuram apresentar números especiais de música leta folclórica ou religiosa, principalmente nos dias de festa ou encontros especiais na igreja. Normalmente são sempre os mais velhos que fazem essas apresentações no idioma leto. Os mais jovens se dedicam a outras atividades também relacionadas à música, mas especificamente os da Primeira Igreja, nos dias de hoje, não estão muito interessados nesta prática cultural, dedicando-se aos ensaios do coral em português.

¹²⁶ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. pp. 444-445.

O culto batista está, então, baseado praticamente na pregação do pastor, nas apresentações de músicas feitas pelo coral¹²⁷ da igreja e pelos hinos cantados pela igreja.

[A música é uma forma de orar. Além de cantar os letos e os descendentes letos procuraram não só cantar mas também aprender a tocar um instrumento] “Isto é marcante entre os letos. Sempre aprender, aprendem a música e procuram tocar um tipo de instrumento. Isso é uma coincidência entre os letos, tanto aqui como na Letônia”. (Nilton)

Nos últimos tempos os ensaios são feitos também na parte da tarde de domingo, assim como se reúnem o conjunto de cordas, a orquestra, o conjunto masculino e, eventualmente, ensaiam individuais. No culto batista sempre é firmado o compromisso pessoal do crente com seu Criador:

*“Mais de **Ti** e menos de **mim**, vem senhor **me** conceder mais de **Ti** e menos de **mim**”.¹²⁸*

¹²⁷ Quando falamos em coral, significa um coral de fato, com tenores, sopranos e regente. Normalmente são escolhidos pelo seu regente as músicas e o estilo. O coral da Fazenda Velha não é grande se comparado ao de outras igrejas batistas, no entanto a maioria dos seus participantes toca um instrumento. Falaremos com mais detalhes no terceiro capítulo, onde nos deteremos sobre as formas de expressão cultural do grupo de imigrantes, do primeiro período de análise e do grupo de descendentes, do segundo período observado.

¹²⁸ Hino cantando em todos os encontros da juventude na Igreja. Sua origem é norte-americana. Reforça a idéia de uma relação direta entre o homem e Deus, sem intercessão humana.

Nas atas da igreja constam o cântico de hinos e as orações antes do início de qualquer Assembléia da igreja, seja ela de negócios ou regular.

A Assembléia de negócios da igreja, normalmente realizada após o culto matinal de domingo, envolve todos os membros da igreja descendentes ou não. Eles não são obrigados a ficar. A maioria dos membros permanece para a tomada de decisões, embora isso não seja obrigatório. Essa é uma organização da igreja batista, cuja estrutura de igreja independente, confere poder de decisão aos membros é também prática que também foi observada nos documentos da igreja nas reuniões dos primeiros anos de formação da igreja. Nesse período, os imigrantes reunidos em Assembléia decidiam suas atividades e sempre começavam as reuniões com oração, cântico e apresentação da pauta pelo presidente da igreja:

“Ata da sessão realizada em 1º de janeiro de 1911.

Iniciada com hino, leitura da palavra de Deus e oração.

Reunião dirigida pelo irmão A. Araiuns. Ata da sessão anterior

é lida e aprovada unanimemente”¹²⁹.

¹²⁹ As Atas da Primeira Igreja Batista de Nova Odessa se tornaram um importante instrumento de pesquisa na medida em que procuramos não ilustrar nossa hipóteses com o que estava escrito nas atas, mas sobretudo, observar o cotidiano da igreja e “ouvir” o que elas tinham a nos dizer. Como as atas do período de pesquisa da igreja estavam todas no idioma leto, pedimos para que um dos descendentes fizesse a tradução oral dessas atas. Preservamos a fala original gravada. As lacunas existentes na tradução justificam-se pela dificuldade de tradução do idioma em função do seu tempo histórico. A língua passou por transformação. O “leto” falado hoje na Letônia não é mais a mesma falada pelos descendentes em Nova Odessa que também não é a mesma que era falada pelos imigrantes.

Os descendentes que têm condições de viajar e conhecer a Letônia fazem relações da igreja com alguns eventos que acontecem na Europa. Entre eles, a música se configura como uma atividade fortemente ligada à Letônia. Lá acontece um festival de música de cinco em cinco anos, reunindo diversas pessoas das regiões do país na capital, Riga. A quantidade de instrumentos tocados que pudemos observar em fitas de vídeo dos festivais e também de apresentações feitas nas igrejas sejam batistas, luteranas ou presbiterianas, realmente impressiona. O grupo de descendentes aproveita isso para reforçar a aproximação com o grupo de imigrantes e construir sua identidade étnica.

Uma comparação feita com as igrejas batistas brasileiras revela também uma certa quantidade de músicas cantadas durante o culto; entretanto, a quantidade de pessoas que tocam algum instrumento é bem reduzida se comparada com a das igrejas batistas letas. De acordo com um pastor que pregou por longo tempo em várias igrejas, entre letas e brasileiras, esse dado lhe parece bem claro. As igrejas batistas possuem uma musicalidade inerente em sua organização. Vários membros tocam pelo menos um instrumento e sabem reger o coral.

Presenciamos, também, a apresentação de vários grupos de cantores e dançarinos cantores vindos da Letônia, para comemorações religiosas ou festivas no Brasil, especialmente em Nova Odessa. De fato, a formação musical parece ser uma atividade presente na vida das pessoas – pelo menos daquelas que moram na capital. Em uma das correspondências que recebemos de um clube de cartas feito entre os estudantes do idioma leto em Nova Odessa com

estudantes da Letônia, uma jovem dizia que, além da escola, as atividades que realizava durante a semana eram o estudo de piano e a natação.

Apesar de ser uma atividade comum às igrejas evangélicas, a música é de fato uma presença forte nas igrejas batistas de descendência leta. Os corais, em geral, cantam nos dois idiomas: português e leto, e são algumas das grandes atrações em época de Congressos. Atualmente, os jovens descendentes procuram estudar o idioma para poderem se apresentar na igreja cantando em leto.

Possivelmente esta é uma característica cultural que foi trazida pelos imigrantes e recriada ao longo dos anos pela comunidade leta. Se isso de fato tinha tanto valor entre os descendentes e era sinônimo de orgulho por parte daqueles que tocavam, nada mais natural que os pais incentivassem os filhos no aprendizado de um instrumento.

Além disso, a música é forte componente na evangelização, principalmente com as crianças. É mais fácil ensinar através da música e isto os batistas descobriram rapidamente. Para as crianças da Escola Dominical, sejam filhos dos membros ou crianças das Congregações da igreja, a música é ponto-chave na educação. Contam-se histórias bíblicas, ensinam-se regras morais e éticas, incutem-se comportamentos através de músicas. Sempre que acontecem apresentações de crianças da Escola Bíblica Dominical nos cultos, estas são feitas, em sua maior parte, através de músicas. As apresentações são dirigidas pelas professoras. Enquanto uma toca ao piano, as outras auxiliam os alunos cantando e fazendo mímicas.

Além de forte instrumento de evangelização, a música se torna desde cedo o elo de ligação, como já dissemos, e uma forma de oração. Refere-se também às atividades diárias dos crentes e expressa agradecimento e confiança no Senhor. Tanto a música como a oração são sempre feitas na primeira pessoa. O sentido coletivo está ausente de suas prerrogativas, a não ser quando se trata de pedidos para a igreja. Como muitos membros oram e cantam em leto, isso faz com que o idioma continue circulando na igreja.

Como parte desse respeito pelo dia reservado às atividades que visam a religiosidade, a indumentária é ponto fundamental quando se dirige à igreja. A escolha das roupas passa por um crivo moral e o descendente de leto batista do sexo masculino está sempre vestido com camisa de manga comprida, terno e gravata. Os meninos, apesar de não usarem o terno, estão sempre com camisas e calças compridas, sapatos fechados e meias, carregando suas Bíblias e hinários sob um sol que no verão chega perto de trinta e cinco graus. Estão sempre muito bem vestidos e mesmo os que têm menos condições reservam suas economias para a compra de pelo menos um terno, por exemplo. Observamos nesses anos a entrada de pessoas que não são descendentes de letos para a denominação. Como se tratava de pessoas sem muitos recursos, os membros da igreja ajudaram doando ternos mais antigos aos recém-chegados.

A preocupação com a roupa já aparecia nos primórdios da colônia. A reminiscência dos descendentes revela práticas de preparo das roupas para o culto, mostrando a importância dessa atividade e a forma como o domingo era dedicado somente a atividades religiosas:

“Ultimamente, quando o tempo estava cada vez mais escasso, meu pai contava coisas dos tempos antigos. Ele dizia: ‘Agora que tem carros, telefones, tem tudo e não tem tempo. Antigamente não havia estas coisas e havia tempo’. Antigamente, domingos à tarde, havia tempo para se pegar um animal, engatar o animal no trole, fazer visitas, havia tempo. Quando meu pai dizia: ‘Quando eu era menino, eu é que girava a roda para fazer goma a partir da mandioca’. Imagine só, havia tempo para plantar mandioca, colher a mandioca, fazer um ... construir um rolo de concreto. Este rolo de concreto revestir com uma fita metálica áspera, para encostar a mandioca e girando este rolo, ralar a mandioca. Obter mandioca ralada para então fazer a goma para, com esta goma, engomar os colarinhos das camisas que as pessoas iam bem arrumadas para a igreja, com os colarinhos bem duros, com o punho das camisas bem engomados”. (Alfredo)

A comparação feita por este filho de imigrantes, além de mostrar o cuidado do leito com sua vestimenta adequada, acusa ainda as nova gerações de displicência com relação ao tempo gasto e lhes cobra maior empenho nas atividades religiosas. O que se percebe na Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa é uma constante preocupação com relação ao jovem, com suas atividades e empenho com a religião. Por mais que o jovem esteja engajado com

a Igreja, realizando atividades e assumindo responsabilidades, sempre lhe é cobrada maior participação.

O jovem e a criança da Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa repetem as ações feitas pelos mais velhos, ou seja, o comportamento deles deve ser o mesmo que o do adulto preferencialmente de seus pais. A criança e o jovem devem estar vestidos adequadamente e portar-se da mesma forma como os adultos, repetindo os seus bons modos. É uma maneira de familiarizar os futuros membros da igreja com os costumes religiosos. Um dos entrevistados mostra essa preocupação com a criação de hábitos e costumes nos jovens e crianças desde cedo:

“(...)Se ensinar o menino desde de pequeno, ele aprende”.

(Janis)

O sábado e o domingo são dias reservados às atividades religiosas, procurando reforçar os sentimentos de amor, fé e piedade, na tentativa de afastar qualquer sentimento que evoque o pecado. São esses profundos sentimentos que ligarão cada vez mais o devoto com a igreja e sua família. Para a família evangélica batista, como para outras religiões evangélicas, o núcleo familiar é o sustentáculo, um pilar de força. A relação direta entre o homem Deus, o diálogo aberto entre os dois, são responsáveis pela aliança feita. Logo, um discurso do cristianismo.

Além dessas atividades na igreja, os jovens, principalmente, são envolvidos em projetos de evangelização e formação de novas igrejas batistas.

Primeiro formam-se uma congregação, batizam-se membros até que seja formada efetivamente uma igreja. O relato a seguir é uma maneira de idealizar o trabalho dos letos, mas na base de organização da igrejas está a concepção batista:

“(...)o trabalho missionário aqui mesmo em Nova Odessa, porque eles nunca ficaram apenas em Nova Odessa, mas eles começaram a Primeira Igreja Batista de Sumaré, a Primeira igreja Batista de Americana, a Primeira Igreja Batista de Santa Bárbara D’Oeste¹³⁰, a Primeira Igreja Batista de Pirassununga, a igreja de Leme, Areias, então foi um trabalho muito grande dos [imigrantes] letos aqui de Nova Odessa. E várias outras que nós não temos conhecimento. Foi um trabalho muito grande e o trabalho missionário de Varpa foi muito, também ... ainda foi maior. Porque toda aquela Alta Paulista, todas aquelas cidades aonde tem uma igreja batista, quase todas elas foram começadas através de um leto ou de um residente ou de um pastor que chegou ali e começou o trabalho, toda Alta Paulista. Ao todo dá mais de 150 igrejas formadas através de um trabalho leto, de participação de letos.

¹³⁰ Na verdade, a primeira igreja batista foi organizada em Santa Bárbara D’Oeste na data de 1871. Ela foi organizada para atender aos imigrantes Confederados do Estados Unidos, e atualmente é conhecida por ficar no Cemitério do Campo dos Americanos. Ver: GUSSI, Alfredo F. *Os norte-americanos (confederados) do Brasil – identidades no contexto transnacional*. Campinas: Centro de Memória Unicamp, 1997. p. 105.

[Sobre a colônia de Monte Verde] mas teve um grupo de letos que foi residir em Monte Verde a convite e incentivo do irmão Werner Grimberg. Comprou uma grande gleba de terras em Monte Verde e num determinado momento ele loteou parte de seus terras, especialmente vendendo para letos ... de Nova Odessa e de outras regiões. Então, formou-se uma colônia ali. Existiram outras que não existem mais. Existiu uma colônia em Jacu-Açu, existiu uma colônia em Araraquara, em Nova Europa, meu pai mesmo nasceu em Nova Europa, mais alguns de seus irmãos. Também em Iguape, São José dos Campos. Então foi um trabalho bastante extenso, Registro ...". (Nilton)

O desenvolvimento desse trabalho foi feito exclusivamente nos finais de semana, já que a maior parte dos imigrantes trabalhava na lavoura, restando tempo somente à noite – o qual era dedicado ao aprendizado do idioma português, justamente para o desenvolvimento do trabalho de evangelização, ou para outra atividade na igreja. Portanto, os fins de semana serviram fundamentalmente para a realização desses trabalhos.

Por fim, o dia de silêncio é, na verdade, um dia reservado para as atividades religiosas na igreja, na qual todos os membros se encontram e realizam os rituais da religião. Essas atividades evocam um profundo sentimento de virtude da vida religiosa. Podemos considerar que, para o descendente de leto batista, os finais de semana são reservados à igreja. Dificilmente ele se ausenta da igreja, a não ser por motivos de viagem – muitas vezes encontros religiosos

promovidos por outras igrejas – ou eventos como casamentos, etc. Tal é o envolvimento com a igreja que a sua ausência é sempre justificada, assim como é cobrada a frequência dos membros nos cultos. Diante de todos esses fatores, é perceptível também a tentativa da igreja em evitar que os jovens tenham contato com o mundo fora da igreja, portanto na realização dessas atividades nos finais de semana carregam consigo a tentativa de ocupar o jovem e mantê-lo na igreja, evitando assim as tentações.

2.3 A Harmonia: o lar como representação de pureza e testemunho de fé

Entre as diversas atividades relatadas que acontecem no lar que fazem parte de uma cultura evangélica (a qual procura aglutinar comportamentos, posturas, questões éticas e morais em torno da religião batista), há outras atividades acontecendo neste mesmo espaço ou entre as diversas famílias que compõem a vida e o testemunho de fé que é exigido do crente.

A postura do crente batista, bem como seus hábitos e atitudes, deve ser uma espécie de modelo para outras pessoas. Isso significa que o batista deve mostrar em seu comportamento o comprometimento que tem com Deus, com seu Salvador na figura de Jesus Cristo. O “mundo”, considerado pelos batistas como aquilo que está fora de seu lar e da sua igreja, é profano e não pode fazer parte da sua vida, a não ser para que retirem outras pessoas desse mundo para a

salvação em Cristo. Diante dessa idéia, o comportamento, o lar e a vida do crente batista devem ser exemplos e testemunhos de sua fé¹³¹.

O lar é visto como extensão da igreja, com total ausência de qualquer atitude de pecado e desrespeito. A casa dos batistas é também local de encontros entre as famílias, os jovens, as crianças, onde desenvolvem-se atividades especificamente domésticas, de negócios – normalmente entre os homens –, além de possuir um local para receber visitas como forma de recreação. Entretanto, essa prática de visitas e recreação tem que estar necessariamente de acordo com os preceitos religiosos dos batistas. O lar é um local de total inexistência, ou pelo menos deveria ser, de pecados e tentações.

Normalmente, o lar é visto como um bom local de recreação, especialmente em se tratando de uma comunidade que, em 1906, estava muito afastada do centro da cidade. Aliás, falar de um centro em uma cidade que surge praticamente com a formação do núcleo colonial é observar que, de fato, Nova Odessa também estava em formação. Além de serviços de primeiras necessidades, não havia mais nada na cidade que fosse referente à diversão.

O lar de um membro da igreja era uma das únicas alternativas de encontro para um simples lazer, como também era local de congregação entre homens e mulheres. Fazer e receber visitas dos membros da igreja era uma forma de recreação e uma possibilidade para os homens tratarem de negócios em um local reservado ou nas áreas externas da casa; era também a oportunidade para que as mulheres combinassem atividades religiosas, conversassem sobre

¹³¹ Quanto a visão religiosa de mundo batista e sua metodologia para conversão ver: COSTA, Ramon Santos da. *Op. cit.* p. 13.

diversos assuntos, ajudassem umas às outras, entre outras coisas. Estão presentes na memória dos descendentes atividades de visitas feitas quando eram crianças, junto de seus pais. Eram momentos de diversão, de conversa entre primos e, especialmente para os mais velhos da colônia, era ocasião para que o idioma fosse amplamente falado – uma vez que estavam em família.

Em seu estudo sobre as comunidades evangélicas no sul dos Estados Unidos, no final do século XIX, Ted Owmbly mostra como essa prática de visitas era freqüente entre as pessoas, justificando-se por diversos motivos¹³².

De acordo com o autor, as visitas aconteciam no trajeto da casa para a igreja aos domingos e, apesar dos homens participarem integralmente desses momentos, eram uma atividade exclusivamente feminina. Era neste momento que a mulher podia ter seu passatempo, conversando com as amigas ou parentes sobre seus problemas domésticos ou ajudando-se mutuamente em afazeres, devido a problemas de saúde, ou como simples visita de encontro. Essas visitas eram práticas de recreação e sociabilidade nos pequenos centros¹³³.

Ao mesmo tempo em que as visitas se transformaram em um passatempo, elas serviram também como momento de desabafo sobre algum problema, respeitando-se sempre um círculo pequeno e fechado de amigas. Outras vezes, tais visitas podiam despertar algum interesse entre os filhos das famílias, estreitando ainda mais os laços entre o grupo religioso através de matrimônios. Dessa forma, era uma outra estratégia de aproximação das pessoas

¹³² OWMBY, Ted. *Op. cit.* p. 110.

¹³³ *Idem*, p. 112.

e desenvolvimento do sentimento de companheirismo que, certamente, acabava sendo transportado para a igreja.

Em relação ao grupo de imigrantes letos da primeira geração na Igreja, não temos muitos relatos sobre as primeiras décadas após sua chegada uma vez que já se passaram quase 96 anos da imigração. Entretanto, a forma como que se organizam hoje e como se fizeram ao longo desses anos pode sugerir algumas atitudes comuns.

Nas discussões realizadas nas Assembléias da igreja, casos de indisciplina foram apresentados e procedimentos foram adotados quanto ao julgamento do membro diante de alguma falta. Isto mostra que as pessoas não estavam próximas somente na igreja, mas tinham uma prática constante de visitas, já que nos relatos das atas da igreja casos muito particulares foram mostrados. As pessoas da comunidade sabiam exatamente o que acontecia na vida cotidiana das outras famílias letas batistas, inclusive nas famílias letas luteranas – já que muitos sítios eram vizinhos uns dos outros e a ajuda a outras famílias nos trabalhos domésticos ou construção de paiol eram comuns:

“A escolha do lugar para as reuniões, depois de várias discussões o assunto fica sobre a mesa até se encontrar alguma saída, pois é necessário ajudar os irmãos na construção dos celeiros”¹³⁴.

¹³⁴ Ata da Igreja em 12 de fevereiro de 1913.

Mas não era apenas isso. O fato de organizar as atividades da igreja, de zelar pelo templo, discutir compromissos da igreja para, no momento da Assembléia, votar em algumas opções, revela uma prática religiosa fora de seu espaço. As visitas e encontros nas casas não só eram freqüentes como também serviam para a discussão de assuntos da igreja. Os intervalos entre os cultos e outras atividades que aconteciam na igreja seriam insuficientes para que tais assuntos fossem discutidos e decididos. A rotina noturna durante a semana do imigrante também constava de atividades tais como, por exemplo, aulas para aprender o idioma português.

Ainda hoje são comuns o encontro e as visitas entre os descendentes para os mesmos fins. As mulheres, em particular, combinam encontros durante os cultos para que possam organizar a semana. Além de atividades de costura, culinária e visita aos doentes, elas organizam a rotina da igreja, conversam entre si sobre as necessidades materiais da cozinha, planejam almoços, cardápios para essas reuniões, além da organização de casamentos e a supervisão das atividades desenvolvidas pelos filhos – a maioria deles envolvidos na evangelização dos bairros que estão nascendo próximos à igreja.

As visitas mostram a inclusão dos membros jovens da congregação. Além das atividades sociais que acontecem na igreja, o jovem, homem ou mulher, é preparado para assumir os compromissos que o pai ou a mãe exercem ali, aprende desde cedo a reger um coral, por exemplo. Qualquer leigo bem sabe o quanto trabalhosa é essa atividade e quanto tempo é despendido em seu aprendizado.

O grande problema percebido em nossa observação nos dias de hoje e que consideramos importante para o desenvolvimento da análise é a diferença de uma geração para outra. No final da década de 1960 e durante a década de 1970 muitos jovens foram estudar ou trabalhar fora dos sítios. Isso provocou uma incompatibilidade de planos entre a geração mais nova e a mais velha. Muitos netos e filhos de imigrantes acabaram estudando e trabalhando em outra cidade. Entre esses membros encontramos dentistas, professores, administradores, físicos, matemáticos, advogados, entre outros. As mulheres apresentam certa participação nisso. Algumas, por serem professoras, acabaram servindo como missionárias, montando grupos entre os índios ou optando em trabalhar nos grandes centros. O que aconteceu num período posterior foi a volta desses jovens para os sítios para cuidarem dos pais já muito velhos ou, simplesmente, para retomar as atividades do local. Entretanto, esses sítios também se urbanizaram com o crescimento da cidade.

Seguramente, foi a partir dos anos de 1950, quando a cidade de Nova Odessa começa a crescer e se expandir em direção a zona rural e que proporcionou esse movimentos nas décadas seguintes, que surge na Primeira Igreja Batista uma preocupação com a etnia, que acaba sendo reforçada a partir dos anos de 1980.

Como para a mulher imigrante das primeiras décadas da colônia, estudo e trabalho fora do lar não eram possíveis, e seu meio de fuga dos constantes, eternos e monótonos afazeres domésticos era a visita aos domingos, uma vez que a rotina da semana era exaustiva. O trabalho na roça, além de cansativo, deve ser feito todos os dias. O que sobrava naqueles tempos eram as

noites, muitas vezes ocupadas com reuniões da igreja. Isso explica a união do grupo em torno dela e nos fornece suporte para compreender a recriação de toda uma idéia de unidade que foi, na verdade, heterogênea.

Fosse em dias de festa da igreja para a recepção de algum missionário ou alguma comemoração de data importante da igreja, as mulheres se reuniam, tal como hoje, em alguma casa mais próxima da igreja para os preparativos. É comum nos dias atuais a presença de membros de outras igrejas na Fazenda Velha, especialmente em datas comemorativas, quando a igreja se prepara para tal recepção. O coral deve ser ensaiado com novas vozes, o templo deve estar perfeito e a comida preparada na hora certa.

Um dos primeiros Encontros da Juventude Leta de que participamos na igreja ocorreu em 1997, e um acontecimento nos chamou a atenção. Uma senhora sentou-se perto de nós e perguntou se estávamos gostando da atividade. Como nossa resposta foi afirmativa, ela prosseguiu dizendo que estava muito feliz por assistir tal evento religioso, já que em sua juventude havia ficado durante a maior parte dos encontros cozinhando para os congressistas.

Além de uma memória masculina, em que só os homens são recomendados para dar entrevistas porque “sabem” mais, o trabalho, tanto doméstico quanto os afazeres ditos “femininos”, são reservados às mulheres. Estas acabam assumindo tais funções seja por ordem dos pais, seja por já terem introjetado tais valores. Apesar das mulheres assumirem compromissos com a parte de negócios da igreja – hoje em número superior que no início da imigração – a resistência ao diálogo com o pesquisador é grande, a não ser no caso da tentativa de especulação de nossa vida e conversão.

As mulheres exercem atividades importantes na condução dos negócios da igreja: a tesouraria está nas mãos de uma mulher, a secretaria das atas também, muitas freqüentam cursos na Faculdade Teológica, mas sua resistência quanto a mudanças na religião ou comportamento chega a ser mais conservadora que a dos homens.

Entretanto,

“À mulher batista estão destinadas funções subsidiárias ou até mesmo algumas de relevância. Ao sentir-se ‘vocacionada’ ela será encaminhada ao curso teológico superior com a idéia preconizada da comunidade de que se casará com um pastor e o auxiliará em seu ministério, servirá no campo missionário ou então será um membro capacitado a servir em variados cargos dentro do ministério de uma igreja local”¹³⁵.

Nas visitas que realizamos nas residências dos descendentes de letos batistas sempre fomos muito bem recebidos. A preocupação, sempre da mulher, chegava ao ponto em que era oferecido um café com guloseimas típicas letas como a “cuca”¹³⁶, indo até o capricho no traje dos filhos, dos maridos, na arrumação da casa, na habilidade do piano, entre outras tarefas. Em outras

¹³⁵ DUDUCH, Wagner. *Op. cit* p. 185.

¹³⁶ Espécie de bolo.

famílias, assuntos de pesquisa eram de competência masculina e as mulheres sequer apareciam onde estávamos.

Tais atividades de visitas, tidas como melhor exemplo de recreação doméstica e uma tentativa de tornar a rotina menos monótona, são, basicamente, atividades que foram encabeçadas pelas mulheres, claro que com a participação de seus maridos, mas com específico objetivo feminino: a ajuda mútua, seja durante a gravidez, seja nas tarefas diárias da casa ou na organização das atividades sociais da igreja. Isso ainda permanece como uma atividade feminina. As mulheres da igreja permanecem realizando essas atividades, seja para a preparação de algum evento da igreja, seja para ajudar alguém com saúde debilitada ou nos afazeres domésticos. Entretanto, muitas delas têm atividades fora do sítio, como por exemplo visitas de evangelização, organização do espaço social da igreja – especialmente neste ano em que acontece uma reforma no salão social da igreja, para a preparação do centenário que acontecerá em 2006.

Visitas, orações, encontros religiosos, afazeres domésticos são partes de uma cultura evangélica em que papéis de gênero, muito bem definidos, compõem a estrutura da igreja, repetindo-a no dia a dia.

Percebemos que isso não é exclusividade de um grupo étnico, mas sim de um grupo religioso que, em muitos momentos, expulsou membros da igreja por desrespeito à postura exigida pela religião, afastou pastores e se negou a reconciliar-se com algum membro. Evidentemente, se tudo isso acontecia muitas eram as transgressões das leis religiosas por parte de alguns membros. A unidade que o grupo de descendentes tenta mostrar atualmente está longe de ser um dado incontestado. Problemas com bebidas e práticas de adultério eram e

provavelmente são freqüentes. Portanto é formado, um grupo como outro qualquer que vai esconder tais comportamentos em nome da religião, ao se proclamarem portadores de atitudes tidas como exemplares atribuindo-as à etnia, à teimosia e à perseverança que dizem trazer da terra de seus pais.

2.4 A disciplina: o controle pessoal em relação às atividades mundanas

Nesta parte da pesquisa, vamos analisar somente a relação do crente com a igreja e com as outras pessoas da igreja também no espaço do lar e nas atividades semanais, ou seja, a relação dos indivíduos com Deus e com sua consciência – baluarte de todas as suas relações e ações.

A moral evangélica condena todo e qualquer comportamento que seja considerado pecaminoso. Toma-se necessário entender o conceito de pecado para o batista.

Para o crente batista todas as atividades que se encontram fora do ambiente da igreja são consideradas mundanas. Até mesmo o trabalho deve ser um local de testemunho da relação do crente com Deus. Isso significa que o batista tem o mesmo comportamento dentro e fora da igreja, ou pelo menos é isso que dele se espera.

Durante a pregação de um missionário em um encontro realizado em 1999, na Fazenda Velha, o bom comportamento foi muito cobrado:

“Se você, assim que começa trabalhar, diz que é crente, as brincadeiras serão evitadas. Qualquer brincadeira não mais será feita com você, porque as pessoas sabem que você é crente e que crente é gente séria. Portanto, não se pode aceitar brincadeira. Na primeira você já diz que é crente e ninguém brinca de novo”¹³⁷.

Muitas foram as divergências e expulsões relatadas nas atas da igreja devido a comportamentos que se desviaram da moral evangélica. Por isso constam nessas atas pedidos de retratação por parte dos “pecadores”, que deviam mostrar verdadeiro arrependimento para que fosse possível a reconciliação com os membros da igreja.

Nesta situação, tanto na época da imigração quanto nos dias de hoje – e claro que com mais veemência –, a preocupação incide novamente sobre os mais jovens, impedindo que vícios como jogos de cartas ou de azar, danças, bebidas e luxúria desviem-nos de um bom comportamento, ou seja, daquele que é exigido e recomendado pela religião.

O jogo de cartas que incluía aposta é o mais abominado. Este é inaceitável e responsável pelo sentimento de ganância que desperta nas pessoas que começam a jogá-lo. Porém, muitas vezes o jogo acaba sendo aceito quando não há nenhuma aposta em curso¹³⁸.

¹³⁷ Ata da Igreja de março de 1911.

¹³⁸ *Idem, ibidem*. pp. 117-118.

É interessante essa postura dos batistas em relação a esses “prazeres”¹³⁹ da vida. Eles não aceitam jogos de carta entre outros jogos que levem o crente a corromper sua conduta que, como já afirmamos, sempre deve ser exemplar. Entretanto, muitas dessas atitudes acabam acontecendo e sendo encobertas pela família, quando são descobertas há uma lamentação muito grande por parte dos parentes. A culpa pelo desvio fica a cargo do próprio crente pecador. À família não é atribuída nenhuma culpa, pelo menos nada que seja declarado. O pecado e o arrependimento ficam a critério do crente, ou seja, depende de sua consciência e sua relação com seu Salvador. É ele quem decide pecar ou se arrepender dos atos que cometeu.

Muitas coisas são proibidas pela igreja, e entre elas o vício e sempre atacado. Entre os vícios mais condenados pela igreja estão a ingestão de bebidas alcóolicas e o ato de fumar cigarros – mesmo porque estas são práticas que podem ser vistas por todos, já que o fumante não controla sua vontade, da mesma forma que aquele que ingere bebidas alcóolicas também não controla seus impulsos. Os efeitos do álcool são, no entanto, mais perceptíveis, mais fáceis de serem observados.

Em um documento da década de 1930 é possível observar que até mesmo a venda de bebidas alcóolicas no estabelecimento de um imigrante era proibido:

¹³⁹ Termo usado pelos leigos batistas para qualificar hábitos não aceitos pela igreja.

“O snr. Ernesto Araium, que é natural da Latvia e sua exma. Família, estão neste Estado desde 1905.

Em agosto de 1922, tendo vindo para Nova Odessa, organizou – com seu filho Oscar Araium – a firma Ernesto Araium & Filho, adquirindo a casa Lethonia, então de propriedade do snr. Rodolfo Fritzson.

Cavalheiros distinctissimos e honestos. Grangearam desde logo a estima geral, pelo que o estabelecimento prosperou rapidamente, merecendo geral preferencia.

Actualmente a Casa Lethonia funcciona em predio proprio, dispondo de completo stock de seccos e molhados, armarinho, louças, ferragens, artigos para automovel, fazendas, chapheus, calçados, perfumaria, etc. compra e venda de generos do paiz.

É interessante assignalar a circumstancia dos srs. Ernesto Araium & Filho não venderem bebidas alcoolicas, embora tenham alcool para fins industriaes. (...)”¹⁴⁰.

Percebe-se com isso o grau de comprometimento do crente batista com as regras de sua religião. Qualquer caso que se desvie dessa regra de conduta e de conhecimento da membresia é levado à Assembléia da Igreja e é feito um pedido ao dono do estabelecimento para que haja a interrupção desse negócio.

¹⁴⁰ Preservamos a grafia original das palavras.

Como parte da disciplina batista, incluía-se novamente a preocupação com as atividades dos jovens. As festas eram as mais preocupantes, pois podiam envolver danças¹⁴¹.

De acordo com os princípios evangélicos, a dança representa uma promiscuidade sexual, viola as características de uma vida sem pecado, promovendo a leviandade. Por esses motivos devia ser evitada¹⁴². Uma das preocupações com a prática da dança era porque acaba vindo acompanhada da bebida alcóolica e também porque os corpos das pessoas ficam muito próximos. Estes vetos permanecem nos dias de hoje, com pequenas variações: muitas vezes o jovem vai a alguma festa secular, mas não participa das atividades propostas lá. É muito difícil encontrarmos ao redor da cidade jovens batistas em festas seculares. Isso não significa que eles não as freqüentem; contudo, são evitadas ao máximo, com a promoção de atividades dentro da própria igreja.

Uma jovem, filha de descendente de letos batistas da Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa estudando na Academia do Barro Branco em São Paulo para seguir a carreira militar, recusou-se a acompanhar o grupo em um evento que envolveria atividades contrárias às normas da igreja. Quando foi questionada por seus superiores a respeito da decisão, disse que era batista e que não estava de acordo com a atividade devido às suas convicções religiosas. O resultado foi que a jovem ficou sozinha no alojamento da academia¹⁴³. Esta é

¹⁴¹ OWMBY, Ted. *Op. cit.* p. 119

¹⁴² *Idem, ibidem.* p. 118.

¹⁴³ Esse episódio aconteceu em 2001 e foi relatado pela própria jovem quando voltávamos da Primeira Igreja Batista Leta de São Paulo.

uma prova dos esquemas mentais que são incorporados e representados pelo grupo.

Essas atitudes acabam sendo exaltadas como as ideais pela igreja e seu jovem portador é sempre colocado em evidência diante da Assembléia graças ao seu comportamento exemplar.

Mas o contrário também acontece. Os jovens filhos de imigrantes e mesmo os jovens filhos dos descendentes de imigrantes são questionados e punidos por condutas não aprovadas pela Assembléia da Igreja.

Em situações de desobediência e mau comportamento, a Assembléia da Igreja é convocada para julgar o caso. Foi o que aconteceu em uma reunião da igreja em março de 1911 a respeito das atitudes de seus jovens, como foi descrito anteriormente.

O problema foi resolvido em maio do mesmo ano. As partes foram ouvidas, cartas foram lidas e, como na maior parte das vezes acontece, as pessoas envolvidas que estavam sendo consideradas culpadas pediram perdão. Ao constatar e proclamar o arrependimento, voltaram ao convívio da igreja.

“Item 3 - São lidas pelo irmão E. Araiun as cartas dos irmãos C. Leiman e A. Liepining. Irmão Leimans escreve que conversou com A. Lieping e ele reconhece que nas férias de escola se comportou mal. Assim também, A. Lieping na sua carta pede para a igreja perdoar seu comportamento e a igreja o aceita. E também sobre o desejo da igreja, a irmã Elisa

Kreplin reconhece seu mau comportamento e perde perdão e a igreja aceita”.

É a identidade batista que passa a ser construída diante dessa série de atividades desenvolvidas no lar e na igreja. A casa como extensão do templo e a cobrança de boas atitudes, mesmo estando longe desse lugares, conferem ao crente batista uma identidade, fazendo dele não apenas crente, mas principalmente, um batista.

Não estamos preocupados em saber a veracidade dos acontecimentos, mas a maneira como são lembrados pelos membros e relatados nas atas. O que nos interessa é que, com esse exemplo, podemos mostrar como foram elaboradas a cultura, as regras, as normas e como foi criada uma identidade religiosa pautada em todos os esquemas que já mencionamos. São essas as estratégias a que nos referíamos. Mas é claro que a relação entre texto e contexto parte de uma visão específica nossa que também está longe de ser única, existindo sempre outras possibilidades de análise. Para nós, nesse momento, é ela que explica nossos questionamentos.

A característica específica da identidade batista é o batismo. Este é pautado no mandamento bíblico e na interpretação que fazem da Bíblia¹⁴⁴.

No caso da igreja de Nova Odessa, sempre se procurou incentivar a formação de novas igrejas, espalhando sua concepção de mundo e fé pela região

¹⁴⁴ COSTA, Ramon Santos da. *Op. cit.* p. 80.

da cidade. É utilizado para isso o trabalho dos membros, principalmente os mais jovens¹⁴⁵.

Podemos verificar que o grupo de imigrantes letos batistas se apresentava como um grupo religioso, cujas características que os diferenciaram dos demais grupos étnicos evangélicos no Brasil, no início do século XIX, foram o o idioma falado por eles e os resquícios das tradições trazidas na viagem. Hábitos alimentares, o gosto pela música, disciplina, são características que são construídas por eles como relevantes às características étnicas e religiosas. Isso ficou ainda mais perceptível quando, em viagem ao Rio Grande do Sul, encontramos outros grupos étnicos cuja religião é batista ou luterana, etc. É muito mais fácil perceber a sua religiosidade do que sua identidade étnica. Portanto, o que conferiu características ao grupo de imigrantes letos enquanto postura, valores éticos e morais, foi a religião e não o fato de virem da Letônia, como insistem em dizer para a elaboração de um *status*. Apesar dos Congressos da Associação Batista Leta do Brasil começarem a se organizar na década de 1950, o intuito era despertar missões entre os seus pares, ou seja, as igrejas de descendência leta (haja visto que houve a fuga de muitos letos durante a Segunda Guerra Mundial para o Brasil). Entretanto, a recriação e o discurso que

¹⁴⁵ O movimento do protestantismo, na maioria das vezes após a Reforma e a Contra-Reforma, procurou atingir populações pobres, humildes e sem cultura. Em muito locais onde a escolha não era feita pelo Estado, os indivíduos escolhiam a religião de acordo com "(...) *os tipos de fraternidades e espectros de companheiros de fé*" alternativas para muitas pessoas que não viam mais na vida qualquer alento, cuja pobreza e humildade seriam recompensadas no céu. A predestinação se confundia em muitas doutrinas. Mas o fato a ser considerado é a articulação das igrejas, os mecanismos para conseguir novos membros, convertendo-os através de apelos emocionais e aumentando seus quadros. FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe e WILSON, Derek. *Op. cit.* pp. 273-300.

legítima o descendente enquanto leto, tornam-se mais evidentes a partir da independência da Letônia, após a desintegração da União Soviética.

A identidade religiosa foi mantida durante todos esses anos pelo grupo de imigrantes e descendentes na Fazenda Velha em Nova Odessa. O grupo continua conservador quanto a seus valores, mostrando isso a todo momento nas atividades da igreja.

No entanto, apesar de toda a rigidez que a igreja apresenta, muitos foram os casos de desvio de conduta evangélica acontecidos na igreja ao longo desses anos, e ainda permanecem acontecendo. Porém, o discurso de uniformidade procura encobrir tais fatos daquelas pessoas que não são crentes. Tais comportamentos são colocados em evidência dentro da igreja a fim de que sirvam para orientar os seus membros quanto às boas e más atitudes.

A construção cultural da identidade religiosa acaba sendo a característica marcante do grupo de descendentes letos atualmente em Nova Odessa. São reconhecidos como letos, mas sobretudo como batistas. Para o descendente, ele é um “leto batista”. O discurso é construído fundado nessa idéia e repetido por todas as gerações.

Quanto ao idioma, este ainda é falado pela geração mais velha – a geração que se auto-intitula leta. Os mais jovens, os filhos dos descendentes, sequer se interessam em aprender o idioma de seus avós. São pouquíssimos os jovens da igreja da Fazenda Velha e da Segunda Igreja de Nova Odessa – também de origem leta – que participam das aulas de idioma leto oferecidas aos sábados à tarde, nas próprias dependências da Primeira Igreja; a não ser quando pretendem fazer viagens para a Letônia ou cantar em corais da igreja na época

de Congressos da Liga Leta. Sempre nas proximidades da comemoração da independência da Letônia aumenta o interesse pelo aprendizado da língua leta, mas não é um interesse da maioria. O interesse surge também nas proximidades do aniversário da igreja quando, normalmente, a igreja recebe visitantes da Letônia.

Isto está mudando devido à forte influência de associações da Letônia que mandam professores para o Brasil para ensinar o idioma letão. Mas é uma mudança em curso.

Apesar das fontes a que tivemos acesso trazerem o fato passando por um filtro da pessoa que escreve, nossa tentativa sempre foi a de ouvir aquilo – mesmo sem ter a pretensa certeza histórica – que elas tinham a nos dizer e nunca chegar com um dado formulado e pronto para ser comprovado. Motivo esse pelo qual demoramos ao longo dos anos do trabalho de campo, a descobrir o que é que tanto nos incomodava na comunidade e que não conseguíamos responder, uma vez que nossos referenciais teóricos não davam conta do objeto.

Ao estudar a religião, com a preocupação de compreender como o grupo de descendentes a sentia, conseguimos perceber que os novos estudos sobre comunidades étnicas precisavam realmente de uma outra perspectiva. Não queríamos explicar o que era um leto, mas entender porque ele assim se considerava.

CAPÍTULO III – ETNICIDADE: AS REPRESENTAÇÕES ÉTNICAS E RELIGIOSAS

3.1. A recriação do idioma letão: a aula leta e a invenção da identidade étnica

“ – *Sveiks!* – cumprimentou-me um senhor.

- *Labdien!*
- *Kā jums klājās?*
- *Ļoti labi, paldies! Un tev?*
- *Paldies, labi!*

Com um gesto, disse que não conseguia entender mais nada em leto. Ele sorriu, ficou pensativo e finalmente concluiu:

- *Você perdeu toda sua juventude na igreja (pausa). Ou foi a igreja que entrou na sua juventude...*¹⁴⁶”

Era vinte e um de julho de dois mil e um. Realizava-se na cidade de Ijuí, no Rio Grande do Sul, o 52º Congresso Batista Leto. Fazia muito frio.

Estávamos na Igreja de origem leta na linha onze¹⁴⁷. Fazia parte do cenário um campo aberto, repleto de plantações de trigo. Estávamos esperando

¹⁴⁶ A conversa representa, na verdade, um cumprimento. *Sveiks* não tem uma tradução específica, é uma palavra usada quando se encontra alguém na rua ou de passagem por algum lugar. O restante da conversa ficou por conta do “bom dia”, “como vai”?

pelo chá e pela “cuca” – que aqui é conhecido por “bolo”. Um senhor¹⁴⁸ de ascendência leta se aproximou e me cumprimentou no idioma de seus pais. Quando respondi, no mesmo idioma, ele se espantou e começamos a conversar (apesar de estarmos estudando o idioma letão há algum tempo, sua complexidade torna o aprendizado demorado e exige mais estudo). Por fim, terminamos a conversa em português e seu espanto se refere ao tempo em que estivemos presentes na comunidade, ou seja, desde 1996.

O contato feito com a comunidade de descendentes letos desde 1996, foi marcado nossa freqüência aos seus encontros e cultos que aconteciam e acontecem na Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa, na Fazenda Velha – bairro da zona rural da cidade. Nossa ampla participação em quase todas as atividades que a comunidade realizou em sua igreja ou em outras nas colônias letas espalhadas pelo Brasil. Isso significa dizer que as conclusões formuladas neste trabalho não são mais que uma leitura feita por nós, historiadores, deste momento, passíveis portanto de diferentes significados, dependendo do ponto de vista que se observa. A sua multiplicidade cultural ganha sentido na medida em que os símbolos são interpretados e entendidos pelo historiador¹⁴⁹.

A insistência na recriação do idioma leto e no aprendizado daqueles que não o sabem ou que não têm interesse por ele reforça a tentativa de

¹⁴⁷ A colonização no Rio Grande do Sul passou por uma diferente distribuição de terras daquela realizada em São Paulo com seus núcleos oficiais. No Rio Grande do Sul, as terras eram distribuídas em retângulos, atribuindo-se a eles um número. Dessa forma, há a linha onze dos letos, a linha doze dos alemães, entre outras etnias.

¹⁴⁸ Apesar deste senhor não ser residente da colônia leta de Nova Odessa, nos conhecemos desde o início da pesquisa, já que ele e sua esposa sempre estavam na Primeira Igreja Batista Leta desta cidade, mesmo sendo membros em outra cidade.

¹⁴⁹ DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000. pp. 31-64.

recriação da identidade étnica sob o discurso da homogeneização do grupo. Afinal, a idéia é que, se todos falam leto, é porque são realmente letos. E a repetição disso elabora uma certa continuidade do passado que também é mitificado pelo o presente. Por isso, a possibilidade de um estudo dessa natureza, enfocando dois períodos históricos aparentemente distintos tem sentido dentro da concepção da existência de rupturas na linearidade histórica, necessitando de um olhar para a multiplicidade desse contexto, de suas práticas e discursos, objetos e sujeitos¹⁵⁰.

No início da colonização, a tentativa do grupo de imigrantes era de aprender o português, e é bem possível que as gerações seguintes, preocupadas em ampliar a sua participação nas vizinhanças da cidade para conseguir fazer o trabalho de evangelização, tiveram a mesma preocupação. Não havia nada que comprovasse que eram letos a não ser a língua que falavam. Portanto, esse discurso da homogeneização do grupo, a menção à descendência direta dos primeiros imigrantes e a “recuperação” do idioma leto depois de todos esses anos transformaram-se em mecanismos de construção de uma identidade semelhante, que dizem existir desde os primeiros anos de imigração.

O grupo de imigrantes era, sobretudo, religioso. A identidade étnica foi inventada pelos descendentes letos. Por isso, aos poucos, foi ficando claro o motivo pelo qual tinham necessidade em aprender a língua, introjetando nas pessoas uma necessidade de se dominar o idioma leto, construindo assim um sentido de aproximação, continuidade de um passado mitificado e identificação

¹⁵⁰ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Op. cit. pp. 51-57.

com os imigrantes de 1890. Isso legitima o projeto da igreja, uma vez que se consideram letos e, assim, portadores de uma cultura considerada “superior” por ser branca, européia e, sobretudo, de caráter religioso. Esse *status* confere sentido e legitimidade ao discurso da congregação na medida em que necessita mostrar algo de novo em seu projeto voltado à religião para angariar novos membros para as igrejas que são organizadas na região.

O aprendizado do idioma letão – o que equivale a dizer “a nossa tentativa em aprendê-lo” – aconteceu aos sábados, no período da tarde. As aulas começaram a ser oferecidas no final de 1998. Realizávamos as aulas na antiga escola do bairro, que hoje atende às necessidades da comunidade religiosa nas dependências da igreja, na Fazenda Velha. Nossas aulas duravam cerca de quatro horas e o professor era um dos descendentes que dominava o idioma e que já havia viajado para a Letônia diversas vezes, sendo também membro da Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa. As aulas tinham, sem dúvida, um caráter religioso: sempre começavam com oração, alguém pedindo a Deus pela sua orientação, lendo um trecho da Bíblia – o que muitas vezes acontecia no idioma letão. A Bíblia, em leto, era utilizada como material de ensino. Muitas vezes o professor entregava parte de algum evangelho e com os alunos ia lendo e fazendo a tradução; depois confrontava sua versão com a existente em português. Eram também usados, como material base, livros importados da Letônia, ou trazido por alguém que viajava para este país, juntamente com encomendas do grupo do Brasil. As aulas continuam acontecendo e seguem normalmente a mesma metodologia; entretanto deixamos de assistir as aulas no início de março de 2002.

Em julho de 2001, chegou ao Brasil a professora Aija Auniņa, cuja função era ministrar aulas em leto para as pessoas interessadas no idioma. Ela ficou no Brasil cerca de três meses, ensinando o idioma leto e viajando com a igreja para o Congresso da Associação Batista Leta do Brasil que aconteceu na cidade de Ijuí, no Rio Grande do Sul nesse mesmo ano.

O custo das aulas, mais a taxa de água e luz, ficavam por conta da igreja da Fazenda Velha, enquanto a hospedagem da professora ficou a cargo de um vereador descendente de leto, o senhor Ralfo Klavin, membro da Segunda Igreja Batista de Nova Odessa e um dos organizadores de eventos da Liga Batista Leta¹⁵¹. A professora ficou hospedada em sua casa e os gastos com sua viagem foram pagos por uma organização da Letônia, responsável pela divulgação e descoberta de colônias de descendentes letos espalhados pelo mundo, o *Brazīlijas Latviešu Draugu Fonds* (Associação de amigos do Brasil-Letônia).

Quando esta professora chegou ao Brasil e entrou em contato com os descendentes letos de Nova Odessa, foi grande seu espanto quanto ao idioma falado. Segundo ela, o dialeto utilizado pelos descendentes aqui nunca o fora pela maioria das pessoas em seu país, e já não era mais falado lá. Isso quer dizer que era usado na verdade, um dialeto que os descendentes tentaram transformar em língua oficial para lhes conferir identidade, continuidade e aproximação com a atual Letônia.

¹⁵¹ Que é diferente da Associação Batista Leta do Brasil. A Liga não tem um caráter religioso, apesar de participarem dela luteranos e batistas, e existe para promover a vinda de grupos folclóricos da Letônia para apresentações no Brasil.

Eric Hobsbawm faz algumas considerações, a respeito da construção do idioma para a formação de uma nação, que fornecem pistas para entendermos o que acontece nos dias de hoje em Nova Odessa:

“As línguas nacionais são sempre (...) construtos semi-artificiais e, às vezes, virtualmente inventados (...). São o oposto do que a mitologia nacionalista pretende que seja – as bases fundamentais da cultura nacional e as matrizes da mentalidade nacional. (...) essas línguas são tentativas de construir um idioma padronizado através da recombinação de uma multiplicidade de idiomas realmente falados, os quais são, assim rebaixados a dialetos – e o único problema nessa construção é a escolha do dialeto que será a base da língua homogeneizada e padronizada. [Portanto, a língua é formulada a partir dessa base regional como] o letão culto [que] é baseado na média de três variantes (...)”¹⁵².

Interesses da Letônia à parte, procuramos entender qual é a importância da aprendizagem do idioma leto na recriação da identidade étnica por parte dos descendentes de letos aqui no Brasil.

É necessário esclarecer a composição do grupo de descendentes que sempre mencionamos. As pessoas que se interessam pela recriação da

¹⁵² HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. pp. 70-71.

identidade étnica e que fazem parte do rol de membros da Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa têm idade a partir de 45 anos. Em linhas gerais, são os mais velhos que trabalham na recriação da identidade étnica, baseados em conhecimentos transmitidos pelos seus pais e avós. Não são todos os membros mais velhos que insistem e trabalham nessa perspectiva, porém aqueles que não realizam trabalhos nesse sentido também não expressaram discordância. Membros de outras igrejas batistas da região de Nova Odessa costumam freqüentar as aulas. Em sua maioria, são pessoas descendentes ou casadas com descendentes, com mais de 40 anos e que se congregam em uma igreja próxima às suas residências¹⁵³.

Poucos são os jovens da Primeira Igreja Batista, sendo descendentes ou não, que freqüentam as aulas do idioma leto. No início das aulas, em 1998, a participação foi maior por parte dos jovens descendentes; depois, com a coincidência de horários da programação da igreja, foram abandonando a classe. A presença de jovens descendentes de letos da igreja Luterana de Nova Odessa, residentes em Americana, supera a quantidade de jovens batistas da Primeira Igreja, perdendo apenas para os jovens descendentes da Segunda Igreja Batista de Nova Odessa que freqüentam em maior número as aulas. Mesmo assim, o número total de participantes não ultrapassa a trinta pessoas.

Os jovens luteranos são incentivados por seus pais que, em sua maioria, fazem planos para visitar a Letônia e outros países da Europa. Conseguir a cidadania leta pode conferir, num futuro próximo, a passagem livre por toda a

¹⁵³ Observação feita a partir da freqüência aos cultos, conversas informais com as pessoas e a participação na aula leta.

Europa, em virtude da negociação de sua participação nos tratados comerciais europeus. Por outro lado, a ampla divulgação da existência de contingentes espalhados pelo mundo, descendentes de letos que saíram da Letônia, garante a esse país um reconhecimento mais rápido no contexto internacional. Este movimento pode ser na verdade induzido pela Letônia, uma vez que custeia a vinda de pessoas não só para o Brasil, através do *Brazīlijas Latviešu Draugu Fonds*, como também para outros países onde existam descendentes¹⁵⁴.

As pessoas com mais idade que freqüentam as aulas, em sua maioria, falam o idioma. Os jovens são levados pelos pais à igreja para assistirem as aulas estes últimos na maioria das vezes acabam se juntando aos filhos como forma de incentivá-los.

Durante a presença da professora leta nas aulas na Fazenda Velha, uma programação especial foi montada para atender justamente a essas pessoas de mais idade: filmes, documentários e festivais de música foram apresentados em vídeo.

O grupo de descendentes de letos não possui uma coesão na maneira com que pensa a identidade étnica, possui diferentes identidades construídas ao longo da existência da igreja e, mesmo que seus integrantes sejam adeptos da religião batista, divergem em alguns pontos sobre como concebem os projetos para a evangelização. Em alguns casos, membros da igreja são favoráveis ao batismo de novos adeptos – mesmo porque isso é para eles um preceito bíblico –

¹⁵⁴ Essas informações são resultado de uma conversa nossa com Brīgita Tamuža, uma das correspondentes do *Brazīlijas Latviešu Draugu Fonds*. Conversamos em inglês e muitas das suas considerações estão presentes ao longo da dissertação. Contudo, é necessário dizer que esta afirmação expressa a opinião de um dos membros dessa organização. Mas, de qualquer forma, é interesse da Associação estabelecer intercâmbios com os jovens descendentes do Brasil.

desde estes que passem a freqüentar a igreja de seus bairros, assim que estiver pronta.

Um dos motivos que explica a invenção da identidade étnica, além das vantagens atuais já mencionadas, é a necessidade de se renovarem os projetos da igreja, propagando seus dogmas e evangelizando indivíduos. Ou seja, para usar um termo específico protestante, “conseguir pessoas para Cristo”.

Nesse sentido de reconstrução do mito nacional, precisamos pensar na construção cultural como composta de símbolos e representações e, por conseguinte, em como as culturas nacionais produzem seus significados (com as quais as pessoas estabelecem laços e uma representação) sobre a “nação”. As histórias contadas que ligam presente e passado e imagens foram construídas em propósito da construção de uma identidade nacional¹⁵⁵, de uma comunidade inventada.

Stuart Hall aponta para as variadas formas nas quais se processa a narrativa da cultura nacional. A primeira delas seria a ênfase em histórias contadas e recontadas, na literatura, na mídia e na cultura popular. Nessas narrativas o enfoque passa a ser sobre as imagens, paisagens, cenários históricos, símbolos e rituais que sustentam e representam as experiências, as tristezas, triunfos e desastres sofridos em épocas remotas pela nação. A função dessas narrativas é conectar a vida cotidiana das pessoas com um destino pré-existente¹⁵⁶.

¹⁵⁵ ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. London: Verso, 1983. In: HALL, Stuart. *Op. cit.* pp.39-40.

¹⁵⁶ HALL, Stuart. *Op. cit.* pp.40-41.

A comemoração dos 800 anos da capital da Letônia, Riga, parece ser um pista contundente sobre essa invenção. Alguns grupos de descendentes de Nova Odessa e de outras colônias letas no Brasil participaram da festa, realizada no ano de 2001. Ao voltarem ao Brasil com fitas de vídeo e símbolos nacionais letos, procuraram aproximá-los ao modo de vida da comunidade mostrando tais objetos.

Uma segunda estratégia discursiva é a ênfase dada na origens, na continuidade, tradição e atemporalidade da identidade nacional, construindo-a como imutável diante de todas as vicissitudes da história, com um caráter unificado e contínuo¹⁵⁷.

O discurso da comunidade de descendentes letos em Nova Odessa utiliza essa espécie de estratégia para afirmar sua nacionalidade leta. As tradições são consideradas antigas e, a partir do momento em que são representadas repetidas vezes, os valores e normas de comportamento implicam na invenção de uma continuidade com um passado imemorial¹⁵⁸.

Outras são as estratégias discursivas apontadas por Stuart Hall como o *mito fundador* da história da origem da nação, que também é explorado na obra de Eric Hobsbawm, já mencionada. Outra estratégia que vincula-se com a tentativa do grupo de descendentes para afirmar sua superioridade é a propagação da idéia de um povo puro, original¹⁵⁹.

¹⁵⁷ *Idem, ibidem*. p. 41.

¹⁵⁸ HOBBSBAWM, Eric. e RANGER, T. *A invenção das tradições*. *Op. cit.* p. 1.

¹⁵⁹ HALL, Stuart. *Op. cit.* p. 43.

A criação dessas identidades nacionais além de recente é ambígua na forma como constrói sua ligação entre o passado e o futuro, retomando antigas glórias e feitos nacionais.

“Algo semelhante pode estar acontecendo agora na Europa Oriental. As áreas que se libertam da antiga União Soviética reafirmam suas identidades étnicas essenciais e afirmam o pertencimento a uma nação, apoiadas por “histórias” (algumas vezes extremamente dúbias) de origens míticas, de ortodoxia religiosa, e pureza racial. Ainda assim, elas podem estar também usando a nação como uma forma de competir com outras “nações” étnicas, e então conseguir entrar no rico “clube” do Ocidente”¹⁶⁰.

Em nosso caso, nossa preocupação é entender como a religião permeou a recriação da identidade étnica como forma de diferenciar os batistas letos enquanto grupo religioso para atrair outras pessoas para sua igreja, ou pelo menos para que elas sejam batizadas. Como vimos, um desses mecanismos foi a invenção de uma homogeneização do grupo em torno do idioma letão também recriado e representado, o que baseou-se nas estratégias descritas anteriormente.

O que podemos inferir é que o idioma foi um importante elemento de diferenciação dos primeiros imigrantes letos, em 1890, em relação a outras etnias

que estavam no Brasil nessa época, uma vez que era uma característica que os distinguia dos demais grupos radicados no país. Portanto, a língua é um importante elemento de diferenciação cultural das pessoas de um grupo em relação aos demais existentes na sociedade. Excetuando-se as tensões no grupo de imigrantes, o idioma e a religião batista eram coisas em comum entre os batistas. Primeiramente porque se comunicavam no idioma de origem e, em segundo lugar, porque procuraram organizar sua igreja dentro dos preceitos religiosos que haviam sido aceitos na Europa. Com isso, o espaço da igreja se tornou importante tanto no aspecto de representação da religiosidade, nos primeiros anos de imigração, quanto no sentido da construção da identidade étnica, este somente nos últimos anos.

Sendo o idioma um forte elemento utilizado para a criação do sentido de aproximação desses descendentes com o grupo de imigrantes letos que chegaram ao Brasil em 1890, a invenção da identidade étnica passa pela “recuperação” da língua, para manter “viva” essa identificação com o grupo de imigrantes – o que constitui fator primeiro de diferenciação dos descendentes em relação aos demais grupos da cidade, elaborando assim um sentido de continuidade. A idéia propagada pelos descendentes hoje é de que, tendo o idioma “sobrevivido”, são eles correspondentes diretos do primeiro grupo de imigrantes letos, possuidores de uma cultura branca européia (que consideram superior), em detrimento dos negros e de outras etnias existentes aqui, ainda que de descendência européia¹⁶¹.

¹⁶⁰ *Idem, ibidem*. p. 44.

O discurso é construído visando aproximar os descendentes letos do grupo dos primeiros imigrantes que chegou em Nova Odessa, em 1906; porém, esse mesmo grupo acaba sendo mitificado por motivos que relatamos anteriormente. Como foi explicado acima, para a maioria dos membros da Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa ser descendente de letos é ter uma cultura superior às demais etnias existentes no Brasil, especialmente a negra e as de origem nordestina. Em um outro aspecto, a denominação batista leta, segundo o discurso dos descendentes, é diferente em relação às demais igrejas evangélicas em Nova Odessa, e seria a sua “superioridade” cultural o diferencial com o qual procuram atrair mais pessoas para serem batizados. A constante repetição dessas idéias e, nesse caso, as aulas de leto têm papel fundamental porque fazem sempre referência aos primeiros imigrantes, afirmam sua origem e estabelecem uma continuação artificial com o passado, inventando assim uma tradição que nunca existiu¹⁶². Os primeiros imigrantes só eram identificados como letos devido ao idioma que utilizavam para se comunicar. Contudo, já relatamos nos capítulos anteriores o esforço feito por eles para aprender o português. Por outro lado, ainda hoje nada os caracteriza como letos tão bem quanto o idioma, falado ainda hoje mesmo com todas as modificações que já relatamos, por alguns descendentes no Brasil.

Uma frase emblemática no que diz respeito à “superioridade étnica” foi proferida por um dos descendentes quando conversávamos nos jardins da igreja:

¹⁶¹ Sobre o discurso e definição de fronteiras entre os grupos ver: CHAGAS, Patrícia de S. P. *Op. cit.* pp. 21-64.

“É, apesar de sermos etnicamente diferentes, você tem algumas idéias boas, é preciso pensar nelas!”(Alfredo)

A invenção da identidade étnica passa pela construção do idioma leto como um elemento de legitimação do grupo. Acrescentem-se a essa construção as variações que o idioma falado pelos primeiros imigrantes sofreu durante todo esse tempo e que, portanto, estão longe de caracterizar uma continuação. Mesmo porque o idioma falado em toda Letônia também não foi o mesmo trazido pelos imigrantes em 1890; trata-se também de uma elaboração e combinação dos idiomas falados, parafraseando Hobsbawm.

Como já foi discutido a respeito da construção cultural da idéia de nação e da tentativa de unificação de seus símbolos, uma última consideração é importante para a conclusão da idéia em relação à sua representação enquanto constituinte de “um povo”:

“(...)Etnicidade é o termo que damos a aspectos culturais – linguagem, religião, costume, tradições, sentimento por “lugares” – compartilhados por uma população. É tentador portanto tentar usar a etnicidade em sua forma “fundante”. Mas no mundo moderno esta crença revela-se um mito. A Europa Ocidental não possui nações que sejam compostas de um único povo, uma única cultura ou etnicidade. As

¹⁶² HOBBSAWM, Eric J. e RANGER, Terence. *Op. cit.* p. 10.

nações modernas são todas híbridos culturais. (...) Raça é uma categoria discursiva e não biológica”¹⁶³.

3.2. Os Congressos da Associação Batista Leta do Brasil: uma tradição inventada

A recriação do idioma leto ganha mais um sentido quando vista em função de um outro acontecimento: os Congressos da Associação Batista Leta do Brasil. De caráter religioso, os encontros feitos anualmente e sempre em colônias ou ex-colônias de imigrantes letos acontecem no mês de julho, quando são definidas as ações e o próximo local de encontro da Associação. É um momento de celebração e representação da cultura evangélica, permeado pela característica étnica dos grupos, ocasião em que os valores da cultura evangélica são evidenciados, tendo o lar e a igreja como os centros dessa construção, trabalhando contra as recreações consideradas “mundanas” e condenadas pelos evangélicos. Seria, na verdade, a elaboração de modelos de comportamento ideal, religioso, reforçado com experiências e depoimentos em público sobre a confiança em Deus¹⁶⁴.

¹⁶³ HALL, Stuart. *Op. cit.* p. 48.

¹⁶⁴ OWNBY, Ted. *Op. cit.* p. 144.

Antes de começarmos especificamente a falar das atividades desenvolvidas pelas igrejas nesses encontros, torna-se necessária uma breve descrição da forma como a Associação surgiu. Entretanto, a ausência de atas e documentação relativas à sua formação permite a apresentação somente dos dados presentes na memória dos descendentes.

3.2.1 A formação da Associação Batista Leta do Brasil

De acordo com o pastor Osvaldo Ronis, duas conferências missionárias despertaram o interesse pelo trabalho em comum das igrejas de origem leta no Brasil. A primeira foi realizada em 25 de março de 1949, na Primeira Igreja Batista Central de Varpa, em Tupã, a segunda aconteceu na Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa, entre 13 e 15 de junho de 1949. Nesse ano foram convocadas as lideranças das sete Igrejas Batistas do Estado de São Paulo cuja origem era leta. Elas ficavam em antigas áreas de imigração leta, excetuando-se o templo de São Paulo – que foi formada a partir da ida de mulheres, especialmente, para trabalhar na capital. Foram representadas quatro igrejas de Varpa, em Tupã, interior do estado de São Paulo, duas em Nova Odessa e uma em São Paulo, capital.

Na segunda conferência missionária que foi realizada em Nova Odessa (conforme mencionado acima), compareceram cinquenta e três membros das sete igrejas letas de São Paulo. O objetivo, segundo relembra Osvaldo Ronis, era

levar adiante a obra missionária, especialmente em Rincón del Tigre, na Bolívia, e no litoral norte do Paraná. Os letos batistas realizavam diversos trabalhos de evangelização nas regiões em que residiam e decidiram continuar o trabalho tendo em vista a maior participação das igrejas para, inclusive, angariar maiores recursos. Diante dessa perspectiva e por sugestão do pastor Karlis Grigorowitschs, também missionário, nasceu a *Associação das Igrejas Batistas Letas do Brasil*, em 1949. Recentemente, a associação passou a se chamar *Associação Batista Leta do Brasil*, segundo o pastor Osvaldo Ronis, para abranger todas as igrejas de origem leta e seus participantes, chamados de “obreiros”, espalhados pelo país.

Ainda de acordo com o pastor Ronis, a Associação mantém relações de cooperação com a União das Igrejas Batistas da América do Norte e com a União das Igrejas Batistas da Letônia.

À época do surgimento da Associação, a preocupação era de despertar vocações entre os descendentes letos, haja visto o dissolvimento que a etnia leta estava sofrendo em função do crescimento da cidade de Nova Odessa¹⁶⁵, por exemplo. Nessa época a geração da imigração de 1922 começou a se preocupar em manter a especificidade leta, o idioma e a religião batista do grupo, e fundou a Associação como forma de manter assegurado o vínculo das características étnicas com as religiosas, o que será resultado, posteriormente, da recriação da identidade étnica promovida de fora pra dentro (ou seja, incentivada pela Letônia) nos últimos anos.

¹⁶⁵ Sobre o desenvolvimento urbano de Nova Odessa ver AZENHA, Pedro Rodrigues (e família). *Op. cit.* p. 30.

Atualmente, as igrejas que pertencem à Associação são seis: uma de Varpa (as outras foram extintas devido ao êxodo de seus membros); duas de Nova Odessa; uma de São Paulo; uma em Urubici – Santa Catarina; e uma em Quatro Barras – Paraná¹⁶⁶. No Congresso da Associação realizado em Ijuí, no ano de 2001, a igreja tinha alguns membros que eram descendentes de letos, contudo, sua origem não era leta. A igreja de origem leta de Ijuí ficava na Linha 11, um bairro da zona rural, e foi visitada durante o Congresso de 1999. Na visita houve um culto rápido e foi servido café aos congressistas.

A Associação Batista Leta do Brasil possui dois departamentos auxiliares: o de Senhoras e o da Mocidade, responsáveis pelo desenvolvimento de trabalhos de assistência social nos campos missionários mantidos pela Associação. Durante os encontros acontece também, a cada dois anos e desde de 1979, o Retiro de Obreiros Letos ou de Origem Leta. Estudo da Bíblia, conferências e o canto de hinos religiosos são atividades comuns desses retiros¹⁶⁷.

Nas palavras do atual presidente da Associação Batista Leta do Brasil, fica evidenciado o caráter de despertamento missionário; contudo, hoje o discurso é produzido tentando evidenciar o caráter étnico dos encontros:

“A finalidade foi promover ... o despertamento de vocações entre o povo leto, vocações ministeriais quanto a obra de evangelização. Então, este foi o objetivo principal. (...) eu

¹⁶⁶ Dados relativos ao Congresso realizado em 1999.

acredito que foi no sentido de vocação, porque o povo leto é dado a isso. Mui especialmente a imigração de 1922 foi a imigração que mais produziu pastores e obreiros para o ministério batista no Brasil. E para manter esse despertamento, foi organizado esses Congressos. Começou como um Congresso de comunhão, mas logo em seguida, era apenas conferências, mas logo em seguida transformou-se num congresso". (Nilton)

À época do início dos Congressos as igrejas de origem leta do Estado de São Paulo mantinham certo contato entre si. Lembramos que a última grande imigração aconteceu em 1922 e muitos dos imigrantes passaram por Nova Odessa antes de seguir viagem para Varpa, em Tupã – interior do Estado. Dessa forma, havia um contato entre as igrejas de Tupã e Nova Odessa e também de São Paulo, porque muitos jovens que trabalhavam nessa época na capital¹⁶⁸ eram provenientes dessas duas cidades. Esse contato era feito principalmente através do jornal batista, no idioma leto, que circulava entre as igrejas.

Quanto à importância do uso do idioma podemos inferir que, devido à necessidade de comunicação através da leitura, o leto era usado porque para eles, evidentemente, era mais fácil a leitura em leto tendo em vista o pouco tempo de permanência no Brasil – considerando a imigração de 1922 – e o pouco tempo

¹⁶⁷ Participamos em todos os Congressos da Associação desde 1997 e esses dados são referentes a nossa observação, às entrevistas e conversas com os congressistas.

¹⁶⁸ Sobre o trabalho dos jovens em São Paulo ver: RONIS, Oswaldo. *Op. cit.* Não há uma bibliografia específica sobre esse assunto a não ser em jornais das igrejas batistas de origem leta

de estudo da língua português. Pensamos, portanto, que o uso do idioma letão nessas ocasiões aconteceu devido à necessidade de comunicação rápida, leitura de caráter religioso principalmente, e não exatamente para se “preservar” o idioma entre os descendentes.

Atualmente, as intenções seguem caminho contrário, reforçar o uso do idioma leto para deixar transparecer uma continuidade entre grupos de imigrantes letos que chegaram no Brasil no final do século XIX e na metade do século XX. Na medida em que os imigrantes foram aprendendo o português, o leto foi sendo deixado apenas para as reuniões de família e alguns cultos destinados às pessoas mais velhas das comunidades. Era necessário evangelizar, e para isso era fundamental o idioma português.

3.2.2. Signos, símbolos e representações religiosas

Foram diversas as cidades que entre final do século XIX e o começo do século XX receberam imigrantes letos. Grupos pequenos, normalmente de agricultores¹⁶⁹. Aos poucos o trabalho foi se diversificando, mas, na colônia de Nova Odessa ainda encontramos agricultores residindo em sítios que eram de seus pais e avós. Evidentemente, o cultivo se ampliou e outras atividades passaram a compor sua economia. Em uma visita à Fazenda Velha é possível

que circulavam na época. Contudo, toda essa documentação está no idioma letão e não nos foi possível a consulta.

perceber isso, e também a zona central de Nova Odessa evidencia aspectos dessa diferenciação: muitos descendentes montaram lojas e hoje trabalham com o comércio. Algumas pessoas que moram na cidade continuam participando da Primeira Igreja, na Fazenda Velha; outras participam da Segunda Igreja, no Centro. Em épocas de encontro da Associação Batista Leta do Brasil, seja em Nova Odessa ou em outras localidades, as igrejas se unem para organizar excursões para essas reuniões, discutir a confecção de material a ser levado ou mesmo definir a ajuda de custo no caso da realização do Congresso na cidade.

Os preparativos para o Congresso começam a ser feitos com antecedência. Fica a cargo da igreja que vai sediá-lo providenciar alojamento, hotel a baixo custo, refeições, cultos, panfletos com a letra das músicas e a programação das atividades que serão realizadas no decorrer dos dias.

É um momento de festa, uma festa religiosa. As atividades que serão desenvolvidas durante o Congresso são criteriosamente pensadas e o propósito da igreja é inerente a elas.

3.2.2.1. O propósito religioso dos congressos

Num estudo feito por Ted Ownby aparecem com clareza as intenções dos evangélicos em geral ao realizarem esses encontros.

¹⁶⁹ RONIS, Oswaldo. *Op. cit.* p. 157-169.

“Despite their popularity as social events, the revival meetings had far greater significance as religious institutions. Good times, gossip, and huge meals gave way to more solemn business as the meetings progressed. Revival meetings meant different things to three very different groups of participants. For some, particularly the young, meetings provided opportunities to undergo conversion experiences and join the church. Long-devoted church members welcomed the opportunity to renew their Christian commitment. Finally, and least obviously, the meetings allowed many of the so-called sinners of a community to show their acceptance of evangelical Christianity even while their actions belied that acceptance”¹⁷⁰.

Com algumas diferenças com relação aos “Revival Meetings”, os encontros da Associação Batista Leta do Brasil têm praticamente os mesmos objetivos: exaltar e reafirmar o comportamento ideal pautado nos princípios evangélicos, a não ser pelo aspecto étnico que a Associação tenta criar. Esse comportamento é assegurado pela total confiança em Deus, declarada publicamente pelo crente durante os cultos nesses encontros. Transparecem nesses momentos os valores cultuados tendo o lar como representação e modelo idealizado de vida “pura”¹⁷¹.

¹⁷⁰ OWNBY, Ted. *Op. cit.* p. 148.

¹⁷¹ *Idem, ibidem.* p. 144.

Tais modelos são considerados os ideais para uma vida sem pecados, mas isso não significa dizer que são cumpridos – é aqui que entra a função desses Congressos: manter aceso o compromisso com Deus. É o exame de consciência que vai julgar, primeiramente, o erro. Para isso, é necessário que os laços evangélicos estejam fortes, introjetados e aceitos pelas pessoas.

O propósito religioso é incorporar, nos recentemente convertidos, atitudes e crenças específicas de sua religião e reforçar a confiança nas pessoas mais velhas. Por outro lado, é também uma tentativa de atrair os “pecadores” (aquelas pessoas que não fazem parte do rol de membros da igreja, ou seja, que não são convertidos) para, através de um apelo emocional muito forte, tentar fazer com que se convertam para sua religião¹⁷².

Nos anos que participamos desses congressos observamos vários pontos em comum entre as igrejas de cidades são diferentes. O que sempre nos chamou muita atenção no início de nosso trabalho de campo foi a receptividade com que sempre fomos recebidos nas igrejas. Evidentemente, sempre esteve presente a tentativa de se conseguir novos membros, novos convertidos. A recepção era feita na entrada do templo, e sempre deixavam-nos muito à vontade para que escolhêssemos o local onde nos sentaríamos, mas sempre se sentavam ao nosso lado pessoas responsáveis por nos incentivar a abraçar a fé batista.

Os encontros da Associação Batista Leta do Brasil aconteciam geralmente na segunda semana do mês de julho. Nos dias de hoje continuam obedecendo esta data, somente no último ano, 2001, em que algumas pessoas

¹⁷² *Idem, ibidem.* pp. 144-164.

viajariam para o aniversário de Riga, capital da Letônia, o Congresso foi antecipado¹⁷³.

Atualmente, é aberta a participação de outras igrejas evangélicas, e não somente as batistas ou as batistas letas. É comum durante os cultos a visita de outras igrejas e as saudações a elas dadas em público por um membro responsável. Durante esses anos, presenciamos a participação de muitas delas. Algumas liam um trecho da Bíblia, outras apresentavam músicas em duetos, trios ou quartetos como forma de homenagear o encontro feito pela igreja sede.

Semanas antes do início de cada Congresso, os pastores das igrejas que vão participar começam a elaborar sermões especiais para preparar os crentes para o encontro. As igrejas oram pelo sucesso do evento, pela renovação dos sentimentos religiosos e pelo sucesso de novas conversões¹⁷⁴.

Em casa, os pais reúnem os filhos para a oração em prol do sucesso do evento e mostram claramente sua satisfação na conversão do filho à sua religião.

“Quando aceitei Jesus em um congresso como este aqui há alguns anos atrás, minha mãe chorou. Chorou tanto que fez todo mundo que estava no banco chorar também. O pessoal da igreja ‘tava lá, e ficou comigo no banco da frente conversando enquanto a igreja orava”. (Leonice)

¹⁷³ Pudemos acompanhar os preparativos para esta viagem.

¹⁷⁴ OWNBY, Ted. *Op. cit.* p. 148.

A influência dos pais e o encorajamento feito por eles, além da educação recebida desde cedo, muitas vezes levavam os jovens à experiência da conversão, aceitando a salvação, ou seja, Jesus Cristo como seu salvador, de acordo com os preceitos evangélicos.

Nota-se, com isso, o forte apelo emocional feito nos momentos de cultos, especificamente nas orações. Os pastores organizam seus sermões com o intuito de produzir uma forte emoção e sentimento de culpa para estimular um desejo de conversão. Contrastam uma vida de glória, através de uma escolha cristã, com uma vida de pecado, feia, com os horrores do inferno, para aquela pessoa que ainda não aceitou a salvação¹⁷⁵.

No apelo emocional espera-se a explosão de sentimentos. A emoção é fundamental para a conversão, é como se a pessoa se sentisse tocada e assim aceitasse ser salva. As pessoas já convertidas acabam expressando sua emoção através da aclamação durante a conversão de novas pessoas ou durante as orações, sempre exortando seu Salvador e se colocando a seu serviço. Entretanto, é necessário esclarecer que sempre são gestos comedidos, e em nenhum momento são ouvidos palmas e gritos, apenas palavras são proferidas e algumas nem sequer são escutadas devido ao baixo tom das vozes¹⁷⁶.

No propósito religioso é o momento de reforçar os valores evangélicos e adquirir novos adeptos para a igreja.

¹⁷⁵ *Idem, ibidem.* p. 150.

¹⁷⁶ Observamos isso durante os cultos, e foi o que nos chamou muita atenção: não há manifestação através de palmas nesta igreja. No Congresso de Ijuí, em 2001, houve um momento em que as pessoas bateram palmas e foram duramente criticadas pela comunidade de Nova Odessa.

A missão de conseguir novos adeptos para a religião é parte do trabalho e da crença dos evangélicos. O baixo número de adeptos convertidos nesses encontros pode significar um fracasso do Congresso neste aspecto, mas por outro lado ele pode alcançar seus objetivos ao reavivar o compromisso das pessoas presentes que já são crentes. Ramon Santos da Costa fez um trabalho sobre a Igreja Batista de Nilópolis, mostrando seus métodos e seu objetivo na promoção de novas conversões. Conseguir pessoas para Cristo significa sua salvação, preceito bíblico para os batistas e seu dever enquanto cristão. Para o batista, quem salva o pecador é sua pregação, capaz de convertê-lo¹⁷⁷. Este é o pressuposto principal de trabalho dos crentes batistas.

Durante os Congressos nos dias de hoje, tendo em vista a conversão de pessoas para sua religião, os membros da igreja montam estratégias para receber os novos convertidos durante as orações no momento dos cultos com o apelo emocional feito pelo pastor. As pessoas são chamadas a caminhar em direção ao altar, onde há um espaço reservado especialmente para esse momento. Membros da igreja são designados para esperar pelas pessoas que se encaminham para o púlpito¹⁷⁸. Este momento é considerado importante e pode resultar na proclamação pública da sua aceitação na e da fé evangélica. Porém, nem todos os que se encaminham até a frente da igreja se convertem. Toda igreja fica em silêncio, orando pelas pessoas que ainda não se converteram.

É emblemático para a maioria dos evangélicos este rito de iniciação tradicional cristã, e ele tem se tornado um dos eventos mais esperados do

¹⁷⁷ COSTA, Ramon Santos da. *Op. cit.* p. 77.

Congresso. Além de firmar um compromisso com o Salvador, os convertidos passam a fazer parte da comunidade evangélica¹⁷⁹, participando da igreja, contribuindo com os dízimos e com a conversão de novas pessoas.

Outro ponto importante referente à conversão é posicionamento das pessoas já convertidas como modelo para as demais. Para os batistas, assim como para outros evangélicos, o bom comportamento é o que incentiva novas conversões. Ted Ownby explica o que isso significava para os evangélicos sulistas nos Estados Unidos, o que podemos notar também no grupo batista, nos dois períodos pesquisados:

“Longtime evangelicals thus took joy and pride in seeing their community unite around their beliefs and behavioral standards. But revival meetings did not simply celebrate Southern evangelicals’ vision of a Christian life through the communal experiences of the altar call and the public baptism. They also strengthened their commitment to the life. The intense moralizing of meeting sermons stimulated self-examination in longtime professing Christians as well as in young people and outsiders. For many, the meetings’ ability to revive dormant faith was just as important as their ability to produce conversions.”¹⁸⁰

¹⁷⁸ OWNBY, Ted. *Op. cit.* pp. 150-151. Isso também foi observado através da participação nos Congressos da Associação Batista Leta do Brasil desde 1996.

¹⁷⁹ *Idem, ibidem.* p. 154.

¹⁸⁰ *Idem, ibidem.* p. 156.

Os sermões são adequados justamente para que as pessoas façam um exame pessoal de suas atitudes, condenando assim as atividades que são consideradas impróprias pelos crentes – em nosso caso, pelos crentes batistas letos.

Fica evidente o interesse da igreja em reforçar o compromisso das pessoas com a fé abraçada e assim, mostrar-se como exemplo para conseguir novos adeptos. Tudo isso é parte do princípio da Igreja Batista, assim como também dos evangélicos em geral.

Durante o Congresso da Associação realizado em Ijuí foi grande o número de pessoas que se encaminharam até o altar durante um dos cultos. No final do encontro, o pastor anunciou que a obra havia sido realizada com sucesso.

Para os jovens, especialmente os homens, a ida para o altar significa a concordância com o código moral religioso. No caso dos batistas, a abstinência de bebidas que contêm álcool, cigarros, comportamentos que ferem os princípios de conduta, festas com danças, enfim, significa o cumprimento do código moral da igreja, o qual sempre será lembrado e cobrado em caso de transgressão. Para os jovens e outras pessoas já convertidas significa um momento de reavivamento desses compromissos e estreitamento dos laços da fé¹⁸¹.

Não se pode garantir que isso não vá ocorrer, conforme o desejo da igreja. Acreditamos que desvios aconteçam hoje, assim como aconteceram durante os primeiros anos de imigração – servem como exemplos de

¹⁸¹ *Idem, ibidem*. p. 152.

transgressão relatados nos primeiros capítulos referentes ao primeiros anos de imigração e os momentos em que o pastor da igreja disciplinou os membros transgressores.

Estivemos presentes no Congresso ocorrido em 1999, nas dependências da igreja da Fazenda Velha, e pudemos observar alguns problemas com os jovens da congregação em relação à participação nos cultos durante o evento. Enquanto o pastor falava da importância da renúncia à vida mundana e da participação fiel dos jovens, não havia nenhum deles dentro do templo, assistindo ao culto. Estavam todos nas dependências da igreja conversando com amigos de outras congregações. Isso causou um mal-estar entre os demais crentes, em uma reunião da diretoria, na qual estávamos presentes, repreenderam os faltosos.

A ida à frente da igreja, próximo ao púlpito, é considerada de muita importância para os seus membros. Por se tratar de uma iniciativa pessoal, apesar dos apelos emocionais do pregador, a caminhada até o altar pode significar desde uma conversão, um arrependimento, até a solução de crises espirituais pessoais. Como se trata de um acontecimento individual, reforça o princípio de salvação e decisão pessoal específica da cultura evangélica. O simbolismo do batismo por imersão é a principal diferenciação dos batistas na concepção dessa salvação.

“(...) a porta de entrada para que alguém faça parte do universo batista e possa incorporar esses princípios é converter-se, ou ‘aceitar a Jesus como seu salvador’,

*professar publicamente sua fé e batizar-se, sendo a partir daí um crente batista. 'Crente' porque se converteu, mas batista pela forma específica de seu batismo*¹⁸².

Portanto, não conta somente a aceitação de Jesus Cristo como seu Salvador, mas a sua própria aceitação na congregação de fiéis, e por último, o batismo por imersão.

Como observamos no primeiro capítulo, Ramon Santos da Costa explica muito bem o significado simbólico desse batismo. Ele é o elemento simbólico máximo de construção da identidade batista. Os congressos da Associação Batista do Brasil sempre se remetem à reafirmação deste compromisso assumido, e isto explica porque as pessoas batistas sempre se referem ao seu batismo como “o dia em que aceitei Jesus”, ou seja, para elas este foi o dia em foram salvas.

A recriação desses sentimentos na igreja estudada em Nova Odessa e o aspecto simbólico seguem adiante; além da certeza de salvação na vida em Jesus Cristo, a igreja insiste em seu diferencial étnico, dizendo ser portadora da cultura que é “superior” por ser leita.

Os estereótipos das formas ideais de comportamento cristão que foram introjetados e que devem ser representados em todos os níveis da vida do crente, desde a vida na igreja ao seu trabalho secular, são responsáveis por representar um padrão de conduta, e quando o crente se desvia, cometendo algum pecado, é

¹⁸² COSTA, Ramon Santos da. *Op. cit.* p. 80.

esse modelo de comportamento ideal que é utilizado no exame de consciência feito.

Os Congressos da Associação servem inclusive para reafirmar, através da repetição (passando por esquemas mentais e sendo, posteriormente, representados pelo grupo), este diferencial étnico, que vai sendo construído atualmente com a apresentação de músicas folclóricas, do hino da Letônia, de comidas típicas e roupas, elementos que não faziam parte da comunidade de imigrantes durante os primeiros anos em Nova Odessa.

3.2.2.2. A invenção da identidade étnica nos congressos da Associação Batista Leta do Brasil

De acordo com Eric J. Hobsbawm, a invenção das tradições passa pela composição de práticas e comunicações simbólicas. Os simbolismos e princípios morais oficiais ajudam nessa construção¹⁸³ e, em nosso caso, tornam-se elementos chaves dessa representação. As canções são exemplos claros disso.

A construção de uma identidade étnica na Letônia seguiu esses princípios. Embora reconhecida como país independente após o fim da União Soviética, a Letônia teve um breve período de independência a partir de 1918,

¹⁸³ HOBBSAWM, Eric J. *A invenção das tradições*. Op. cit. p. 14.

depois da Primeira Guerra Mundial, sendo novamente invadida durante a Segunda Guerra¹⁸⁴.

Muitas das tradições criadas foram criadas com objetivos políticos, quando se tratavam de invenções sociais. O que motiva essas criações é o contexto de transformação social do século XIX. A pretensão era um rearranjo no qual estivessem assegurados a coesão social com a identidade, estruturando as novas relações sociais com novos instrumentos. Para isso tornava-se necessário o estabelecimento de alianças e a invenção das tradições políticas que tinham que ser disseminadas e aceitas pelo público. Um dos mecanismos utilizados foi a criação de feriados, cerimônias, heróis, entre outros tantos. Porém, esses mecanismos deveriam ser absorvidos pela população. O Estado associou então, invenções formais e não formais, políticas ou sociais, oficiais ou não para preparar o campo e incutir tais atividades nos cidadãos¹⁸⁵.

No caso da Letônia isso parece ser perfeitamente compreensível, uma vez que a data da independência foi mantida em 18 de novembro, data, na verdade, da primeira vez em que o país havia estado em liberdade antes de ficar sob o jugo soviético; e as atividades que passaram a ser representadas neste país seguiram estes princípios.

Existem hoje na Letônia festivais de coral. Cada região se apresenta com trajés típicos, bandeiras, canções que relembram a “antigüidade leta”¹⁸⁶. De

¹⁸⁴ HOBBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos – breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 40.

¹⁸⁵ *Idem, ibidem. A invenção das tradições. Op. cit.* pp. 271-272.

¹⁸⁶ Durante as aulas de leto em Nova Odessa todas as pessoas que viajavam para a Letônia e voltavam para o Brasil apresentavam suas impressões sobre aquele país. Assistimos a muitas fitas de vídeo e muitas das informações que possuímos sobre a parte cultura da Letônia são referentes a esses programas, bem como ao relato das pessoas que visitam o local.

acordo com a professora Aija Auniņa, as pessoas representam parte de uma cultura transmitida oralmente, e praticamente não existem registros sobre essas atividades no passado. Contudo, as canções procuram reforçar o aspecto patriótico das pessoas, estreitando seus laços com a nação. A hinologia religiosa é incorporada à oficial, tendo elementos poderosos sob o aspecto ritual¹⁸⁷. *Dievs, svētī Latviju* ou seja, “Deus, salve a Letônia”, é assim que começa o hino nacional da Letônia

Com isso podemos inferir que tanto quanto recente é a nação leta, a mesma coisa acontece aqui em relação à identidade étnica dos descendentes letos. Os esquemas montados e elaborados pelos descendentes interessados em serem letos basearam-se em subsídios que explicassem sua condição, pautando-se na história da Letônia e, quando estes descendentes viajam para lá, procuram trazer elementos que justificam essa etnicidade. Cartas, parentes, fotos e músicas são os elementos usados pelas pessoas para justificar essa continuidade. Algumas casas visitadas estão repletas de fotos da Letônia, objetos que dizem ser trazidos de lá. O apelo emocional é muito forte e alguns se dizem autênticos letos; quando questionados sobre o porque, dizem que se sentiram muito bem no clima, que a comida fez lembrar muito a sua infância, mas na verdade muitos viajaram para lá pela primeira vez em 1999 e outros, ainda, durante o período de dominação russa, na década de 1980.

Outro ponto da invenção da identidade étnica aqui no Brasil são as atividades folclóricas apresentadas durante os congressos da Associação.

¹⁸⁷ HOBBSAWM, Eric j. *A invenção das tradições*. Op. cit. p. 14.

No Congresso de Ijuí, a igreja que sediava o encontro apresentou no Centro Cultural da cidade uma “dança leta”. Jovens vestidos com trajes ditos típicos apresentaram uma sequência de passos. Já tínhamos visto aquele tipo de dança em uma apresentação de um grupo de jovens letos que visitou o Brasil em 1996. Os jovens que estavam dançando em Ijuí sequer eram descendentes de letos.

O evento aconteceu em um Centro Cultural construído e destinado a todas as etnias que imigraram para Ijuí. Nesse local há a representação cultural de todas as etnias que formaram colônias na cidade. A parte destinadas aos letos conta com uma casa-restaurante, fotos do local, móveis de pinho de Riga, madeira nobre da Letônia, além de fotos e maquetes.



Centro Cultural de Ijuí, 2001.
(Fonte: Arquivo do pesquisador)



Grupo de dançarinos letos em 1996.
(Fonte Arquivo do pesquisador)

Durante os cultos também foram apresentadas músicas folclóricas. Alguns jovens que freqüentavam as aulas conosco na Fazenda Velha fizeram suas apresentações musicais no idioma letão. Explica-se em função dessas apresentações, em parte, o interesse dos jovens da Segunda Igreja Batista de Nova Odessa em aprender o idioma.

É importante fazer uma consideração a respeito dessas apresentações consideradas folclóricas. Desde 1996, ano em que começamos a realizar o trabalho de campo, Ijuí foi a primeira cidade que apresentou outras atividades folclóricas além das músicas cantadas pelo coral da igreja.

O que acontecia nos encontros de que participamos era apresentação de músicas folclóricas e religiosas pelo coral da igreja. O que diferenciava os cultos é que em muitos encontros foram proferidos em leto, por um pastor que visitava o Brasil e era trazido com o dinheiro da Associação Batista Leta do Brasil

especialmente para esse evento¹⁸⁸. Além de pregar, o pastor visitante falava sobre a Letônia, sua cultura, economia, política, aspectos atuais, entre outras coisas. Durante as refeições ele sempre era cercado por diversas pessoas, sempre aquelas com mais idade, que passavam o tempo conversando sobre diversos assuntos.

Como parte dos esquemas que introjetam comportamentos, reforçam ou criam o patriotismo e são representados pelas pessoas, temos o uso de símbolos nacionais. Nos grupos de descendentes letos espalhados pelo Brasil isso acontece na forma como representam a associação da identidade étnica leta aos seus grupos. É comum observarmos o uso de adesivos nos carros, cuja inscrição é em leto, ou o adesivo da bandeira nacional da Letônia – apontada por Hobsbawm como parte dos símbolos nacionais.

Outro detalhe nesses encontros é a abertura. Evocando a nacionalidade leta, os congressos começam com a entrada, nesta ordem, das bandeiras da Letônia, do Brasil e do estado que está recebendo o encontro. Os portadores da bandeira da Letônia estão em trajes considerados típicos desse país.

O simbolismo é tão forte que as pessoas observam aquilo e acreditam que sejam realmente letas. Entretanto, muitos dos letos que visitam o Brasil não identificam tais trajes como consenso nacional, mas como representativos de uma região ou outra, em determinados festivais, e até mesmo característico de algum grupo de apresentação folclórica.

¹⁸⁸ De acordo com entrevista realizada com o presidente da Associação Batista Leta do Brasil, o pastor Nilton.

Como parte das manifestações culturais nos congressos da Associação Batista Leta do Brasil, há ainda a preparação das comidas típicas servidas nas refeições que são, geralmente, feitas pela cozinha do salão social da igreja que recebe os visitantes. Mas não há só comida leta, é comum a apresentação de pratos típicos da região que sedia o encontro.

O sentido desse evento reflete, especialmente, as representações da vida evangélica no lar. É o principal acontecimento social que congrega todas as pessoas em torno dos símbolos da casa e da igreja¹⁸⁹.

São as mulheres as responsáveis pela preparação da comida. São preparadas grandes quantidades em função do número de pessoas que participam desses encontros. Mesmo aquelas pessoas que são da cidade costumam ao menos almoçar no salão social da igreja¹⁹⁰.

As representações constantes aqui fazem parte da simbologia segundo a qual o lar batista é idealizado e construído. Isso não significa que sejam seguidos exatamente esses modelos de representação. Como vimos, os conflitos existem dentro das igrejas, famílias e envolveu principalmente a geração mais nova, que costuma contestar esses valores.

Muitas mulheres acabaram deixando o núcleo e foram construir suas carreiras em outros locais. Outras organizaram famílias, passaram a cuidar da casa e da igreja, participando de suas atividades. De qualquer forma, trata-se de uma idealização, no caso da mulher, em que esta é colocada como 'dona do lar', aquela que prepara as melhores refeições, a responsável pelas orações, pela

¹⁸⁹ OWNBY, Ted. *Op. cit.* pp. 150-151.

¹⁹⁰ A partir das observações feitas na pesquisa de campo desde 1996.

educação dos filhos, pela arrumação da casa, entre outras atividades. Evidentemente muitas das descendentes letas optaram por estudar e trabalhar em outras funções, e não simplesmente por cuidar da casa. Mas faz parte das representações e idealizações que sejam vistas desta forma.

Estas atividades que foram se desenvolvendo nos últimos anos nos encontros da Associação Batista Leta de Nova Odessa fazem parte de representações e construções simbólicas planejadas e reproduzidas pelo grupo. É, como afirmamos anteriormente, com esse diferencial étnico que tentam converter um número maior de pessoas a sua igreja.

3.3. A “naturalização” da identidade: a comemoração da Independência da Letônia no Brasil

Inventada e introjetada a identidade étnica, é preciso repeti-la para que faça parte dos esquemas mentais e seja representada como algo que sempre existiu. Dessa forma, as comemorações, festas e cultos com adereços étnicos parecem ser coisas que sempre foram feitas e que portanto sempre existiram¹⁹¹. O uso da bandeira da Letônia, do seu hino nacional, roupas típicas das regiões

¹⁹¹ Sobre isso ver dois textos de CHARTIER, Roger. *História cultural – entre práticas e representações. Op. cit.* e *O mundo como representação. Op. cit.*

deste país, bem como comidas que são consideradas típicas fazem parte desses adereços¹⁹².

A independência da Letônia, comemorada em 18 de novembro, também é comemorada pelos descendentes letos no Brasil, tanto batistas quanto luteranos. O local onde se realizam essas comemorações varia entre o paço da Prefeitura Municipal de Nova Odessa e os templos da Primeira e Segunda Igrejas Batistas da cidade. A frase acima, colocada no presente, reflete exatamente o período em que estas comemorações começaram a ser feitas: há cerca de seis anos. Anteriormente (leia-se mais ou menos há dez anos) as comemorações eram feitas com cultos simples, em que somente era mencionado o acontecimento.

Atualmente, as comemorações em torno da independência da Letônia são sempre feitas com a presença dos descendentes letos batistas e luteranos. A cerimônia começa com a entrada da bandeira letã, em seguida a do Brasil, do estado de São Paulo, e por último, da cidade de Nova Odessa. Cantam-se os hinos da Letônia e o do Brasil.

Nas três últimas comemorações foi apresentado um vídeo trazido da Letônia em que o presidente¹⁹³ mandava as saudações para as colônias brasileiras de descendência leta. Após o discurso, seguem as apresentações de números musicais em leto. É notável a participação dos descendentes mais velhos nessas atividades. Poucas são as aparições dos jovens, uma vez que todas as apresentações acontecem no idioma leto.

¹⁹² HOBSBAWM, Eric J. *A invenção das tradições*. Op. cit. pp. 10-51.

Em 2000, houve a presença de visitantes da Letônia que incentivaram os jovens – especialmente – e adultos a visitar o país. Tinham propostas por exemplo, de intercâmbio cultural com os jovens de Nova Odessa.

Em 2001, além do discurso do presidente, esteve presente um grupo de visitantes da Letônia que relatou durante um longo tempo um panorama histórico de seu país, dando maior ênfase ao período da dominação russa – considerado por eles um dos piores episódios de sua história.

Temos, dessa maneira, indícios claros que nos levam a confirmar a hipótese de que o movimento de criação da identidade étnica é uma invenção recente, acentuada nos últimos dez anos e induzido pelo governo da Letônia. Isto significa que essa invenção incentivada pelas autoridades letas pode se tratar de um acontecimento efêmero sob o ponto de vista da aceitação e divulgação da Letônia no cenário mundial, podendo durar no Brasil possivelmente até que as gerações descendentes de letos parem de falar o idioma. Ou seja, na medida em que a geração mais velha for morrendo e as novas não se interessarem em aprender o idioma leto, a tendência é que o elemento de especificidade do grupo desapareça, e com ele o interesse na representação de seus símbolos. Porém, se for confirmada a realização de intercâmbios e visitas dos jovens à Letônia e forme garantidos os privilégios de posse da cidadania, é bem possível que essa reconstrução continue e se fortaleça. O que não se pode negar é o caráter de uma etnia “inventada” recentemente.

¹⁹³ Em um dos discursos o presidente era uma mulher.

Nesse sentido, uma crítica feita por Paul Gilroy em relação à construção de identidades pode ser pensada quanto ao grupo de descendentes que descrevemos ao longo dos capítulos.

Para o autor, esse recurso interpretativo vem ganhando espaço nos debates acadêmicos e vai além de um senso comum que discute individualidade, comunidade e solidariedade. Trata-se de experiências subjetivas – em de um cenário histórico e cultural – que são frágeis e são construções¹⁹⁴.

Em linhas gerais, o autor considera a construção de identidade marcada por um amplo processo de conflitos entre culturas e civilizações. Com isso, ele contesta a existência de divisão racial associada a conflitos políticos. A identidade é uma invenção, resultado de uma pluralidade de significados que o termo pode subordinar, são termos que circulam. É uma tentativa de definir fronteiras entre nossos desiguais, de fazer sentido no mundo, de articular processos de inclusão e exclusão, repletos de poder e autoridade¹⁹⁵.

Na verdade, a abordagem tradicional desse termo "identidade" serviria para cristalizar os conceitos de nação, raça, etnia, especificidade cultural, regionalismo e localidade¹⁹⁶; construções estas repletas dos sentidos de poder, inclusão e exclusão.

Uma abordagem proposta seria a de uma identidade humana, capaz de superar todos os preconceitos envolvidos nessas construções¹⁹⁷.

¹⁹⁴ GILROY, Paul. *Against Race – Imagining Political Culture Beyond the Color Line*. Boston: Harvard University Press, 2000. pp. 97-133.

¹⁹⁵ *Idem, ibidem*.

¹⁹⁶ CHAGAS, Patrícia de S. P. *Op. cit.* p. 88.

¹⁹⁷ GILROY, Paul. *Op. cit.* pp. 97-133.

CONCLUSÃO

Ao traçarmos nossa história com o tema colocado em questão nesta dissertação, deixamos claro que as posições teóricas foram assumidas ao longo da pesquisa, uma vez que as áreas mais tradicionais da História não conseguiram responder às nossas inquietações.

Do ponto de vista da História Cultural e a multiplicidade de investigações que o modo como pensa as organizações das sociedades a partir de seu dado cultural, podemos afirmar que as conclusões a que chegamos nesse trabalho também não são fixas e refletem as influências que sofremos ao longo do período relatado.

Muitas outras pesquisas podem surgir com o tempo e encontrar outras respostas ou referendar nossa análise sobre o tema trabalhado. O que de fato afirmamos é que os resultados obtidos durante nossa pesquisa de campo e a análise do material a que tivemos acesso provam as construções feitas pelos grupos descritos que compõem o rol de membros da igreja nos diferentes períodos estudados.

Assim, os imigrantes que chegaram ao Brasil em 1890 e se mudaram para Nova Odessa em 1906 procuraram construir uma identidade religiosa e espalharam sua concepção de mundo através da evangelização da região vizinha. O que os diferenciava dos demais grupos emigrados para o nosso país eram o idioma letão e a religião batista. Com o tempo e com a necessidade de

continuar o trabalho, bem como assegurar a própria sobrevivência do grupo, tornou-se necessário o aprendizado do idioma português. Portanto, o que existiu em primeiro lugar na comunidade dita “leta” de Nova Odessa foi a construção de uma identidade religiosa batista.

A identidade étnica foi um processo de invenção, de construção, seguindo interesses de determinados grupos dentro da igreja para se forjar uma diferenciação que os colocava como superiores no contexto do mundo protestante na região da cidade onde residiam.

Contudo, os projetos e interesses das pessoas que compõem a igreja também não são homogêneos, assim como não foram nos primeiros anos de residência no Brasil. Ao analisar esse dado, pautados na bibliografia consultada e nas posições teóricas que assumimos durante a pesquisa, compreendemos o amplo processo de formação das identidades e sua pluralidade enquanto constituintes da realidade.

Uma outra discussão levantada, levando-se em conta esses dados esboçados, foi o conceito de representação. Observamos que todas as manifestações e articulações realizadas só existem quando, através de esquemas mentais, os valores são introjetados e representados socialmente. Uma das possibilidades para que isso aconteça é a ação do poder do discurso que confere sentido a determinadas atitudes assumidas pelo grupo e, na medida em que estas (as atitudes, não é?) são repetidas, tornam-se comuns, criando um vínculo de continuidade com o passado.

A descrição que fazemos da Igreja, do lar, da comunidade, das atividades da igreja tais como: Congressos, Retiros e outras de caráter secular

como a comemoração da Independência da Letônia - e das aulas que são ministradas no idioma letão nos dias de hoje na Fazenda Velha mostram como as identidades foram se constituindo durante os primeiros anos de imigração, a partir da década de 1980 e, especialmente, nos últimos anos.

Com as mudanças acontecidas nos últimos anos na Europa e a possibilidade da Letônia ampliar sua área de comércio e participar dos tratados, passou a ocorrer uma articulação entre os descendentes de letos do Brasil e grupos de interesses letos com colônias radicadas em outros países. O que se observa, a partir desse movimento na igreja de Nova Odessa, é a tentativa, por parte do grupo de descendentes, de reforçar a idéia de que também são letos e, por conseguinte, portadores de um *status* privilegiado europeu.

Por enquanto, o que podemos afirmar é que todo esse movimento gira em torno de uma invenção que fomos descobrindo com a pesquisa em andamento.

O trabalho de campo que realizamos a partir de 1996 até o 2002 foi um dado positivo e elucidativo em nossa pesquisa. Foi a partir dele que optamos pelo viés teórico da História Cultural. Tudo o que observávamos na comunidade não conseguia ser respondido pelas outras áreas de conhecimento da História, assim como muitos estudos sobre grupos de imigrantes e religião mostravam-se ultrapassados dentro do contexto que pesquisávamos. Assim, não conseguíamos respostas.

O fato de ser a religião uma das principais características de coesão do grupo foi se tornando claro na medida em que freqüentávamos as atividades das Igreja. A existência de identidades sendo construídas e reconstruídas nesse

espaço e tempo mostrou-nos a importância e a flexibilidade do mundo social a partir das representações que eram definidas pelos membros.

Esta foi nossa peça-chave. A identidade étnica passava a ser inventada nos últimos anos, assim como foi construída a identidade religiosa nos primeiros anos de imigração. O mundo para a comunidade de descendentes letos delineava-se a partir de uma idéia de continuidade com o passado, e eram elaborados esquemas para que tais pressupostos se tornassem verdadeiros.

A curiosidade foi fundamental para o desenrolar de nossa pesquisa. A partir dela passamos a enxergar o *mundo enquanto representação*.

BIBLIOGRAFIA

I. FONTES

Revistas:

Kristīgā Balss (1999 a 2000).

Kristēgs Draugs (1996-2001).

The Baltic Review n. 6 vol. 1 1946

Trabalho de Campo:

Congresso da Associação Batista Leta do Brasil (1996-2001)

Aniversários da Primeira Igreja Batista Leta de Nova Odessa (1996-2001)

Encontros da Juventude Batista Leta (1996-2002)

Cultos de Ação de Graças (1996-2002)

II. ARTIGOS

CHARTIER, Roger. "O mundo como representação", *In: Estudos Avançados*. São Paulo, vol. 05, n. 11, 1991, pp. 173-91.

FAUSTO, Boris. "Um balanço da historiografia da imigração para o Estado de São Paulo". *In: Estudos migratorios latinoamericanos*. Buenos Aires: Uspalata, 1993.

PETRONE, Maria Tereza Schrer. "Imigração" – *In: História Geral da Civilização Brasileira*. – Tomo III – 2º vol. Rio de Janeiro – São Paulo: 1977.

III. LIVROS

AZENHA, Pedro Rodrigues (e família). *Nova Odessa – Edição histórica*. Edições Comemorativas Ltda. São Paulo: Escalibur, 1977.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia – construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Festim dos bruxos – Estudos sobre a religião no Brasil*. São Paulo: Ícone, 1987.

BURKE, Peter (ed.), *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1987.

DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.

DEVOTO, F. J. *Movimientos Migratorios. Historiografia y Problemas*. Buenos Aires: Centro Editor de America Latina, 1992.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. & WILSON, Derek. *Reforma: o Cristianismo e o mundo 1500 – 2000*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GEYMONAT, Roger. *El tempo y la escuela: los valdenses en el Uruguay*. Montevideo: OBSUR, 1994.

GILROY, Paul. *Against Race – Imagining Political Culture Beyond the Color Line*. Boston: Harvard University Press, 2000.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes – o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *História Noturna – decifrando o sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. *Olhos de madeira – nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUSSI, Alfredo F. *Os norte-americanos (confederados) do Brasil – identidades no contexto transnacional*. Campinas: Centro de Memória da Unicamp, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. *A questão da Identidade Cultural*. Textos Didáticos nº 18. Campinas: IFCH/Unicamp, 1998.

HOBBSBAWM, E. e RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOBBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. *Era dos Extremos – breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

LACAPRA, Dominick. *Rethinking Intellectual History: Texts, Contexts, Language*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1983.

LANCASTER, Daniel B. *The Bagbys of Brazil: the life and work of William Buck and Anne Luther Bagby*. Texas: Eakin Press, 1999.

MARCUS, George E. *Ethnography through thick and thin*. Princeton: Princeton University Press, 1998.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir – a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumaré, 2000.

OWNBY, Ted. *Subduing Satan – Religion, recreation & Manhood in the Rural South, 1865 – 1920*. United States: The University of North Carolina Press, 1990.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34, 1999.

POSTER, Mark. *Cultural History and Postmodernity: disciplinary readings and challenges*. New York: Columbia University Press, 1997.

RAGO, Margareth e GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (eds.). *Narrar o Passado, Repensar a História*. Coleção Idéias 2. Campinas: IFCH/Unicamp, 2000.

RONIS, Osvaldo. *Uma epopéia de fé: a história dos batistas letos no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1974.

RUSHBROOKE, J. H. *The Baptist Movement in the Continent of Europe*. London: The Carey Press, 1923.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração – ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, Eliane Moura da. e KARNAL, Leandro. *O Ensino religioso na Escola Pública do estado de São Paulo*. São Paulo: CENP, 2002.

TAWNEY, R. H. *A religião e o surgimento do capitalismo*. São Paulo: Perspectiva: 1971.

TERVITS, Janis. *One Hundred and Twenty Years of Baptist Churches in Latvia*. Riga, 1980.

TUPES, Mília. *Contribuição ao estudo da colonização no Estado de São Paulo – ensaio sobre a colônia Varpa*. São Paulo: Coleção Museu Paulista, 1979.

VALLA, Victor Vincent (org.) *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

III. TESES, DISSERTAÇÕES E MONOGRAFIAS

Teses

AZEVEDO, Israel. B. de. *A celebração do indivíduo – a formação liberal do protestantismo batista no Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1995. Tese de Doutorado.

BARATA, Alexandre Mansur. *Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência (Brasil, 1790-1822)*. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002. Tese de Doutorado.

CHAGAS, Patrícia de S. P. *Em busca da Mama África – identidade africana, cultura negra e política branca na Bahia*. Campinas: Unicamp, 2001. Tese de Doutorado.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. Campinas: Unicamp, 1993. Tese de Doutorado.

GADELHA, Regina Maria D'Aquino Fonseca. *Os núcleos coloniais e o processo de acumulação cafeeira (1850-1920): contribuição ao estudo da colonização em São Paulo*. São Paulo: USP, 1982. Tese de Doutorado.

Dissertações

ALMEIDA, Ronaldo R Machado de. *A universalização do Reino de Deus*. Campinas: IFCH/Unicamp, 1996. Dissertação de Mestrado.

BOLDRINI, Maria Irani. *A imigração leta: o núcleo oficial de Nova Odessa*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989. Dissertação de Mestrado.

COSTA, Ramon Santos da. *A igreja de Cristo denominada Batista, em Nilópolis*. Campinas: IFCH/Unicamp, 1998. Dissertação de Mestrado.

DUDUCH, Wagner. *A Educação Superior na formação de pastores batistas. Um estudo sobre a Faculdade teológica Batista de Campinas*. Campinas: FE/Unicamp, 2001. Dissertação de Mestrado.

VASSILIEFF, Irina. *Imigração Leta no Brasil: a experiência da colônia de Varpa na Alta Paulista (1922-1964)*. São Paulo: USP, 1979. Dissertação de Mestrado.

